

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL**

**BILINGÜISMO DE DIALETO ITALIANO-PORTUGUÊS:
ATITUDES LINGÜÍSTICAS**

MARIA CRISTINA ZANDOMENEGHI BERGAMASCHI

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras e
Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul,
como requisito para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Professora orientadora:
DRA. VITALINA MARIA FROSI

Caxias do Sul, setembro de 2006.

**Em memória de minha mãe
Ignez Égide Boff Zandomeneghi**

**Para meu pai
Pedro Celestino Zandomeneghi**

**Para Jorge,
Guilherme e Georgia**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha Orientadora, Professora Doutora Vitalina Maria Frosi, pela dedicação manifestada em todos os nossos muitos encontros, pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis e pelo desprendimento ao colocar à minha disposição sua biblioteca repleta de obras importantíssimas para o meu trabalho.

Um agradecimento especial à minha família pela compreensão demonstrada durante tantas ausências, pelo apoio incondicional recebido e por serem sensíveis ao ponto de perceberem a importância deste projeto para a minha vida.

Agradeço às pessoas entrevistadas pela disponibilidade e atenção com que me receberam em suas casas e locais de trabalho, abrindo os corações e colaborando na transformação das respostas em pesquisa científica.

Agradeço ainda a todos os professores do curso pelos maravilhosos encontros semanais, verdadeiras aulas de vida; à coordenação do Mestrado em Letras e Cultura Regional, nas pessoas do professor Doutor Flávio Loureiro Chaves e da professora Doutora Elisa Battisti e à Universidade de Caxias do Sul por tornar o curso possível.

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRAT.....	08
ABREVIATURAS.....	09
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I	CAXIAS DO SUL..... 16
1	Aspectos Gerais da Colônia Caxias..... 16
1.1	Galópolis: histórico da localidade..... 17
1.2	A comunidade de Galópolis hoje..... 21
1.3	Galópolis: seus habitantes..... 23
CAPÍTULO II	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 26
2	A Sociologia da Linguagem..... 26
2.1	Labov e a variação lingüística..... 27
2.2	Fishman: manutenção e mudança lingüística..... 28
2.3	Princípios teóricos de outros autores importantes..... 31
2.3.1	William Mackey..... 31
2.3.2	Miquel Siguan..... 33
2.3.3	Jan-Petter Blom e John Gumperz..... 35
2.3.4	René Appel e Pieter Muysken..... 36
2.3.5	François Grosjean..... 37
2.3.6	Erving Goffman..... 38
2.4	Os conceitos de cultura e região..... 41
2.5	A definição dos termos..... 44
2.5.1	Prestígio e desprestígio lingüístico..... 44
2.5.2	Preconceito e estigma..... 45
2.5.3	Língua, dialeto e variedade lingüística..... 47
2.5.4	Diglossia..... 51
2.5.5	Bilingüismo e línguas em contato..... 53
2.5.6	Atitudes lingüísticas..... 55
2.5.7	Comunidade lingüística e comunidade de fala..... 57
2.5.8	Identidade étnica e identidade lingüística..... 59
2.5.9	Lealdade e fidelidade lingüística..... 60
2.5.10	Sistema, norma e falar concreto..... 62
2.5.11	Gramática e língua funcional..... 66
CAPÍTULO III	METODOLOGIA..... 70
3.1	A escolha da comunidade..... 70
3.2	O histórico dos sujeitos..... 70
3.2.1	As variáveis..... 73
3.3	As hipóteses..... 74
3.4	A pesquisa quantitativa..... 75
3.4.1	O instrumento da pesquisa quantitativa..... 75
3.4.2	A aplicação do instrumento..... 76
3.5	A pesquisa qualitativa..... 77
3.5.1	O instrumento da pesquisa qualitativa..... 78

3.5.2	A aplicação do instrumento.....	78
CAPÍTULO IV	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA QUANTITATIVA.....	79
4	Os Dados Levantados na Pesquisa Quantitativa.....	79
4.1	Frases positivas.....	79
4.1.1	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana.....	79
4.1.2	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana.....	80
4.1.3	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural.....	81
4.1.4	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural.....	83
4.1.5	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana.....	86
4.1.6	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana.....	87
4.1.7	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural.....	88
4.1.8	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural.....	89
4.1.9	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana.	91
4.1.10	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana.....	92
4.1.11	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural...	93
4.1.12	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural..	94
4.2	Frases negativas.....	97
4.2.1	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana.....	97
4.2.2	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana.....	98
4.2.3	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural.....	100
4.2.4	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural.....	101
4.2.5	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana.....	105
4.2.6	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana.....	106
4.2.7	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural.....	107
4.2.8	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural.....	108
4.2.9	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana.	111
4.2.10	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana.....	112
4.2.11	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural...	113
4.2.12	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural.	114

4.3	As profissões indicadas pelos sujeitos no instrumento.....	117
4.4	Síntese dos resultados da pesquisa quantitativa.....	125
CAPÍTULO V	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PES-	
	QUISA QUALITATIVA.....	126
5	Os Dados Levantados na Pesquisa Qualitativa.....	126
5.1	O tempo passado e o tempo presente.....	126
5.1.1	O tempo passado e a relação entre os moradores da cidade e da colônia.....	127
5.1.2	O tempo passado e a relação entre pais e filhos.....	129
5.1.3	O tempo presente e a relação entre os moradores da cidade e da colônia.....	129
5.1.4	O tempo presente e a relação entre pais e filhos.....	130
5.1.5	O tempo passado e a transformação da colônia nos dias atuais.....	131
5.1.6	O tempo presente e o turismo rural.....	132
5.1.7	O tempo presente, o orgulho da origem étnica e condição socio-cultural.....	132
5.1.8	O tempo presente e a fala do português com interferências do dialeto italiano.....	133
5.2	Síntese dos resultados da pesquisa qualitativa.....	134
CONCLUSÃO.....		137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		144

RESUMO

Este trabalho trata das atitudes lingüísticas dos falantes em relação às variedades lingüísticas utilizadas nas duas comunidades pesquisadas. Quando são atribuídos valores aos falantes de uma língua ou variedade lingüística, em última análise, o que está sendo avaliado positiva ou negativamente é a própria língua ou variedade lingüística por eles empregada. Deste modo são observadas as atitudes lingüísticas de prestígio ou desprestígio – preconceito ou estigma – dos falantes nas ocorrências de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. A análise é realizada a partir dos dados levantados nas pesquisas de campo, por amostragem, de caráter quantitativo e qualitativo e são apresentadas as conclusões advindas deste estudo.

Palavras-chave: atitudes lingüísticas – bilingüismo – variedades lingüísticas – prestígio lingüístico – desprestígio lingüístico – preconceito – estigma

ABSTRAT

This study refers to the speakers' attitude toward linguistic variations used on both studied communities. When values are attributed to the speakers of a language or to linguistic variation, eventually, the language or linguistic variation used by them is being positive or negatively analyzed. Therefore, the speakers' linguistic attitudes of prestige or disrepute – prejudice or stigma – are being observed in the occurrences of standard Portuguese, Italian dialect and Portuguese with interference of Italian dialect. The analysis is carried out based on the qualitative and quantitative field research data, through samples, and the conclusions to this study are presented.

Key-words: linguistic attitude, bilingualism, linguistic variations, linguistic prestige, linguistic disrepute, prejudice, stigma.

ABREVIATURAS

[PP] Português padrão
[DI] Dialeto italiano
[PIDI] Português com interferências do dialeto italiano
[LP] Língua Portuguesa
[EF] Ensino fundamental
[EM] Ensino médio
[ES] Ensino superior
[RCI] Região de Colonização Italiana
[F] Feminino
[M] Masculino
[S] Solteiro
[C] Casado
[V] Viúvo
[CP] Concordo plenamente
[C] Concordo
[NC/ND] Nem concordo nem discordo
[D] Discordo
[DT] Discordo totalmente
[NR] Não respondeu
[cf.] confira

SUJEITOS DA PESQUISA

S01 sujeito da pesquisa n. 01
S02 sujeito da pesquisa n. 02
S03 sujeito da pesquisa n. 03
S04 sujeito da pesquisa n. 04
S05 sujeito da pesquisa n. 05
S06 sujeito da pesquisa n. 06
S07 sujeito da pesquisa n. 07
S08 sujeito da pesquisa n. 08
S09 sujeito da pesquisa n. 09
S10 sujeito da pesquisa n. 10
S11 sujeito da pesquisa n.11
S12 sujeito da pesquisa n. 12
S13 sujeito da pesquisa n. 13
S14 sujeito da pesquisa n. 14
S15 sujeito da pesquisa n. 15
S16 sujeito da pesquisa n. 16
S17 sujeito da pesquisa n. 17
S18 sujeito da pesquisa n. 18
S19 sujeito da pesquisa n. 19
S20 sujeito da pesquisa n. 20
S21 sujeito da pesquisa n. 21
S22 sujeito da pesquisa n. 22
S23 sujeito da pesquisa n. 23
S24 sujeito da pesquisa n. 24

ANEXOS

Anexo I	Ficha para a elaboração do histórico do sujeito.....	148
Anexo II	Texto utilizado na audição da variedade lingüística do português padrão...	149
Anexo III	Texto utilizado na audição da variedade lingüística do dialeto italiano.....	150
Anexo IV	Texto utilizado na audição da variedade lingüística do português com interferências do dialeto italiano.....	151
Anexo V	Instrumento utilizado na pesquisa quantitativa.....	152
Anexo VI	Instrumento utilizado na pesquisa qualitativa.....	153

MAPAS

Mapa 01	Município de Caxias do Sul.....	20
Mapa 02	Estado do Rio Grande do Sul.....	20
Mapa 03	Brasil.....	21

QUADROS

Quadro 01	Quadro-resumo do perfil sociocultural dos sujeitos.....	73
Quadro 02	Profissões citadas pelos sujeitos.....	119
Quadro 03	Relações entre tempo, preconceito ou estigma e prestígio.....	135
Quadro 04	Quadro-resumo da ocorrência da variedade de português padrão.....	140

TABELAS

Tabela 01	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases positivas.....	79
Tabela 02	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases positivas.....	80
Tabela 03	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases positivas.....	81
Tabela 04	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases positivas.....	83
Tabela 05	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases positivas.....	86
Tabela 06	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases positivas.....	87
Tabela 07	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases positivas.....	88
Tabela 08	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases positivas.....	89
Tabela 09	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana – frases positivas.....	91
Tabela 10	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana – frases positivas.....	92
Tabela 11	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural – frases positivas.....	93
Tabela 12	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural – frases positivas.....	94

Tabela 13	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases negativas.....	97
Tabela 14	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases negativas.....	98
Tabela 15	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases negativas.....	100
Tabela 16	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases negativas.....	101
Tabela 17	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases negativas.....	105
Tabela 18	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases negativas.....	106
Tabela 19	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases negativas.....	107
Tabela 20	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases negativas.....	108
Tabela 21	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana – frases negativas.....	111
Tabela 22	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana – frases negativas.....	112
Tabela 23	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural – frases negativas.....	113
Tabela 24	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural – frases negativas.....	114

GRÁFICOS

Gráfico 01	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases positivas.....	80
Gráfico 02	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases positivas.....	81
Gráfico 03	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases positivas.....	82
Gráfico 04	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases positivas.....	83
Gráfico 05	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases positivas.....	86
Gráfico 06	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases positivas.....	87
Gráfico 07	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases positivas.....	88
Gráfico 08	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases positivas.....	89
Gráfico 09	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana – frases positivas.....	92
Gráfico 10	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana – frases positivas.....	93
Gráfico 11	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural – frases positivas.....	94
Gráfico 12	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural – frases positivas.....	95

Gráfico 13	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases negativas.....	98
Gráfico 14	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana – frases negativas.....	99
Gráfico 15	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases negativas.....	100
Gráfico 16	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural – frases negativas.....	102
Gráfico 17	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases negativas.....	105
Gráfico 18	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana – frases negativas.....	107
Gráfico 19	Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases negativas.....	108
Gráfico 20	Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural – frases negativas.....	109
Gráfico 21	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana – frases negativas.....	112
Gráfico 22	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana – frases negativas.....	113
Gráfico 23	Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural – frases negativas.....	114
Gráfico 24	Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural – frases negativas.....	115
Gráfico 25	Profissões citadas pelos sujeitos.....	120
Gráfico 26	Profissão de agricultor no gênero feminino na zona urbana.....	121
Gráfico 27	Profissão de agricultor no gênero feminino na zona rural.....	121
Gráfico 28	Profissão de agricultor no gênero masculino na zona urbana.....	122
Gráfico 29	Profissão de agricultor no gênero masculino na zona rural.....	122
Gráfico 30	Profissão de professor no gênero feminino na zona urbana.....	123
Gráfico 31	Profissão de professor no gênero feminino na zona rural.....	123
Gráfico 32	Profissão de professor no gênero masculino na zona urbana.....	123
Gráfico 33	Profissão de professor no gênero masculino na zona rural.....	124

A torre de Babel

Toda a terra tinha uma só língua, e servia-se das mesmas palavras. Alguns homens, partindo para o oriente, encontraram na terra de Senaar uma planície onde se estabeleceram. E disseram uns aos outros: “Vamos, façamos tijolos e cozamo-los no fogo.” Serviram-se de tijolos em vez de pedras e de betume em lugar de argamassa. Depois disseram: “Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra.” Mas o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que construíram os filhos dos homens. “Eis que são um só povo, disse ele, e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro.” Foi dali que o Senhor os dispersou daquele lugar pela face de toda a terra, e cessaram a construção da cidade. Por isso, deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sobre a face da toda a terra.

Gênesis 11, 1-9

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada na Região Administrativa de Galópolis, pertencente ao Município de Caxias do Sul e situada na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul – RCI. As duas comunidades escolhidas para a realização da pesquisa foram a Sede de Galópolis (zona urbana) e a Comunidade de Santo Antão na Terceira Léguas (zona rural).

Na fala dos moradores das duas comunidades, foram constatadas as ocorrências de três variedades lingüísticas: português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. A partir da constatação feita, houve o interesse em pesquisar as atitudes lingüísticas de prestígio ou desprestígio – preconceito ou estigma – dos falantes em relação às variedades lingüísticas existentes nas localidades.

O que, inicialmente, era apenas interesse, acabou por materializar-se no trabalho aqui apresentado e assim distribuído em cinco capítulos.

O primeiro capítulo apresenta um breve relato da trajetória da Colônia Caxias, com seu rápido crescimento e progresso, fatores que a distinguem de outras colônias criadas no mesmo período. O mesmo capítulo aborda ainda o surgimento da 5ª Léguas da Colônia Caxias – Nossa Senhora da Maternidade – e suas transformações até chegar a Galópolis atual, com suas peculiaridades e o dia-a-dia de seus habitantes.

No segundo capítulo, encontra-se a fundamentação teórica que dá sustentação à pesquisa realizada dentro da sociolingüística. A pesquisa baseia-se na teoria variacionista de Labov e em Fishman. Porém, conta igualmente com o aproveitamento dos estudos de outros autores da área da sociolingüística quando o material levantado e estudado propicia a análise e a abordagem das atitudes lingüísticas. Os autores abordados são: William Mackey, Miquel Siguan, Jan-Petter Blom, John Gumperz, René Appel, Pieter Muysken, François Grosjean e Erving Goffman.

Os conceitos de cultura e região também são apresentados nesse capítulo, bem como as definições de termos relevantes ao trabalho realizado, a saber: prestígio e desprestígio lingüístico; preconceito e estigma; língua, dialeto e variedade lingüística; diglossia; bilingüismo e línguas em contato; atitudes lingüísticas; comunidade lingüística e comunidade de fala; identidade étnica e identidade lingüística; lealdade e fidelidade lingüística; sistema, norma e falar concreto; gramática e língua funcional.

A especificação da metodologia utilizada no trabalho de pesquisa encontra-se no terceiro capítulo, que aborda a escolha da comunidade, o histórico dos sujeitos, as variáveis consideradas, as hipóteses formuladas e o tipo de pesquisa realizada. As pesquisas feitas nas duas comunidades são de caráter quantitativo e de caráter qualitativo.

O quarto capítulo traz os dados levantados na pesquisa de campo, por amostragem, de caráter quantitativo. Os dados obtidos estão agrupados de acordo com as variáveis de gênero (feminino ou masculino), faixa etária ou geração (dos 15 aos 25 anos, dos 30 aos 45 anos, com mais de 50 anos) e local de residência (zona urbana ou rural) dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A descrição dos dados é feita e os resultados obtidos são analisados.

No quinto capítulo, encontram-se os dados levantados na pesquisa de campo, por amostragem, de caráter qualitativo. Os dados obtidos mostram a existência de prestígio ou desprestígio lingüístico por parte dos falantes nas relações envolvendo: pessoas da colônia e da cidade; pais e filhos; a fala do português com interferências do dialeto italiano; a origem étnica e a condição sociocultural dos sujeitos; a transformação da colônia e o turismo rural. A descrição desses dados é realizada e os resultados são analisados.

A partir da coleta, sistematização, descrição e análise de todos os dados obtidos nas pesquisas quantitativa e qualitativa realizadas, este trabalho é finalizado por meio da apresentação da conclusão.

CAPÍTULO I

Caxias do Sul

1 Aspectos Gerais da Colônia Caxias

A colonização no Rio Grande do Sul foi feita essencialmente por açorianos, alemães e italianos. Para Giron e Bergamaschi¹, no período entre 1885 e 1906, entraram no Estado cerca de cem mil imigrantes, sendo mais de 50% deles italianos.

No princípio, segundo Herédia², as terras eram concedidas gratuitamente aos colonos vindos da imigração dirigida. Porém, a partir de 1854, com a lei 504, a colonização passou a ser feita à base da venda de terra.

Assim, os imigrantes, que povoaram a terceira colônia chamada *Fundos de Nova Palmira*, tiveram que pagar pela propriedade das terras e após efetivaram a posse das mesmas. Os limites da terceira colônia eram os Campos de Cima da Serra, as colônias de Nova Petrópolis, Nova Palmira e Picada Feliz. Essa nova colônia compreendia 17 léguas quadradas e foi a primeira a ser demarcada.

Em 11 de abril de 1877, conforme Giron e Bergamaschi³, a colônia situada aos Fundos de Nova Palmira, devido a um ato do Governo, passou a ser chamada *Colônia Caxias*, sede do núcleo.

Somente em 20 de junho de 1890, o Ato do Governo nº 257 criou o município de Caxias, cujos limites foram fixados, em 1892, pela Lei Orgânica Municipal. Por ocasião da emancipação, sua população era de, aproximadamente, dez mil habitantes, contando também com 120 empresas industriais e 38 casas comerciais.

¹ GIRON, Loraine S. e BERGAMASCHI, Heloisa E. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul: Educs, 2004, p. 190.

² HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização na zona colonial italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1997, p. 33 e 39.

³ GIRON, Loraine S. e BERGAMASCHI, Heloisa E. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul: Educs, 2004, p. 195 e 198.

De acordo com Herédia⁴, a *Colônia Caxias* teve rápido crescimento e evolução em relação às outras colônias que se originaram praticamente na mesma época, frutos do mesmo programa de colonização.

Nos quinze primeiros anos, superou a fase colonial e distrital, transformando-se em município autônomo, centro da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, absorveu as condições propícias ao desenvolvimento econômico e transformou-se de um simples núcleo colonial em uma das zonas industriais do Estado, através principalmente da força de trabalho.

A Sede Dante, que até 1910 era apenas uma vila, foi então, em decorrência de seu progresso e prosperidade, elevada à condição de cidade. Nesse mesmo ano, foi inaugurada a estrada de ferro, ligando o município à capital do Estado. Com a ferrovia, Caxias conquistou lugar de destaque no comércio de toda a colônia italiana, substituindo o antigo posto de intercâmbio comercial de São Sebastião do Caí.

1.1 Galópolis: histórico da localidade

Segundo Verona,⁵ a historiografia sul-rio-grandense registra que, em 1891 teriam partido de Schio, na Itália, para o Rio Grande do Sul, 308 operários do Lanifício Rossi e seus familiares. Destes, um pequeno grupo fixou-se na capital do Estado. Outro grupo, mais numeroso, adentrou no planalto para atingir as terras férteis do município de Caxias do Sul, cuja sede era então muito modesta.

Ali chegando, algumas famílias alojaram-se numa gleba denominada, na época, de 5ª Léguas (Nossa Senhora da Maternidade), nas proximidades de onde há, ainda hoje, uma queda de mais de 80 metros do Arroio Pinhal.

⁴ HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização na zona colonial italiana*. Caxias do Sul: Educ, 1997, p. 46 e 47.

⁵ VERONA, Antonio Folquito. *Itália & Brasil – Galópolis (Caxias do Sul)*. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/~folquito/galopolis.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2005.

No início, havia o interesse de transformá-los novamente em agricultores, porém, passados alguns anos, 28 desses imigrantes fundaram, em 1898, a Cooperativa de Tecidos de Lã e a futura Vila Operária.

Sem experiência administrativa, os italianos uniram-se a um antigo industrial do Piemonte: Hércules Galló⁶, que havia deixado o lanifício paterno em Valle Mosso, em 1899, com a morte do pai. Vindo para o Brasil, primeiramente viveu no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Porto Alegre. Após observar e fazer estudos sobre as condições econômicas que a Colônia Caxias apresentava, chegou à conclusão de que aquele momento era decisivo para a sua vida. Ingressou na Sociedade dos Italianos com um capital que lhe permitiu assumir a direção da empresa, modernizando-a. A Sociedade dos Italianos cresce e Galló, em 1904, compra a Cooperativa dos Italianos, designando-a então de Companhia de Tecidos de Lã e dirigindo-a juntamente com sua esposa.

A imagem de Hércules Galló foi construída sobre sua forma de empreender e agilizar os negócios, trazendo prosperidade ao Vale del Profondo e à região. Assumiu o poder político da vila, sendo eleito o primeiro Deputado Estadual representante da região colonial italiana. Até hoje a localidade, fundada pelos grevistas de Schio, tem o nome de um capitalista.

O alto nível de exploração da mão-de-obra adulta, juvenil e infantil, local e regional, de origem itálica e a inexplicável passividade dos trabalhadores criaram um processo de alienação que desempenhou papel essencial no caráter híbrido da mão-de-obra local, meio camponesa, meio proletária.

Devido aos baixos salários praticados pelo lanifício, não houve sequer desenvolvimento comercial e terciário em Galópolis, apesar de seu meio milhar de assalariados. Os capitais ali produzidos tampouco foram investidos na região.

⁶ HERÉDIA, Vania B. M. *Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor*. Porto Alegre: EST, 1. ed. 2003, p. 40-51.

Profundo, de acordo com Frosi e Mioranza⁷, foi a primeira denominação dada a Galópolis, justamente por situar-se em vale profundo. Porém, a sua única denominação oficial é aquela pela qual até hoje a localidade é identificada: Galópolis.

O povoado passou a ser chamado pelo nome de Galópolis⁸, a 02 de fevereiro de 1914, em homenagem a Hércules Galló, como decorrência do Ato nº 14 da Intendência Municipal de Caxias do Sul, assinado pelo Coronel José Pena de Moraes, que elevou a vila à categoria de quinto distrito municipal.

A localização topográfica da sede Galópolis compreende o Travessão Barata Góes, lote nº 13; o Travessão Santa Rita, lote nº 72 e o Travessão Solferino, lote nº 43.

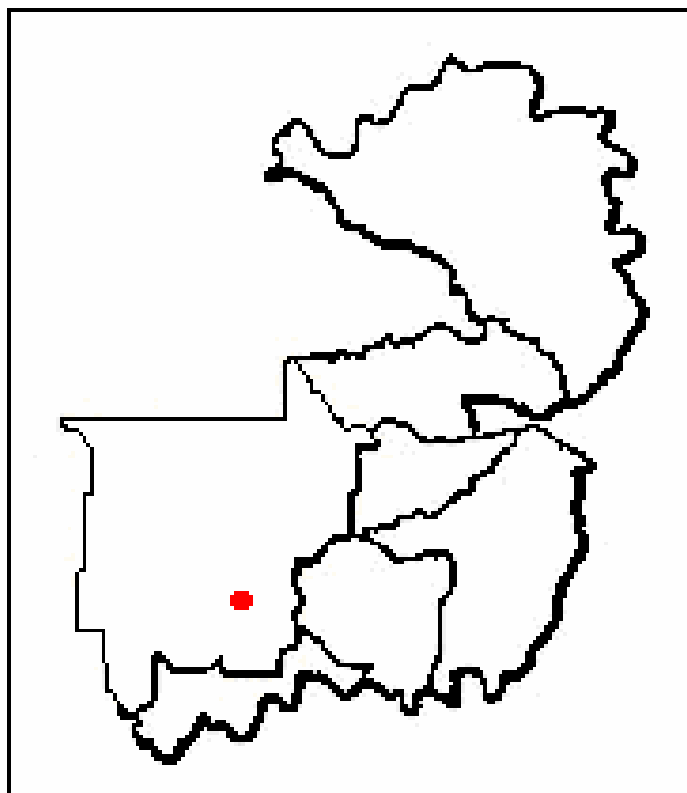
A referência cronológica mais antiga da localidade data de 1877, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos vindos das regiões do Vêneto e do Trentino-Alto Ádige. Os demais habitantes do local, neste mesmo período, eram austríacos, poloneses e migrantes oriundos de outros municípios sul-rio-grandenses.

Galópolis foi elevada à categoria de capela na década de 1890. Em 02 de fevereiro de 1914, tornou-se distrito, extinto em 30 de maio de 1924. A localidade passou, a partir de então, a ser considerada paróquia. Contudo, em 1º de outubro de 1925, foi novamente elevada à categoria de distrito.

⁷ FROSI, Vitalina M. e MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983, p. 13 e 18.

⁸ HERÉDIA, Vania B. M. *Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor*. Porto Alegre: EST, 1. ed. 2003, p. 118 e 119.

MAPA 01
MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL⁹
EM DESTAQUE A REGIÃO ADMINISTRATIVA DE GALÓPOLIS



MAPA 02
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL¹⁰
EM DESTAQUE O MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL



⁹ Fonte: PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. *Coordenadoria Distrital*. Disponível em: <http://www.caxias.rs.gov.br/distrital/distrital_galopolis.php4>. Acesso em: 08 ago. 2006. Adaptado.

¹⁰ Fonte: WIKIPÉDIA. *A enciclopédia livre*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:RioGrandedoSul_Municip_CaxiasdoSul.svg>. Acesso em: 08 ago. 2006. Adaptado.

MAPA 03
BRASIL¹¹
EM DESTAQUE O MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL



1.2 A comunidade de Galópolis hoje

Atualmente, é uma Região Administrativa pertencente ao Município de Caxias do Sul. A região fisiográfica em que se situa Galópolis é a Encosta Superior do Nordeste e sua micro-região fisiográfica é a da vitivinicultura de Caxias do Sul.

Nos dois locais em que foi realizada a pesquisa de campo por amostragem – Galópolis (Sede) e Santo Antônio (Terceira Léguas) – os sistemas lingüísticos utilizados na comunicação foram a Língua Portuguesa e os dialetos italianos.

A principal via de acesso da Sede Galópolis a Caxias do Sul é a BR 116, perfazendo uma distância de dez quilômetros. Já o principal acesso entre a Comunidade de Santo Antônio e Caxias do Sul é a Estrada do Imigrante.

¹¹Fonte: DISTÂNCIAS RODOVIÁRIAS. Disponível em:
<<http://www.farroupilha.rs.gov.br/imagens/mapa.jpg>>. Acesso em: 08 ago. 2006. Adaptado.

Tanto a sede da Região Administrativa quanto a Comunidade de Santo Antônio contam com transporte público coletivo. Na primeira, o trajeto é feito pela BR 116. A segunda beneficia-se pela sua proximidade com o bairro caxiense denominado Jardim Oriental.

De modo geral, percebe-se que, com o passar dos anos, as características rurais dessas localidades estão dando lugar a novas características, agora, urbanas. As duas comunidades têm apresentado constantes mudanças devido à implantação de melhorias como: luz elétrica, telefone, vias de acesso em bom estado de conservação e transporte público coletivo. Mesmo a zona rural, dedicando-se basicamente à produção de hortifrutigranjeiros, tem mudado suas características rurais, pois os que ali moram estão muito próximos de Caxias do Sul e das vantagens tecnológicas que um centro urbano maior proporciona. Os moradores mais velhos trabalham na terra em suas propriedades, mas os jovens voltam para casa apenas para dormir. Passam o dia na cidade estudando e trabalhando, pois estão perfeitamente integrados à vida moderna.

A partir de informações do site da Prefeitura de Caxias do Sul,¹² atualmente, Galópolis, situada a dez quilômetros do centro da cidade, é uma das quatro regiões administrativas do município e possui uma população estimada em 2.209 habitantes, de acordo com o censo de 2000, realizado pelo IBGE. Essa região administrativa está distribuída em uma área de 5.348 hectares e é responsável por 4,20% da produção rural total do município, produção baseada na vitivinicultura, aviários, hortigranjeiros, pêssego e moagem (produção de farinha), além da indústria têxtil.

Conforme dados obtidos na Subprefeitura de Galópolis, que funciona na Rua Hércules Galló, nº 38 e cujo subprefeito é o Sr. Mário Pinto, a Região Administrativa de Galópolis é composta por nove comunidades: Santo Antônio, Gruta e parte de São Luís (na Terceira Légua);

¹² PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. *Coordenadoria Distrital*. Disponível em: <http://www.caxias.rs.gov.br/distrital/distrital_galopolis.php4>. Acesso em: 27 mar. 2005.

São Braz, São João, São José e São Paulo (na Quarta Léguas); Maternidade (na Quinta Léguas) e São Francisco (na Sexta Léguas).

Os eventos que movimentam as comunidades são vários, a começar pela Festa da Gruta, realizada no mês de fevereiro na Terceira Léguas, em honra à Nossa Senhora de Lourdes. Acontecem também, na Terceira Léguas, a Festa da Colônia e a Expochácara. Na Quarta Léguas, ocorrem a Festa do Agricultor e a Festa da Colheita, esta em julho, na Comunidade de São João.

Na sede, acontece, em junho, a Festa de São Pedro, padroeiro do hoje extinto Lanifício São Pedro. Em outubro, comemora-se a Semana de Galópolis e acontece a Festa à Nossa Senhora do Rosário, padroeira da sede. No final do ano, o Pe. Cláudio Pezzoli convida os paroquianos para um almoço de confraternização no Salão Paroquial, onde todos os colaboradores da comunidade são homenageados.

Pode-se perceber, de acordo com as informações levantadas, que são traços característicos das comunidades o entusiasmo, a alegria e a satisfação na preparação e na realização das confraternizações religiosas e gastronômicas, vistas como formas de reunir e integrar os moradores e de acolher os visitantes. Cada localidade preserva o culto ao santo ou à santa padroeira e a celebração litúrgica é o ponto alto das festas, juntamente com os almoços e/ou jantares típicos da Região de Colonização Italiana.

1.3 Galópolis: seus habitantes

Os habitantes de Galópolis, de modo geral, possuem uma mobilidade muito grande no sentido diatópico e, em dimensão menor, também em nível diastrático. Os moradores mantêm contato pessoal com indivíduos de nível socioeconômico diferenciado, como uma decorrência de seus deslocamentos da comunidade em que vivem para centros urbanos diversos como, por exemplo, Caxias do Sul e grande Porto Alegre. Tal fenômeno é decorrente não só dos

intercâmbios socioeconômicos como também do acesso que as novas gerações têm em relação ao estudo em vários níveis e ao trabalho.

Na Sede de Galópolis, os moradores mais jovens podem optar por estudar em Caxias do Sul ou ainda em uma das duas escolas da própria comunidade, na Escola Estadual Ismael Chaves Barcellos ou na Escola Municipal Villa Lobos.

Porém, quando o objetivo do morador é conseguir uma vaga no mercado de trabalho, invariavelmente, o mesmo precisará deslocar-se para um centro maior como, por exemplo, Caxias do Sul, pois a localidade não possui um comércio forte. Na sede, o comércio existe apenas para suprir as necessidades básicas dos moradores.

Em relação ao setor industrial, Galópolis também não apresenta grande representatividade, principalmente após o fechamento do Lanifício São Pedro. Atualmente, a indústria mais importante da localidade é o Moinho Galópolis. Logo, torna-se inevitável para o morador da localidade a procura por emprego em outros centros urbanos maiores.

Os moradores mais idosos são geralmente aposentados e dedicam-se aos trabalhos voluntários no Clube de Mães e nas atividades ligadas à Paróquia de Nossa Senhora do Rosário ou ao lazer, através dos jogos de cartas e de *boccia* no Salão Comunitário.

Na zona rural, em Santo Antônio, os moradores mais jovens podem estudar em Galópolis ou em Caxias do Sul, já que ambas são próximas, existe transporte público e o trajeto é feito por vias em bom estado de conservação. Mas, na busca pelo emprego, o destino dos jovens geralmente é o centro urbano maior, no caso, Caxias do Sul, onde a colocação é mais fácil.

Os adultos e idosos preferem o trabalho na própria comunidade. As suas propriedades rurais são pequenas e o trabalho é familiar. A produção dessas propriedades é baseada em hortifrutigranjeiros, especialmente no cultivo da uva e nos aviários.

O diferencial na produção é dado pela criação das agroindústrias familiares que, através do beneficiamento do produto primário em outros produtos advindos dele, agrega valor ao mesmo e aumenta a rentabilidade do produtor rural, garantindo a sua permanência na colônia.

Este programa foi criado e desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. A produção é comercializada na própria comunidade, que faz parte do Roteiro Turístico da Estrada do Imigrante, e através das feiras do Agricultor, Ecológica e do Ponto da Colheita.

Deste modo, os moradores da zona rural não são obrigados a abandonar suas propriedades na tentativa de encontrar trabalho na cidade e sentem-se motivados ao verem a valorização do seu trabalho na colônia.

CAPÍTULO II

Fundamentação Teórica

2 A Sociologia da Linguagem

Para Fishman¹³, o homem, enquanto usuário da língua falada, escrita e impressa está constantemente ligado aos demais mediante normas de conduta partilhadas. Assim, a *sociologia da linguagem* examina a interação entre o uso da língua e a organização social da conduta. Ela se ocupa da totalidade dos temas relacionados com a organização social do comportamento lingüístico, incluindo o uso lingüístico, as mesmas atitudes lingüísticas e os comportamentos explícitos da língua e de seus usuários. Procura também determinar o valor simbólico que as variedades lingüísticas têm para os falantes.

Labov¹⁴ apóia a posição de Fishman, que descreve a *sociologia da linguagem* como um amplo campo de pesquisa integrado por técnicas e métodos variados para a investigação da socialização da linguagem: estudos lingüísticos, etnografia da fala, investigações lingüísticas, análise de comunidades bilíngües e multilíngües, problemas de planejamento lingüístico, etc.

A *sociologia da linguagem* subdivide-se em *sociologia descritiva da linguagem* e *sociologia dinâmica da linguagem*.¹⁵ A primeira pretende descobrir as normas do uso lingüístico, ou seja, as estruturas sociais geralmente aceitas do uso lingüístico, do comportamento e atitude ante a linguagem das comunidades sociais concretas, grandes e pequenas. Já a segunda pretende explicar por que e como a organização social do uso lingüístico e do comportamento frente à linguagem pode ser seletivamente diferente nas mesmas comunidades sociais em dois momentos distintos. Procura explicar também por que e

¹³ FISHMAN, Joshua A. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 33.

¹⁴ HEYE, Jürgen. Sociolingüística. In: PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 208.

¹⁵ FISHMAN, Joshua A. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 35.

como comunidades sociais semelhantes, em outro período, podem se transformar em organizações sociais de uso e comportamento lingüísticos completamente diferentes.

Logo, *a sociologia da linguagem* é, pois “el estudio de las características de las variedades de lengua, las de sus funciones y las de sus hablantes en la medida en que estas tres se interrelacionan, cambian y modifican mutua y constantemente en y entre las comunidades lingüísticas”.¹⁶

2.1 Labov e a variação lingüística

Labov (1972, 1976) foi um dos primeiros a trabalhar a heterogeneidade diastrática da língua. Ele viu a possibilidade da sistematização da variável lingüística a partir de estudos de empregos da língua no contexto social.

Com sua tese sobre *As motivações sociais de mudança fonética*, fundamentou um modelo teórico-metodológico chamado de sociolingüística (estudo dos aspectos sociais com a intenção de compreender melhor a estrutura da língua e seu funcionamento), parte da lingüística, com a função de demonstrar a correlação entre fenômenos lingüísticos e socioeconômicos, estabelecendo uma relação de causa e efeito.

No centro da teoria de Labov, estão: a previsibilidade da variação lingüística, segundo a definição social do falante que prova uma regularidade da variação dita livre; o estudo *diacrônico* em *sincronia* (mudança em curso) revela imediatamente que variação histórica é, antes de tudo, variação social; a qualidade da mudança estudada, puramente fonética e não percebida pelos sujeitos falantes, demonstra a necessidade de formular um nível fonético estrutural.

As regras variáveis poderiam esclarecer a estrutura da variação: variação estilística (*diafásica*) – gramática usada pelo falante no conjunto de seus estilos –, variação social

¹⁶ *Ibid.* p. 39.

(*diestrática*) – dialetos falados na comunidade – e a variação diacrônica em curso – evolução dos fatos da língua. Logo, para o autor, é importante repensar a noção de língua e gramática como um conjunto de regras que regem todas as relações lingüísticas do falante-ouvinte.

A partir da realização de pesquisas na Ilha de Martha's Vineyard e em Nova Iorque, Labov observa que os resultados apontam para a idéia que, quanto mais o contexto é formal, mais aparecem, em todos os interlocutores, as variantes de prestígio. Portanto, segundo Pierre Encrevé, Labov¹⁷ conclui que uma comunidade lingüística não deve ser concebida como um grupo de falantes que utilizam todos as mesmas formas, mas como um grupo de falantes a quem se impõem as mesmas normas quanto à língua.

Para Labov, “o elemento variante da língua define o lugar dos conflitos sociais no jogo lingüístico”¹⁸; deste modo, a ação da sociolingüística impõe a investigação da língua de todos os dias, impõe um retorno à atividade cotidiana das pessoas comuns.

2.2 Fishman: manutenção e mudança lingüística

Fishman¹⁹ aborda o aspecto da manutenção e da mudança lingüísticas, afirmando que a segunda ocorrência envolve casos em que populações adotaram uma nova língua ou variedade em seus repertórios e renunciaram ou não, ao mesmo tempo, à língua ou à variedade que até então haviam utilizado.

As conseqüências da manutenção e mudança da língua²⁰, que são de grande interesse do estudioso, não são fenômenos de interferência em si, mas são, antes, manifestações dos graus de manutenção ou mudança em conjunção a várias fontes e domínios da variação no

¹⁷ LABOV, Willian. *Sociolinguistique*. Présentation de Pierre Encrevé. Traduit de l'anglais par Alain Kihn. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976, p. 21.

¹⁸ *Ibid.* p. 33.

¹⁹ FISHMAN, Joshua. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 135.

²⁰ *Ibid.* p. 137 e 138.

comportamento lingüístico. A quantificação do uso lingüístico habitual está relacionada com a questão muito mais antiga da indagação sobre o grau do bilingüismo.

O grau de manutenção e de mudança pode ser muito diferente segundo a *fala interior* (na qual o ego é o emissor e o receptor), a produção (código, no qual o ego é o emissor) e a compreensão (decodificado, no qual o ego é o receptor).

Ervin e Osgood fazem a distinção entre *bilingüismo subordinado e coordenado*²¹, que surgiu da consciência (o que vários investigadores têm feito durante anos) de que há pelo menos dois tipos de funcionamento do bilingüismo. Um, o do tipo subordinado, é característico do bilingüismo adquirido por uma criança que cresce em um lugar onde se falam duas línguas, de modo mais ou menos intercambiável, pelas mesmas pessoas e nas mesmas situações. O outro, o bilingüismo do tipo coordenado, é típico do *verdadeiro* bilíngüe, que tem aprendido a falar uma língua com seus pais, por exemplo, e a outra na escola ou no trabalho.

Esses autores acreditam que o conceito de domínio²² pode ajudar a estabelecer a diferença entre subordinado/coordenado em uma perspectiva sociocultural de maneira muito parecida de como poderia ser na área total da manutenção e mudança lingüísticas. Os bilíngües variam respectivamente em relação ao número e à ocultação dos domínios em que habitualmente empregam cada uma das suas línguas. Assim o estudioso pode medir o bilingüismo baseado em sua consciência de que: (a) há necessidade de várias estimativas se existe o desejo de refletir sobre as realidades sociais dos contextos multilingüísticos e (b) essas estimativas podem organizar-se de acordo com as considerações relativamente gerais que a variedade possui.

²¹ ERVIN, S. e OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism, suplemento da revista *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 49, 1954, p. 140.

²² *Ibid.* p. 139-143.

Para Fishman²³, em certas condições de interação, a incidência e configuração relativas do bilingüismo se estabilizam e permanecem perfeitamente constantes com o tempo em várias comunidades bilíngües. Mas, em outras comunidades, uma variedade ou outra pode continuar ganhando falantes com o conseqüente incremento inicial do bilingüismo e o posterior decréscimo na medida em que a variedade de prestígio vai sendo a língua predominante nos adultos e a língua materna é a predominante nos jovens. Deste modo, os processos psicológicos, sociais e culturais associados ao uso de hábitos lingüísticos têm por objetivo determinar os processos que distinguem tais condições de interação obviamente distintas, bem como os processos nos quais uma condição se transforma em outra.

É necessário que se leve a cabo o estudo da *manutenção e mudança lingüísticas*²⁴ dentro do contexto dos estudos dos contatos intersociais que se relacionam a outros processos no âmbito lingüístico: a urbanização ou ruralização, a industrialização ou o seu abandono, o nacionalismo ou a desetnização, o nativismo ou o cosmopolismo, a revitalização religiosa ou a secularização, entre outros.

De fato, se tem demonstrado que muitos dos fatores citados com mais generalidade como influentes significativamente na manutenção ou mudança lingüísticas são, em diferentes contextos, os que não têm importância como generalizações quando são vistos numa perspectiva mais ampla. A presença de tantos fatores ambivalentes é uma clara indicação de que devem estar implicadas freqüentemente interações completas entre os fatores que contribuem parcialmente e que pode requerer-se uma tipologia das *situações de contato* (assim como uma teoria de mudança sociocultural) antes que se possa reconhecer uma maior regularidade entre tais fatores.

²³ FISHMAN, Joshua. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 147.

²⁴ *Ibid.* p. 149 e 150.

2.3 Princípios teóricos de outros autores importantes

2.3.1 William Mackey

Mackey²⁵ trata do bilingüismo, que, para o autor, é um padrão de comportamento de práticas lingüísticas que se modificam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência.

O *grau do bilingüismo*²⁶ é a habilidade do bilíngüe no uso de cada uma de suas línguas. Já a *função* é o uso que o bilíngüe faz da língua e sob que condições ele a utiliza.

As *funções externas*²⁷ são determinadas pelo número de áreas de contato (todos os meios através dos quais as línguas foram adquiridas e usadas: casa, comunidade, escola, meios de comunicação de massa, correspondência) e pela variação de cada uma na duração (determina a importância da influência de qualquer meio de contato no bilingüismo do indivíduo), na frequência (a duração só é significativa quando se conhece a sua frequência) e na pressão (em cada meio de contato, poderá haver pressões – econômicas, administrativas, culturais, políticas, militares, históricas, religiosas ou demográficas – que influenciam o bilíngüe no uso de uma língua ao invés de outra).

As *funções internas*²⁸ influenciam a habilidade do bilíngüe em resistir ou aproveitar-se das situações com as quais entra em contato. Englobam usos não-comunicativos (cantando, calculando, rezando, amaldiçoando, sonhando, escrevendo diário, tomando notas...) e expressão de atitudes intrínsecas, que são prováveis fatores que influenciam a atitude do bilíngüe (sexo, idade, inteligência, memória, atitude da língua, motivação).

²⁵ MACKEY, William. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. *Leading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague, Monton, 1972. p. 554 e 555.

²⁶ *Ibid.* p. 556.

²⁷ *Ibid.* p. 557 e 558.

²⁸ *Ibid.* p. 565 e 566.

A *alternação*²⁹ é determinada pela função de cada língua no comportamento geral, e pelo grau de domínio que o bilíngüe e seus ouvintes têm em ambas as línguas. Os fatores envolvidos são: o assunto, a pessoa e a tensão, que podem variar no índice de alternância e na proporção de cada língua usada em situação oral ou escrita.

O uso de características (grau, função e alternância) pertencentes a uma língua, enquanto o bilíngüe fala ou escreve uma outra é chamado de *interferência*³⁰, é também uma característica de *parole*; sendo individual e contingente. Já o *empréstimo* é uma característica de *langue*; é coletivo e sistemático; integra a fala de comunidade. O padrão e o número de interferências podem variar com o meio (falado ou escrito), o estilo do discurso (descritivo, narrativo, conversacional...), o registro e o contexto que o bilíngüe vier a utilizar.

A interferência pode ser cultural, semântica, lexical, gramatical ou fonológica. A interferência cultural é resultado de um esforço do bilíngüe para expressar um novo fenômeno ou uma nova experiência em uma língua que não é a sua. A interferência semântica é devida ao fenômeno e experiência familiares. Na interferência lexical, tem-se a introdução de formas estrangeiras na fala do bilíngüe, tanto palavras quanto estruturas. Há a distinção entre itens integrados no dialeto (palavras emprestadas) daqueles que ocorrem nas expressões de um bilíngüe em particular. Os tipos de interferências gramaticais são: a introdução, na fala dos bilíngües, de categorias gramaticais ou de formas funcionais; a introdução de aspectos e características de diferentes categorias gramaticais (por exemplo, o gênero); as formas da função das duas línguas: simples (palavras como preposições, conjunções, determinativos...) ou compostas (processo inflexionais e derivacionais como afixação, mudanças internas, modificações zero e reduplicação). Já a interferência fonológica afeta as estruturas de entonação, ritmo, concatenação (feita na junção – mudanças que acontecem quando duas

²⁹ *Ibid.* p. 568 e 569.

³⁰ *Ibid.* p. 569-579.

unidades se juntam – e na silabação – pode não ser a mesma em ambas as línguas faladas) e articulação (presença de um sotaque estrangeiro).

2.3.2 Miquel Siguan

Miquel Siguan preocupa-se em apresentar uma visão global do bilingüismo e das línguas em contato, mostrando como os comportamentos individuais e as situações coletivas interferem-se mutuamente.

O autor afirma que, nas sociedades multiculturais e plurilíngües, as situações de línguas em contato serão cada vez mais freqüentes e o bilingüismo será, então, a norma e não mais a exceção.

São abordadas ainda por ele questões como: a pluralidade lingüística, o bilíngüe enquanto intermediário, o prestígio e o desprestígio do bilingüismo, a variedade de situações de línguas em contato e o estudo científico do bilingüismo com seus pressupostos teóricos.

Para Siguan³¹, ao longo do tempo, forças de sentido contrário sempre atuaram sobre a linguagem. A comunicação freqüente entre os membros de um grupo pressiona para que a unidade e a coesão do sistema lingüístico sejam mantidas. Porém, ao mesmo tempo, forças distintas, reforçadas pela distância e pelo isolamento dos membros de um grupo, provocam evoluções diferenciadas, que, no limite, podem levar à fragmentação do sistema lingüístico.

Conforme o autor, mesmo que a ampla dispersão do ser humano tenha conduzido à pluralidade lingüística³², o isolamento dos grupos que falam línguas diferentes nunca foi completo, pois sempre houve quem circulasse entre eles. O bilíngüe, atuando como intermediário, tornou possível a relação entre diversos povos e permitiu a possibilidade de considerar a humanidade como uma unidade, permitindo também que se falasse em uma história universal.

³¹ SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001, p. 14.

³² *Ibid* p. 15 e 16.

O prestígio³³ do bilingüismo não é apenas resultado de motivos imediatamente pragmáticos. Muitas vezes, o conhecimento de outra língua significa um enriquecimento cultural pessoal e também coletivo.

Ao longo dos séculos, os deslocamentos coletivos têm apresentado características muito diferentes. Mas todos possuem em comum um desequilíbrio de forças em favor do grupo dominante, sustentado, inclusive, pela língua oficial do Estado. Quaisquer que sejam essas características específicas de cada deslocamento, o importante, de acordo com Miquel Siguan, é que o bilingüismo “deixa de ser uma ocorrência individual e pessoal para converter-se em uma ocorrência social”³⁴.

Para Siguan³⁵, desde o começo da história, existem indivíduos bilíngües cujas características estão estreitamente relacionadas às faculdades mais próximas do homem: a linguagem e o pensamento racional. Logo, parece óbvio que o estudo do bilingüismo tenha sempre despertado grande interesse. Entretanto, a realidade é bem diversa. Houve interesse pelas ocorrências de bilingüismo, mas não aconteceu uma reflexão sistemática ou com alguma intenção científica a seu respeito. Apenas recentemente surgiu o interesse sistemático e científico à cerca da natureza deste fenômeno lingüístico.

Há cinquenta anos atrás, a literatura sobre o bilingüismo era mínima. A partir da década de 1970, o interesse aumentou de modo considerável, provocando, atualmente, uma verdadeira explosão bibliográfica sobre o tema.

³³ *Ibid* p. 16 e 17.

³⁴ *Ibid* p. 18.

³⁵ *Ibid* p. 19-21.

2.3.3 Jan-Petter Blom e John Gumperz

O significado social do bilingüismo na estrutura lingüística é abordado por Blom e Gumperz³⁶, através de um trabalho de campo no norte da Noruega. Em Hemnesberget, a maioria dos moradores é falante nativo do ranamål (R), e

a fala nativa do indivíduo é considerada parte integrante de sua história familiar, um sinal de sua identidade local. Ao identificar-se como falante do dialeto, tanto em casa como fora da comunidade, o indivíduo comunica que tem orgulho de sua comunidade e da contribuição especial que ela dá à sociedade como um todo.³⁷

Porém, a educação formal é sempre feita na língua padrão, o bokmål (B), que é a língua usada nas transações oficiais, na religião e na mídia. Observa-se que, nessa localidade da Noruega, o dialeto e a língua padrão permanecem separados devido às identidades culturais inseridas em cada código e aos valores sociais embutidos (significância ou significado social) no contexto.

No caso da localidade norueguesa de Hemnesberget, é importante descrever essas etapas através de três conceitos: o cenário, a forma como os habitantes locais classificam seu ambiente ecológico em espaços distintos; a alternância situacional de códigos, a passagem do uso de uma variedade lingüística para outra que os participantes de alguma forma percebem como distintas; e a alternância metafórica de códigos que está relacionada a determinados tópicos ou assuntos, e não a mudanças na situação social em termos de direitos e deveres dos participantes.

Os autores afirmam: “não podemos mais basear nossas análises no pressuposto de que língua e sociedade constituem tipos distintos de realidade, sujeitos a estudos correlacionais”.³⁸

³⁶ BLOM, Jan-Petter e GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2. ed. 2002. cap. 3. p. 45-84.

³⁷ *Ibid.* p. 48.

³⁸ *Ibid.* p. 81.

As experiências e a análise apresentadas demonstram a importância do significado social para o estudo da linguagem em sociedade:

Apenas a observação naturalística do comportamento verbal não basta. A fim de interpretar o que ouve, o investigador deve possuir algum conhecimento prévio da cultura local e dos processos que geram o significado social. Sem isso, é impossível fazer generalizações sobre as implicações sociais das diferenças dialetais.³⁹

2.3.4 René Appel e Pieter Muysken

Weinreich (1953) é quem inicialmente aborda o bilingüismo e o contato lingüístico. Appel e Muysken⁴⁰ (1987), dando continuidade a estes estudos, investigam a relação entre os aspectos sociais, psicológicos e sociolingüísticos do contato de línguas. René Appel desenvolve trabalhos sobre línguas minoritárias e sobre problemas educativos dos filhos de imigrantes na Holanda. Pieter Muysken centraliza suas investigações nas situações de contato lingüístico entre a crioulização e a mescla de línguas nos Andes.

Para esses autores, se há uma relação interna entre língua e identidade, essa relação deveria manifestar-se nas atitudes dos indivíduos acerca destas línguas e de seus usuários.

Na sociedade, os grupos sociais ou étnicos adotam determinadas atitudes para com os outros grupos, segundo suas diferentes posições sociais. Essas atitudes influenciam posicionamentos a cerca de instituições ou modelos culturais que caracterizam esses grupos, tais como a língua, e conduzem a atitudes que dizem respeito aos membros individuais desses grupos.

Os autores apresentam dois métodos para o estudo das atitudes lingüísticas. Na perspectiva condutista, segundo a qual as atitudes devem ser estudadas mediante a observação das respostas a determinadas línguas, ou seja, seu uso em interações reais; o método, que se

³⁹ *Ibid.* p. 83.

⁴⁰ APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996, p. 8.

denomina *matched-guise* (técnica de pares ocultos), foi criado no Canadá por Lambert e seus colaboradores entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960. O segundo método é o questionário, que contém várias perguntas sobre a língua e sobre o seu uso lingüístico.

A maior parte das investigações lingüísticas segue a perspectiva mentalista, a qual considera que as atitudes são um estado interno e mental que pode dar lugar a certas formas de comportamento. Os estudos sobre atitudes lingüísticas se converteram em uma parte central da sociolingüística.

2.3.5 François Grosjean

Grosjean⁴¹ aborda as atitudes em relação às línguas e aos grupos de língua nos países onde coexistem diferentes grupos de língua, refletindo sobre as conseqüências das atitudes negativas sobre a aprendizagem da língua, sua manutenção e seu uso. Outros aspectos importantes tratados pelo autor são: a escolha da língua; a alternância de línguas, mais conhecida por alternância de código (*code-switching*) – o uso alternado de duas ou mais línguas no mesmo enunciado ou conversação –; e o bilingüismo e biculturalismo, o que significa ser bicultural e em que medida os dois fenômenos coexistem.

Entre os aspectos relevantes abordados pelo autor, encontra-se a definição de alternância de código⁴²: o uso alternado de duas ou mais línguas no mesmo enunciado ou conversação. O importante é que alternar é diferente de tomar emprestada uma palavra de outra língua e integrá-la fonologicamente ou morfológicamente na língua base. Na alternância de código, o elemento alternado não é integrado; ao invés disso, há uma mudança completa na língua.

⁴¹ GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982, p. 116 e 117.

⁴² *Ibid.* p. 145.

Para Grosjean, “a cultura é o modo de vida de um povo ou sociedade, e inclui suas regras de comportamento; seus sistemas econômicos, sociais e políticos; sua língua; suas crenças religiosas; suas leis; e assim por diante”.⁴³ Ela é adquirida, transmitida socialmente e comunicada, em grande parte pela língua. O biculturalismo – a coexistência e/ou a combinação de duas culturas distintas – é um assunto altamente complexo. Embora tenha sido estudado por relativamente poucos pesquisadores, especialmente quando ligado ao bilingüismo, muitos bilíngües têm conhecimento de que, em algum sentido, eles também são biculturais e que o biculturalismo, ou a falta dele, afetou suas vidas.

2.3.6 Erving Goffman

Goffman⁴⁴ reexamina os conceitos de estigma e identidade social, controle de informação e identidade pessoal, alinhamento grupal e identidade do eu, o *eu* e *seu outro*, desvios e comportamento desviante; detendo-se em todos os aspectos da pessoa estigmatizada.

No caso do estigmatizado assumir que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente, está-se lidando com a condição do *desacreditado*. A condição do *desacreditável* se apresenta quando ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles.

O autor destaca que “a questão do estigma (...) surge quando há uma expectativa, de todos os lados, de que aqueles que se encontram numa certa categoria não deveriam apenas apoiar uma norma, mas também cumpri-la”.⁴⁵

O indivíduo estigmatizado - pelo menos o *visivelmente* estigmatizado - tem motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provam uma interação angustiada. Sente-

⁴³ *Ibid.* p. 157.

⁴⁴ GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada*. Trad. Márcia Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 4. ed. 1988, p. 5.

⁴⁵ *Ibid* p. 16.

se que o indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou muito tímido e que, em ambos os casos, lê significados não intencionais nas ações dos indivíduos normais - “Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas em questão serão por mim chamados de *normais*”.⁴⁶ Porém, “o estigmatizado e o normal são partes um do outro”.⁴⁷

Pode haver uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo. Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social, pois ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo.

Existe um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum apoio: aqueles que compartilham seu estigma e, por causa disto, são definidos e se definem como seus iguais. O segundo conjunto é composto pelos *informados*, os que são normais, mas cuja situação levou a conhecer e simpatizar com a vida secreta do indivíduo estigmatizado.

Quatro modelos de socialização dos estigmatizados são mencionados pelo autor: os que possuem um estigma congênito; a capacidade de uma família se constituir numa cápsula protetora para o jovem membro; os que se tornam estigmatizados numa fase avançada da vida ou aprendem muito tarde que sempre foram desacreditáveis e aqueles que são socializados em uma comunidade diferente e que devem aprender uma segunda maneira de ser.

A informação social, assim como o signo que a transmite, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere através da expressão corporal na presença daqueles que a recebem. O signo social pode ser chamado de *símbolo de status* ou de *símbolo de prestígio* em oposição a *símbolos de estigma*, signos que são efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia ser um retrato global coerente, com a redução na valorização do indivíduo.

⁴⁶ *Ibid* p. 14.

⁴⁷ *Ibid* p. 146.

A visibilidade de um estigma deve ser diferenciada de sua *possibilidade de ser conhecido*, da intrusibilidade (quando permanece a questão de se saber até que ponto o estigma interfere no fluxo da interação) e de certas contingências do *foco de percepção*. Mas antes de falar de graus de visibilidade, deve-se especificar a capacidade decodificadora da audiência.

A área de manipulação do estigma pode ser considerada como algo que pertence à vida pública, colocando-se no extremo de um *continuum* cujo pólo oposto é a intimidade. Esta manipulação é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade.

O conceito de identidade pessoal traz a idéia implícita na noção de *unicidade* de um indivíduo, de *marca positiva*, pois o conjunto completo de fatos conhecidos de uma pessoa íntima não se repete em nenhuma outra pessoa do mundo. Além de que a unicidade é que diferencia um indivíduo de todos os outros na essência do seu ser.

O fenômeno do encobrimento supõe que a pessoa que se encobre deverá necessariamente pagar um alto preço psicológico; que ela sentir-se-á dividida entre duas lealdades e que deverá estar atenta a aspectos da situação social que outras pessoas tratam como inesperados ou não computados.

O que surge além do ponto de vista pessoal do indivíduo são os grupos. O que o indivíduo é deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social, já que a natureza da pessoa é gerada pelas suas filiações grupais.

Concluindo, o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos (normais e estigmatizados) quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos. Os processos de estigmatização parecem ter uma função social: recrutar apoio para a sociedade entre aqueles que não são

apoiados por ela. Enquanto que a estigmatização de membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos funciona, aparentemente, como um meio de afastar estas minorias de diversas vias de competição.

2.4 Os conceitos de cultura e região

Geertz⁴⁸ procura uma definição de homem baseada na definição de cultura, procurando revolver o paradoxo entre a grande diversidade cultural e a unidade da espécie humana. Deste modo, a cultura deve ser considerada um *programa* – conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções – que todos os homens estão geneticamente aptos a receber.

Para Geertz, a cultura é considerada um sistema simbólico. Seus símbolos e significados são partilhados pelos atores – os membros do sistema cultural – entre eles, mas não dentro deles. São públicos e não privados. Cada um de nós sabe o que fazer em determinadas situações, porém, nem todos sabem prever o que fariam nessas situações. Assim, de acordo com Geertz, a antropologia busca interpretações, pois estudar a cultura é estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

A denominação de Microrregião da Uva e do Vinho, da qual Caxias do Sul e, por extensão, Galópolis faz parte, traz em si o questionamento sobre o que representa uma região.

Neste sentido, Pozenato que, desde a década de 1970 dedica-se a este tema, apresenta sua colaboração definindo região como sendo “um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância”. Assim, a região se torna “um complexo de relações inserido numa rede sem fronteiras”.⁴⁹

⁴⁸ Apud LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004, p. 61-63.

⁴⁹ POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educ, 2003, p. 591.

Esse conceito é de grande importância, já que trabalha a *região* como sendo um conjunto de relações próximas e distantes. Relações estas que, vindas de um conceito superestrutural, transformam o regional em universal, no sentido de que “a parte se apresenta como imagem do todo”.⁵⁰

É exatamente o que pode ocorrer em relação à cidade de Caxias do Sul e à Região Administrativa de Galópolis. Esta última representa uma parte, uma imagem, do todo que é o município em questão.

Ao observar e analisar as atitudes lingüísticas transgeracionais nas ocorrências de bilingüismo de dialeto italiano-português nesta localidade relativamente homogênea, acaba-se tendo uma imagem do que o todo pode representar.

Baseada no estruturalismo, a definição de Pozenato é feita pelo seu valor em um sistema de relações e faz parte de um grande exercício de demarcações conceituais. Esta conceituação carrega em si um alto grau de abstração, que pode “descrever e explicar relações entre sistemas de diferentes ordens e que tenham, em última instância, um caráter universal”.⁵¹ O universal presente nesse conceito é de caráter metodológico e estratégico, uma vez que figura como uma superestrutura.

A universalidade do conceito de região em Pozenato é um modo de se preencher o conceito a partir de uma prática científica. Essa prática está sujeita às lutas simbólicas, uma vez que toda prática científica carrega um *habitus*.

O *habitus* é o conceito central da sociologia de Pierre Bourdieu. É ele que fornece a articulação entre o individual – o agente social – e o coletivo – a sociedade. Representa a base da teoria que explica como se produz socialmente os agentes e suas relações lógicas.

⁵⁰ POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974, p. 17.

⁵¹ FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. ‘Região’: desenhando os fundamentos de um conceito superestrutural. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (org.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2004, p. 100.

Para Bourdieu, *habitus* são “sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes (...), coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro”.⁵² Portanto, o *habitus* é uma série de disposições duradouras que o indivíduo adquire durante a sua socialização.

As disposições são atitudes, percepções, o sentir, fazer e pensar interiorizados pelo indivíduo, tornando esses valores e comportamentos aprendidos quase intuitivos.

O *habitus* de classe produz a personalidade social do grupo e as diferentes personalidades individuais são apenas variações dessa personalidade social.

A relação entre *habitus* e campo é feita através da afirmação de que “cada campo é a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e nos *habitus*”.⁵³ O *habitus* é a incorporação do passado do qual o indivíduo ou o grupo é produto, e o campo é uma representação arbitrária, imposta a esse indivíduo ou grupo. Os campos, que se articulam entre si, são mantidos pela tensão entre dominantes e dominados.

Em Bourdieu, o conceito de região apresenta-se como uma forma de incluir no real a luta das representações do real, assumindo que a questão se situa no campo das lutas simbólicas; onde “o real é um efeito de representações do real”.⁵⁴ Na teoria de Bourdieu, a região é mais complexa que o campo.

A identidade social surge nas lutas simbólicas e remete à distinção, pois é uma possibilidade real de se afirmar a diferença. Logo, a “região é um construto, uma representação, que resulta de uma ‘luta classificatória’, uma luta por demarcações de caráter e poder simbólicos”.⁵⁵

⁵² Apud BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 76 e 77.

⁵³ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 121.

⁵⁴ FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. ‘Região’: desenhando os fundamentos de um conceito superestrutural. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (Org.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2004, p. 101.

⁵⁵ *Ibid.* p. 102.

2.5 A definição dos termos

A definição de cada um dos termos que seguem representa os conceitos adotados neste trabalho de pesquisa.

2.5.1 Prestígio e desprestígio lingüístico

O prestígio e o desprestígio lingüísticos, segundo Bagno⁵⁶, estão diretamente relacionados ao domínio ou não da norma culta vista como instrumento de ascensão social.

Bagno afirma que, em relação à norma culta, há pelo menos duas noções distintas no que diz respeito à língua, que provocam uma identificação da norma culta com a língua escrita, baseada no purismo lingüístico:

Uma poderia ser chamada de *tradicional, do senso comum* ou *ideológica*, constituindo, portanto, menos um conceito do que um *preconceito*, uma grade de critérios avaliativos para o estabelecimento de *juízos de valor dicotômicos* (certo vs. errado, bonito vs. feio, português vs. não-português etc.⁵⁷

Para Britto⁵⁸, uma outra idéia de norma culta se refere à linguagem “que efetivamente resulta da prática social, correspondendo à fala dos segmentos socialmente favorecidos”.

Portanto, o uso da norma culta é uma importante fonte de prestígio, pois é inacessível à maioria dos falantes. É, assim, o código lingüístico das situações em que o prestígio torna-se um recurso poderoso.

Porém, o mero domínio da norma culta não vai resolver todos os problemas de um indivíduo. É preciso garantir a todos o acesso à educação, aos bens culturais, à saúde, à habitação, ao transporte, à vida digna e garantir também o reconhecimento da variação lingüística. Já que o paradoxo de uma língua de grande utilização é integrar a variação respeitando uma norma unificadora, esta contradição parece se resolver mais facilmente no

⁵⁶ BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 69-71.

⁵⁷ _____, *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 9-12.

⁵⁸ BRITTO, L. P. L. *A sombra do caos: ensino de língua vs. tradição gramatical*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1997, p. 56.

exercício da língua entre seus falantes do que na reflexão daqueles que, de forma oficial, falam dela.

Logo, o que está em jogo não é a transformação de um indivíduo, mas a transformação da sociedade de forma mais abrangente através da diminuição das profundas desigualdades sociais existentes.

2.5.2 Preconceito e estigma

Segundo o Dicionário Aurélio⁵⁹, preconceito é: “1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida. 2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo. 3. Superstição, credence; prejuízo. 4. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.”.

O preconceito⁶⁰ pode ser definido como um fenômeno intergrupai, dirigido às pessoas, grupos de pessoas ou instituições sociais, implicando uma predisposição negativa. Funcionando como uma espécie de raciocínio indevido, o preconceito tende a desconsiderar a individualidade, atribuindo aos membros de determinado grupo características estigmatizantes com as quais o grupo, e não o indivíduo, é caracterizado.

Assim, os componentes básicos do preconceito pressupõem um sistema no qual as características físicas (a marca racial, por exemplo) possuem relevância na distribuição dos lugares sociais, da mesma forma que um tal sistema social pressupõe agentes que operem as desigualdades do sistema.

⁵⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed., 2004, p. 1617.

⁶⁰ INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/esp/indiosemilitares/xenofobia.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

O *preconceito lingüístico*, de acordo com Bagno⁶¹ surge como resultado “da intolerância e da manipulação ideológica” e política que acredita ter, na norma culta, a única forma *correta* de expressão oral da língua. Quando os falantes utilizam outra variedade, que não seja a de prestígio, são taxados de ignorantes ou de serem pessoas pouco instruídas.

Ainda, conforme Bagno, esse tipo de preconceito está ligado, em boa parte, à confusão entre língua e gramática normativa. É preciso ficar claro que a gramática normativa não é a língua. Ela é a tentativa de descrever e de prescrever uma parcela da língua, a chamada norma culta. Mas a gramática normativa, que tem o seu valor e seu mérito, é parcial e não pode ser autoritariamente aplicada ao resto da língua. É essa aplicação intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito lingüístico.

O *estigma* vai além do *preconceito*, é mais forte e mais inibidor. Este termo remete a atitudes negativas, que marcam o estigmatizado para o resto da vida.

Em Goffman⁶², o termo *estigma*, marca ou impressão é, desde os gregos, empregado como indicativo de uma degenerescência. Era uma marca oficial gravada com cortes ou fogo nas costas ou no rosto das pessoas. Os sinais avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos.

Na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao estigma: um, de natureza sagrada, onde o estigma era sinal corporal de graça divina; o outro era uma alusão médica de distúrbio físico. Com o desenvolvimento dos estudos de patologia social, a palavra voltou a ser relacionada à degradação.

⁶¹ BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2. ed. 1999, p. 9-13.

⁶² GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 4. ed. 1988, p. 11.

Para Bacila⁶³, atualmente, o termo não se refere somente a atributos físicos, mas também à imagem social que se faz de alguém para inclusive poder controlá-lo e até mesmo de linguagem de relações, que compreende que o estigma gera profundo descrédito e pode também ser entendido como defeito, fraqueza e desvantagem. Daí a criação absurda de duas espécies de seres: os estigmatizados e os *normais*, pois se considera que o estigmatizado não é completamente humano.

Portanto, segundo Goffman, “o termo estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos”.⁶⁴ O estigmatizado é o banido social, penalizado e colocado à margem da sociedade. Porém, é oportuno refletir se o verdadeiro marginal é o estigmatizado ou a própria sociedade que o marginaliza.

2.5.3 Língua, dialeto e variedade lingüística

Para Gaetano Berruto e Mônica Berretta,⁶⁵ a língua varia através do tempo, do espaço (variação geográfica), das classes e/ou grupos sociais (variação social) e da situação social ou comunicativa.

Desta forma, para esses autores⁶⁶, o mito da uniformidade de uma língua não tem razão de ser. Ao contrário, uma língua vista sociolingüísticamente resulta numa soma de variedades geográficas, sociais e situacionais determinadas pelo contexto específico em que é utilizada. Logo, a língua é o mais importante e refinado instrumento de comunicação à disposição da comunidade humana.

⁶³ BACILA, Carlos Roberto. *Estigmas: um estudo sobre os preconceitos*. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 2005, p. 24 e 25.

⁶⁴ GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 4. ed. 1988, p. 13.

⁶⁵ BERRUTO, Gaetano e BERRETTA, Monica,. *Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata*. Napoli: Liguori, 1977, p. 50.

⁶⁶ *Ibid.* p. 56.

A língua fornece modos diferentes de dizer a mesma coisa, adequados às situações vividas. As situações de uso da língua determinam uma diversidade da língua na variedade, ou seja, o falante é levado à variedade lingüística através das situações.

Na sociolingüística, quando a *variedade situacional*⁶⁷ se relaciona ao interlocutor, ela é chamada de registro, que pode ser formal ou informal. Quando a variedade situacional relaciona-se ao argumento do que se fala e ao ambiente no qual se fala, ela é chamada de baixo código.

Uma *situação social comunicativa*⁶⁸ apresenta três partes essenciais: o local, o espaço físico em que acontece o encontro; o tempo, o momento em que ele acontece, e os participantes, os interlocutores.

Ainda segundo Berruto e Berretta, do ponto de vista interno da teoria lingüística, todas as línguas são dialetos, todos os dialetos são línguas e ambos são sistemas lingüísticos estruturados pela comunicação verbal em diversos níveis. As distinções entre língua e dialeto são de caráter histórico, cultural, político e social.

Para a sociolingüística, um dialeto é uma variedade da língua falada numa comunidade social que utiliza também uma outra variedade de língua comum a outras comunidades. Esta outra variedade lingüística mais extensa é a língua nacional. Assim, o dialeto é uma variedade regional da língua nacional, e geralmente ambos possuem um parentesco quanto à origem.

Língua nacional, para Berruto e Berretta⁶⁹, é a expressão pela qual se designa o sistema lingüístico utilizado por uma sociedade, independente deste ser ou não o da língua oficial da comunidade. Já *dialeto* é o termo com que se designa o sistema lingüístico utilizado por uma parte desta comunidade. Tanto a língua nacional quanto o dialeto são instrumentos de comunicação válidos e dignos, a diferença está principalmente no fato que o dialeto serve para

⁶⁷ *Ibid.* p. 72.

⁶⁸ *Ibid.* p. 74.

⁶⁹ *Ibid.* p. 82-84.

a comunicação em âmbito restrito e a língua nacional serve para a comunicação em todos os níveis.

A *língua*⁷⁰, em geral, apresenta uma conotação social muito mais positiva que o dialeto, sendo vista como um instrumento de comunicação de prestígio. O falante médio acredita ser muito melhor falar na língua que no dialeto, também devido à escola, que segue tradicionalmente uma política educativa de repressão do dialeto. Para muitas pessoas, o dialeto representa o campo, o proletariado e a rudeza; a língua representa a cidade, a burguesia e a educação.

O dialeto tende a ser limitado devido a seu uso restrito e informal. A língua, com usos administrativos, educativos e técnicos, tende a ser adotada, em geral, nas ocasiões formais e em todos os usos escritos. Porém, isto não quer dizer que o dialeto é menos bonito que a língua: para milhões de falantes ele é o único instrumento capaz de responder às exigências comunicativas cotidianas do grupo em que estão inseridos. A *língua*⁷¹ possui mais prestígio, porque traz dentro de si a tradição cultural e literária da elite dominante e porque representa os valores desta classe de poder.

De acordo com Fishman⁷², o termo *variedade* é utilizado freqüentemente na sociologia da linguagem por tratar-se de uma designação não valorativa. É um termo técnico não emotivo e objetivo usado para referir-se a *uma língua*, esta sim uma expressão valorativa que indica emoção e opinião, e que também as provoca. O termo *variedade lingüística* indica apenas o *status* lingüístico da diferença ao ser comparada com outras variedades.

Já os dialetos, para Fishman, são aquelas variedades que inicialmente e basicamente representam origens geográficas divergentes. Porém, os dialetos podem facilmente representar outros fatores diferentes dos geográficos, passando, por exemplo, a se tornarem variedades sociais ou *socioletos*, depois que a diferença social passa ao primeiro plano. O importante é a

⁷⁰ *Ibid.* p. 86.

⁷¹ *Ibid.* p. 89 e 90.

⁷² FISHMAN, Joshua A. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 47-50.

perspectiva geral, já que as variedades lingüísticas podem ser consideradas, em um momento, como regionais e, como sociais, em outro.

Um dialeto deve ser uma subunidade regional relativa à língua, particularmente em sua realização idiomática ou falada. A língua é uma designação superordenada, o dialeto é subordinado, e os dois termos implicam no conhecimento da classificação a que pertencem antes de aceitá-los a si mesmos. A sociologia da linguagem se interessa por estes termos na medida em que os membros das comunidades lingüísticas discutem o que é o que e por quê.

Como conseqüência de tal discussão, as variedades lingüísticas, até agora consideradas como dialetos, podem libertar-se de sua subordinação e serem promovidas, por seus falantes, a língua oficial e independente e, ao contrário, as línguas anteriormente independentes podem se tornar subordinadas. O termo *variedade*, por outro lado, designa simplesmente um membro do repertório verbal e seu uso implica apenas na existência de outras variedades. Contudo, enquanto línguas ou dialetos, seus aspectos funcionais derivam da observação de seus usos e de seus usuários mais do que das características dos mesmos como códigos.

Com o tempo, as variedades mudam por tendência própria ou por desígnio. Todas as variedades de todas as línguas são igualmente extensíveis e modificáveis; da mesma forma, todas são contráteis e interpenetráveis à influência dos modelos estrangeiros. Suas virtudes estão nos olhos e ouvidos de seus falantes e suas funções dependem das normas das comunidades que as empregam. As comunidades lingüísticas e suas variedades são sistemas inter-relacionados e completamente interdependentes, e a sociologia da linguagem examina esta interdependência.

Em Jürgen Heye⁷³, encontra-se o termo *variedade* usado como um conceito neutro e subdividido em variedade padrão, variedade regional, variedade social e variedade funcional.

⁷³ HEYE, Jürgen. Sociolingüística. In: PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 205-207.

A variedade padrão apresenta-se, numa comunidade lingüística, como aquela variedade que é legalmente institucionalizada e como produto da tradição histórica e de vários processos sociopolíticos. Essa variedade é freqüentemente codificada, serve como transmissor de informação intersubjetiva, é usada em todos os contextos formais, é ensinada na escola e seu uso traz consigo prestígio e acesso a privilégios sociais.

As variedades regionais podem ser consideradas dialetos quando se desenvolvem historicamente em áreas geográficas distintas. Os dialetos podem ser subdivididos em dialetos locais ou regionais, de acordo com a sua difusão geográfica. A função mais importante dos dialetos está na comunicação oral, já que eles não são rigidamente codificados como o são as variedades-padrão.

A variedade social ou socioleto se refere às convenções da fala de grupos geralmente sujeitos a avaliações em termos de prestígio por outros grupos sociais.

Já as variedades funcionais diferem das outras mencionadas, porque seu uso ultrapassa as dimensões estabelecidas pelas variedades anteriores. A variedade funcional está ligada a tipos de interações específicas, a certas instituições, às condições no local de trabalho, às situações formais ou informais e à maneira de ser do falante. Assim, esta variedade constitui a menor unidade de variedade lingüística.

2.5.4 Diglossia

O primeiro estudioso a caracterizar o termo diglossia é Charles A. Ferguson, que a descreve como função, prestígio, herança literária, aquisição, padronização, estabilidade, gramática, léxico e fonologia e a define como sendo a “coexistência em uma mesma comunidade de duas formas lingüísticas”⁷⁴ de uma mesma língua em diferentes condições. A

⁷⁴ FERGUSON, C. A. *Diglossia*, *Word*, 15, 1959, p. 325-340.

essas duas formas lingüísticas, ele dá o nome de *variedade baixa*, de uso informal, e de *variedade alta*, de uso formal.

Para Ferguson, a diglossia é um fenômeno social que trata da diferenciação funcional das variedades lingüísticas em uma comunidade, isto é, opera em nível de sociedade. Esse fenômeno pode desenvolver-se a partir de várias origens e pode ocorrer em situações lingüísticas distintas.

Uma das características mais importantes da diglossia é a especialização da função para a variedade alta e a baixa. Num conjunto de situações, somente a variedade alta é apropriada e, em outro, somente a baixa, com os dois conjuntos se sobrepondo apenas ocasionalmente e muito ligeiramente.

Pode-se supor que a diglossia é altamente instável, com tendências a se transformar em uma situação lingüística mais estável, mas isto não ocorre. Segundo Ferguson⁷⁵, a diglossia persiste tipicamente pelo menos há alguns séculos e a evidência de alguns casos parece mostrar que ela pode durar ainda mais. As tensões comunicativas que surgem na situação diglössica podem ser solucionadas pelo uso de formas lingüísticas relativamente não codificadas, instáveis, intermediárias e por empréstimos de termos do vocabulário da variedade alta para a baixa.

Já para Fishman, “diglossia é aquela forma de coexistência de duas (ou mais) variedades ou línguas em que valores de classe social e de função social se complementam”.⁷⁶ A noção de diglossia não está mais restrita a duas variedades da mesma língua como para Ferguson. Em Fishman, “o termo denota qualquer situação em que diferenças marcantes entre os sistemas lingüísticos se correlacionam estritamente com a classe social ou com as funções sociais”.⁷⁷

⁷⁵ *Ibid.* p. 325-340.

⁷⁶ *Apud* PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 215.

⁷⁷ *Ibid.* p. 215.

2.5.5 Bilingüismo e línguas em contato

Para Mackey⁷⁸, o bilingüismo é uma característica do seu uso, pertence ao domínio da fala, é propriedade do indivíduo. O autor define bilingüismo como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo. É um padrão de comportamento de práticas lingüísticas que se modificam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência.

Miquel Siguan⁷⁹, falando das várias situações de línguas em contato, afirma que há um desequilíbrio entre uma língua forte ou de prestígio (geralmente a língua oficial do Estado) e as línguas fracas, socialmente desprestigiadas ou menos apreciadas (em geral as línguas nativas). Esse desequilíbrio repercute sobre os comportamentos bilíngües: os que falam a língua dominante têm menos interesse ou necessidade de aprender a outra língua do que aqueles que falam a língua fraca.

No caso da maioria das migrações, onde também são produzidos contatos de línguas e comportamentos bilíngües, a língua fraca é a dos que chegam de fora, pois os que detêm o poder são os falantes nativos.

Nas situações de *línguas em contato*⁸⁰, é freqüente que os conflitos não tenham origem no desconhecimento da outra língua, mas no valor que é dado a uma e outra e às discrepâncias sobre o lugar que cada uma delas deve ocupar na vida social. A sociedade bilíngüe é composta por indivíduos que não se convertem por capricho em bilíngües, mas porque se desenvolvem e vivem em uma sociedade na qual as línguas vigoram socialmente.

Foi Weinreich, em 1953, quem introduziu a consideração dos comportamentos como explicação das mudanças provocadas pelos *contatos de línguas*⁸¹ e é a ele, portanto, que corresponde o mérito de ter iniciado esse estudo. Um estudo que, no âmbito da lingüística, foi

⁷⁸ MACKEY, William. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. *Leading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague, Monton, 1972. p. 554 e 555.

⁷⁹ SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001, p. 17 e 18.

⁸⁰ *Ibid.* p. 19.

⁸¹ *Ibid.* p. 20 e 22.

prolongado posteriormente com as análises das interferências – mistura de códigos e alternância de códigos – no bilíngüe.

Já o interesse pelas sociedades plurilíngües foi mais tardio e, em sua introdução, tem papel importante a obra de Fishman desde que, na década de 1960, popularizou a noção de diglossia. Foi a partir de então que se tem produzido um acúmulo de dados empíricos sobre as mais variadas situações, sendo propostas hipóteses e modelos interpretativos em relação à vitalidade das línguas e dos grupos que as falam e aos conflitos que enfrentam.

De um modo geral, pode-se dizer que a linguagem, na existência humana, cumpre duas funções: é instrumento do pensamento e, ao mesmo tempo, é meio de comunicação; existindo uma estreita relação entre as estruturas da razão, da lógica e as da linguagem, da gramática. O estudo da linguagem pode centrar-se em um ou em outro destes dois aspectos.

A afirmação de que o ser humano é um ser social traz uma diferenciação entre as perspectivas de análise e entre as *teorias explicativas*.⁸² Para a psicologia social todos os comportamentos do indivíduo, inclusive os lingüísticos, são comportamentos em relação com outros e, em compensação, para a sociologia o sujeito dos comportamentos sociais, incluindo a linguagem, é a própria sociedade. É fácil ver como esta oposição pode incidir no estudo do bilingüismo, separando claramente as duas perspectivas: uma coisa é o estudo do comportamento individual do bilíngüe, que inclui as atitudes sociais, e outra coisa é o estudo da dinâmica das línguas em contato que compartilham um espaço social comum.

Frente a esta separação, é preciso lembrar que se trata de perspectivas distintas a respeito de uma realidade comum. O bilíngüe é o resultado de existir em um contexto social no qual se falam duas línguas. Entretanto, no inverso, a dinâmica das situações de línguas em contato é o resultado das atuações individuais. De maneira que as explicações a partir do indivíduo e da sociedade devem ser mutuamente solidárias e complementares.

⁸² *Ibid.* p. 24.

2.5.6 Atitudes lingüísticas

Fishman⁸³ aborda a temática do estudo da manutenção e mudança lingüísticas tratando também da atitude ante a língua, particularmente das atitudes mais dirigidas e conscientes a respeito da manutenção ou da mudança lingüísticas em si. O autor apresenta três categorias básicas de atitudes lingüísticas: condutas de atitude afetiva (lealdade, antipatia...), atuação condutiva explícita (controle e regularização do uso de hábitos lingüísticos mediante o reforço, a planificação, a proibição...) e – ocultando-se parcialmente em cada um dos termos anteriores – as condutas cognitivas (consciência lingüística, conhecimento lingüístico, percepções grupais relacionadas com a língua...).

Sabe-se pouco sobre as atitudes e emoções orientadas a respeito da língua; que vão desde a *lealdade à língua*⁸⁴ (termo utilizado por Fishman) – da qual o nacionalismo lingüístico é só uma expressão – até a aversão à língua – da qual o abandono da língua realizado conscientemente é uma expressão –; diferenciadas das atitudes e emoções a cerca dos falantes *típicos* de variantes lingüísticas concretas.

Os traços da língua considerados atrativos ou não atrativos, próprios ou impróprios, originais ou comuns, têm estado muito tempo sem serem estudados. Contudo, nos contextos multilíngües, concretamente naqueles em que se associa uma variedade de tipos sociais com cada língua de grande extensão, às línguas em si (melhor que meramente os costumes, valores e contribuições culturais dos seus habitantes ideais) são tachadas de *bonitas* ou *feias*, *musicais* ou *duras*, *ricas* ou *pobres*, etc. Em geral, são estereótipos lingüísticos. Mas a ausência ou presença de “uma verdade no essencial”⁸⁵ não tem nada a ver com o poder de mobilização de tais pontos de vista.

⁸³ FISHMAN, Joshua. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 178.

⁸⁴ A expressão “lealdade lingüística” foi criada por Uriel Weinreich (1953) para designar a atitude positiva em relação à língua.

⁸⁵ FISHMAN, Joshua. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 167 e 168.

Segundo Grosjean⁸⁶, as atitudes ou posicionamentos em relação à língua refletem as atitudes ou posicionamentos em relação aos usuários daquelas línguas. As línguas das minorias nos países bilíngües e multilíngües têm sido objetos freqüente de ataques por parte de grupos dominantes. Uma das abordagens mais comuns é chamar a língua de dialeto ou de patoá e atribuir a ela as conotações negativas associadas aos dialetos pelos não lingüistas: que essas línguas são menos ricas do que as línguas padrão, menos gramaticais, e que são faladas de modo mais grosseiro, menos refinado.

As atitudes negativas ou positivas em relação a uma língua podem ter efeitos profundos nos usuários da língua, influenciando também a aprendizagem de uma primeira língua. O fenômeno dos pais que ajudam seus filhos a aprenderem a língua *correta*, para não serem estigmatizados mais tarde, em suas vidas, e para que progridam socialmente, é muito difundido, com a conseqüência potencial de que alguns deles poderão vir a se tornar pessoas sem raízes e alienadas de seu grupo de língua nativo. Portanto, a atitude em relação à língua sempre é um dos principais fatores para esclarecer quais línguas são aprendidas, quais são usadas e quais são preferidas pelos bilíngües.

Ervin-Tripp⁸⁷ relata: “Um falante de qualquer comunidade de língua que se engaja em situações sociais diversificadas normalmente possui um repertório de alternativas de fala que se alterna conforme a situação” e apresenta quatro fatores principais responsáveis pela mudança de código ou variante: o ambiente e a situação; os participantes da interação; o tópico (trabalho, esportes, acontecimentos nacionais) e a função da interação.

⁸⁶ GROSJEAN, François. *Life with two languages*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 120-127.

⁸⁷ *Apud* GROSJEAN, François. *Life with two languages*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 197.

2.5.7 Comunidade lingüística e comunidade de fala

Gumperz define *comunidade lingüística* como sendo “qualquer agregação humana caracterizada pela integração regular e freqüente por meio de um conjunto comum de signos verbais e distinta de agregações parecidas por diferenças significativas no uso da língua”.⁸⁸ A definição apresentada mostra que a comunicação social estabelece uma relação regular entre a estrutura social e o uso da língua. Isto significa que, antes de se avaliar a informação social de um enunciado ou a intenção do falante, deve-se ter informações a respeito das normas sociais que determinam a adequação ou não de variantes lingüísticas para tipos individuais de falantes. Essas normas variam de acordo com as relações econômicas e ideológicas entre os grupos e o ambiente social.

Segundo Jean Dubois⁸⁹, “chama-se comunidade lingüística um grupo de seres humanos que usam a mesma língua ou o mesmo dialeto, num dado momento, e que podem comunicar-se entre si”. Uma nação monolíngüe é uma comunidade lingüística. Porém, a comunidade lingüística não é homogênea, pois é constituída de muitos grupos que têm comportamentos lingüísticos distintos.

A noção de comunidade lingüística é apresentada por Fishman⁹⁰ ao sugerir que as pesquisas sobre bilingüismo fossem realizadas de forma indutiva, iniciando com os conceitos de nível mais alto e alcançando sucessivamente os conceitos de nível mais baixo, ou seja, começando com as comunidades lingüísticas, passando pelos domínios e pelas dimensões de relações sociais e chegando aos tipos de interação.

Para Fishman, em cada comunidade lingüística onde coexistem duas línguas em contato mais ou menos estável, cada uma deve ser ligada a um subconjunto específico de valores complementares.

⁸⁸ Apud PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 204.

⁸⁹ DUBOIS, et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 133.

⁹⁰ Apud PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 213 e 214.

Fishman enfatiza que a diglossia e o bilingüismo não coincidem necessariamente em sua distribuição. Ele mostra que é possível determinar se os conjuntos de valores e normas subjacentes às duas variedades da língua se complementam ou se excluem mutuamente através de técnicas de observação participante, entrevistas indiretas e perguntas diretas, desde que o falante apresente habilidade para avaliar de forma correta seu próprio comportamento e julgamentos normativos.

Segundo Charaudeau e Maingueneau⁹¹, o conceito de *comunidade de fala* “foi originalmente introduzido por Hymes como *speech community* (1967), para definir formas externas de regulação da comunicação verbal, isto é, não consideradas do ponto de vista do funcionamento de um sistema lingüístico”.

De acordo com Trask⁹², comunidade de fala “é um grupo de pessoas que interagem regularmente por meio da fala”. Uma comunidade de fala pode ser grande ou pequena, homogênea ou heterogênea. O que realmente interessa é que cada pessoa pertencente a essa comunidade interaja verbalmente com, pelo menos, algumas outras pessoas que dela fazem parte também. Do mesmo modo, é importante que a comunidade de fala não seja cortada por fronteiras fortemente marcadas, o que não possibilitaria, ou possibilitaria raramente, a interação verbal.

Pode-se diferenciar comunidade de fala homogênea, onde os indicadores sociais são restritos a fenômenos fonológicos, sintáticos e lexicais periféricos, de outras comunidades de fala que apresentam vários padrões e dialetos locais gramaticalmente distintos. Nestas comunidades de fala, uma ou mais línguas são usadas como meios para que a comunidade coexista. Mesmo existindo diferenças entre as comunidades de fala, dentro delas as variedades formam um sistema composto por um conjunto de normas sociais comuns.

⁹¹ CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 106.

⁹² TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 61.

Comunidade de fala é, conforme Peter Matthews⁹³, “qualquer grupo de pessoas cuja linguagem, ou uso da linguagem, pode ser tomado como um objeto de estudo coerente”.

É oportuno fazer a distinção entre comunidade lingüística e comunidade de fala. As pessoas de uma mesma comunidade lingüística compartilham o conhecimento do sistema de sons, de gramática e vocabulário de uma língua. Dentro de uma mesma comunidade lingüística, porém, existem várias comunidades de fala, que são pessoas que compartilham suposições sobre a razão de falar, modos de polidez, tópicos de interesse e maneiras de responder aos outros.

2.5.8 Identidade étnica e identidade lingüística

De acordo com Appel e Muysken, “apesar de não haver critérios fixos, um grupo se considera grupo étnico com uma identidade étnica específica quando é suficientemente diferente de outros grupos”.⁹⁴

Para se falar de etnicidade, segundo Fishman⁹⁵, deve-se observar três dimensões diferentes. A dimensão mais importante é a da *paternidade*, que diz respeito a tudo o que é herdado, transmitido pelos avós aos pais e destes aos filhos sucessivamente. Nessa dimensão, a etnicidade está ligada ao sentimento de continuidade. A segunda dimensão é a do *patrimônio*, isto é, do legado da coletividade, perspectivas e comportamentos: modelos pedagógicos, música, roupa, comportamento sexual, ocupações específicas, entre outros, que, de algum modo, são herdados de gerações anteriores. A terceira dimensão é a da *fenomenologia* e se refere ao significado que é atribuído à paternidade e ao legado étnico, às atitudes subjetivas dos indivíduos por pertencerem a um grupo étnico potencial.

⁹³ MATTHEWS, Peter. *Oxford concise dictionary of Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1997, p. 349.

⁹⁴ APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996, p. 24.

⁹⁵ *Apud* APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996, p. 25.

Já Epstein⁹⁶ apresenta uma visão distinta de etnicidade e alerta para o fato de que a psicanálise não tem dado a devida atenção à relação entre avós e netos. É uma relação que pode ser crucial na formação da identidade étnica, pois os avós possuem mais tempo para conviver, conversar e contar histórias familiares e do grupo étnico aos netos. São eles que transmitem aos netos a sabedoria adquirida ao longo dos anos, fazendo com que o passado se torne presente e se estenda ao futuro através da nova geração.

Segundo Appel e Muysken, “tudo o que diferencia um grupo de outro constitui a identidade do grupo”.⁹⁷ A *identidade lingüística* de um grupo é dada pela língua, já que ela não é apenas um instrumento para a comunicação de mensagens.

É uma afirmação comum da sociolingüística, afirmação que tem sido confirmada por numerosas observações pessoais e por dados de investigação, isto é, que as línguas transmitem significados e conotações sociais, podendo ser confirmado em comunidades plurilíngües em que vários grupos têm sua própria língua. O grupo se distingue através de sua língua. As normas e valores culturais do grupo são transmitidos por meio da língua. Os sentimentos grupais se enfatizam mediante o uso da língua própria do grupo, e os membros, que não pertencem ao grupo, acabam excluídos de suas transações internas.

2.5.9 Lealdade e fidelidade lingüística

A *lealdade e a fidelidade lingüísticas* estão diretamente ligadas às atitudes do bilíngüe em relação às línguas utilizadas, pois ele, por ser capaz de utilizar duas línguas, possui competências nessas duas línguas e também manifesta atitudes pessoais com relação a elas e a suas possibilidades de uso. Essas atitudes resultam, por um lado, de sua vida pessoal, que, por exemplo, pode tê-lo levado a transformar uma das duas línguas em sua língua principal e,

⁹⁶ EPSTEIN, Arnold. L. *L'identità etnica: tre studi sull'etnicità*. Torino: Lescher, 1983, p. 245.

⁹⁷ APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996, p. 24.

em parte também por razões extralingüísticas, relacionadas ao papel social que pretende ocupar na sociedade da qual faz parte ou do sistema de valores que rege sua conduta.

Weinreich, na sua obra pioneira sobre línguas em contato, introduz a denominação *lealdade lingüística*⁹⁸ para designar a atitude positiva em relação a uma língua. Para Weinreich, a lealdade lingüística tem um duplo sentido: mostra a preocupação em manter a língua livre de interferências por influência da língua próxima a ela e também o esforço em utilizá-la em todas as situações possíveis. Mesmo que, em muitos casos, ambas as posturas coincidam, trata-se de atitudes distintas.

A atitude de utilizar, sempre que possível, a língua que o bilíngüe considera própria tem da mesma forma conotações sociais de outro tipo. No caso de uma língua que, em situação de diglossia, ocupar lugares inferiores e é por isso socialmente mais fraca, a persistência em seu uso pode ser uma forma de conservadorismo. É sabido que em línguas em decadência os habitantes das classes mais populares mantêm seu uso quando as classes superiores já a tenham abandonado, e o mesmo pode ser dito dos habitantes do campo em relação aos da cidade ou, mais simplesmente, dos velhos em relação aos jovens. Com efeito, são os jovens os primeiros a abandonar seu uso em favor da língua de maior prestígio.

Se a persistência de uma língua se apóia na resistência à mudança por parte dos elementos mais conservadores da sociedade, seu desaparecimento, a curto ou longo prazo, parece inevitável. Porém, se seus falantes, ou parte deles, assumem atitudes positivas em relação à língua no sentido de procurar prestigiar e estender seu uso, é essa atitude a que merece o nome de *fidelidade lingüística*⁹⁹ e a que freqüentemente se combina com a fidelidade à norma lingüística.

Frente a esta atitude positiva em relação à própria língua, as atitudes daqueles que não consideram inconveniente dispensá-la podem qualificar-se de indiferença lingüística, porém

⁹⁸ WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Boringhieri, 1974, p. 144.

⁹⁹ SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001, p. 164.

geralmente implicam em algo mais. O qualificativo de *auto-ódio*¹⁰⁰, proposto por Ninyoles para essas atitudes, parece exagerado, mas, em todo caso, é evidente certa consciência de inferioridade da língua que o falante não deseja assumir.

Ao lado das atitudes dos falantes das línguas socialmente mais fracas, devem ser situadas as dos falantes das línguas mais fortes. Inicialmente, sua atitude pode qualificar-se de tranqüila superioridade, o que os leva a supor que, em qualquer situação comunicativa, sua língua será a preferida e, portanto, não precisam se esforçar para adquirir outra. Por conseguinte, essa atitude apresenta muitos graus, que vão desde o mero hábito recebido até a arrogância consciente.

Conforme Siguan, nas situações de diglossia cruzada¹⁰¹, é possível que, em determinados contextos, sejam os falantes de uma das línguas os que apresentam atitudes reivindicatórias, enquanto que, em outros, sejam os falantes de outra língua que o façam.

2.5.10 Sistema, norma e falar concreto

A língua funcional apresenta diferentes ordens ou níveis de estruturação, que, em Coseriu, são distinguidas em número de quatro: o *falar concreto*, na técnica realizada, e a *norma*, o *sistema da língua* e o *tipo lingüístico*, na técnica virtual.

O *falar concreto* corresponde aproximadamente a *parole* de Saussure e poderia também ser chamado de fala (no sentido de processo, de dinâmica, que contém o vocábulo *discurso*). A *norma* e o *sistema* correspondem junto mais ou menos à *langue* saussuriana. O *tipo lingüístico* é uma ordem de estruturação que não foi identificada como tal por Saussure. A *norma*, o *sistema* e o *tipo lingüístico* não constituem variedade interna da língua, mas representam o grau de estruturação da mesma.

¹⁰⁰ *Ibid.* p. 164.

¹⁰¹ *Ibid.* p. 165.

O *falar concreto* apresenta a técnica lingüística como efetivamente realizada e também contém uma série de determinações próprias que o fazem *inédito*. A *norma* abrange fatos lingüísticos realmente realizados e existentes na tradição. Já “o sistema é uma *técnica aberta* que abrange virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam o seu uso”.¹⁰²

É graças ao *sistema* que uma língua não é apenas o que já foi feito através da sua técnica, mas tudo aquilo que, por meio desta língua, se pode fazer. A língua “não é somente passado e presente, mas possui uma dimensão de futuro”.¹⁰³

É no *tipo lingüístico* que estão contidos os procedimentos, as funções, as categorias e as estruturas responsáveis pela caracterização da língua. Deste modo, é ele que representa a coerência e a funcionalidade de um ou de mais de um sistema. Porém, a tipologia lingüística, como foi originalmente concebida, está ainda no seu começo. O que hoje é feito sob este nome, na realidade, é gramática contrastiva no nível dos sistemas e da classificação repetitiva de procedimentos lingüísticos.

Nora Galli de' Paratesi¹⁰⁴ apresenta conceitos importantes em relação à *norma*, baseada no contexto italiano anterior e posterior à Segunda Guerra Mundial. Foi neste período que o italiano regional passou a substituir os dialetos, devido principalmente a três fatores. O primeiro foi os movimentos migratórios no interior do país: do Sul e Nordeste da Itália para a zona industrial do Noroeste, na Toscana e em toda parte dos centros menores para as cidades. O segundo fator foi o aumento da renda *per capita* devido à industrialização e o terceiro foi a influência da escola, da mídia e da mobilidade social na vida dos falantes.

¹⁰² COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980, p. 123.

¹⁰³ *Ibid.* p. 125.

¹⁰⁴ GALLI DE' PARATESI, Nora. Mutamenti sociali e norma linguistica. In: LO CASCIO, Vincenzo (Org.). *L'Italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987, p. 34 e 35.

Pela primeira vez, na Itália, a língua nacional, nas suas diversas variedades, tornou-se o único sistema lingüístico de uma grande parte da população e, portanto, uma língua realmente falada em cada tipo de comunicação.

A autora entende por *norma* a preferência por determinada variedade lingüística entre outras quando se tem mais de uma em conflito. Em torno de uma das formas possíveis em competição, há um consenso social, baseado em vários motivos, como, por exemplo, o prestígio social da variedade na comunidade lingüística.

Galli de' Paratesi afirma que existe “uma norma de fato, não imposta oficialmente, que se forma sozinha por um processo lento, complexo e também contraditório,” a que chama de “*norma social*”.¹⁰⁵ Diz ainda que, para que se formasse a nova língua italiana nacional, era preciso que se formasse também uma burguesia que não falasse mais o dialeto até que finalmente o uso da língua no contexto social (e não somente como forma escrita para o uso literário) levasse à sedimentação de uma norma de fato. No caso da Itália, coube à Academia della Crusca a tarefa de explicitar e de impor essa norma, pois a unificação da língua foi um potente elemento de coesão política e social que colaborou com a unificação do próprio Estado italiano.

A *norma social* ou *de fato*¹⁰⁶ é um conjunto de normas parciais válidas em grupos e em contextos diversos. É uma norma *sedimentada* e *prática* porque descreve (norma *a posteriori*) de modo perfeito a dinâmica histórica.

A *norma explícita*¹⁰⁷, que corresponde à norma *prescritiva* (ou *a priori*), indica como bom somente um subconjunto de formas que fazem parte da norma de fato. Ela não consegue abraçar todas as variedades diastráticas, diafásicas e diatópicas da língua. Logo, a passagem da norma sociolingüística de fato à norma prescritiva é sempre uma redução da complexidade e da extensão do sistema.

¹⁰⁵ *Ibid.* p. 36.

¹⁰⁶ *Ibid.* p. 38.

¹⁰⁷ *Ibid.* p. 38 e 40.

A diferença entre *norma escrita* e *norma falada* ¹⁰⁸ não pode ser reduzida apenas a uma diferença de registro, de formalidade ou de socioleto. A distinção entre forma escrita e falada vai além das diferenças diastráticas e diatópicas, como sendo uma diferença de codificação. A codificação da língua escrita é radicalmente diferente da formulação explícita, do conteúdo semântico, das referências espaciais, da gesticulação e, sobretudo, da possibilidade de interação apresentada pela língua falada. A escrita fornece um conjunto de textos fisicamente tangível e acessível ao qual se pode fazer referência. A grande referência ao *corpus* escrito tem sido seletivamente programada na redação de uma norma explícita. Porém, a língua escrita vem codificada com certa cristalização, que freia em parte a sua evolução no tempo. A língua oral, ao contrário, mantém uma maior mobilidade diacrônica, por isso, se fala da distinção da língua falada em relação à língua escrita.

Ao fazer considerações sobre a norma escrita e falada, Nora Galli de' Paratesi observa que, no contexto italiano, a norma é duplamente representada pela forma escrita, pois se apresenta como uma forma restrita e rígida da língua, distante da fala.

Segundo a autora, o italiano tem apresentado uma série de formas que não são inovações, pois já existiam em tempos remotos ou em períodos mais atuais. Entretanto, estas foram banidas da língua escrita pela história particular do italiano, no qual a norma nasce, “não como uma explicitação *a posteriori* da norma social de fato, mas como norma prescritiva *a priori*, artificialmente criada de uma idealização reduzida e parcial de uma língua escrita e não falada de uma só região”.¹⁰⁹ Com a divulgação da versão escrita da língua italiana, foi criada uma norma sociolingüística de fato, que deu um clima de consenso a essas formas (mais ou menos dialetais) antes subentendidas e confinadas ao italiano falado e ao dialeto.

¹⁰⁸ *Ibid.* p. 41 e 42.

¹⁰⁹ *Ibid.* p. 49.

Vários estudiosos têm denominado diversamente esta nova variedade do italiano: Canepari¹¹⁰ fala de *italiano standard* para o modelo abstrato. A autora¹¹¹ propõe *italiano normativo* para o modelo e *italiano standard* para a aproximação desse modelo à realidade. Sabatini¹¹², para este último, fala de *italiano médio* e conserva *italiano standard* para o abstrato. Entretanto, os termos utilizados não têm importância, o que importa realmente é a existência de um italiano não descrito pelas gramáticas, supra-regional, que cobre uma larga faixa de socioletos e cuja existência é um consenso de fato.

2.5.11 Gramática e língua funcional

De acordo com Eugenio Coseriu¹¹³, uma gramática completa de qualquer língua deveria ser compreendida por três seções: uma seção *constitucional* ou *morfológica* em sentido amplo, uma seção *funcional* (estudo dos significados gramaticais da língua) e uma seção *relacional*. As seções constitucional e relacional deveriam estar subordinadas à seção funcional, pois seriam a base e o ponto de vista das funções semânticas, que são a finalidade da linguagem e a razão de ser das línguas. Essa *gramática ideal* não existe, porque, atualmente, nenhuma gramática leva em conta essas três seções.

A gramática de uma língua, além de atender à morfologia e à sintaxe funcional, deve também prever as diferentes variantes de conteúdo, que ocorrem em contextos definidos.

A linguagem manifestada como língua, enquanto criação, é sempre liberdade e historicidade. Cada indivíduo dispõe da língua para manifestar-se na liberdade. Esta liberdade é ilimitada no âmbito do texto, onde os sentidos, e não os significados, são sempre novos.

Assim, a dimensão histórica da língua coincide com a própria historicidade do homem.

¹¹⁰ CANEPARI, Luciano. *Italiano Standard e pronunce region ali*. Padova: CLEUP, 1983, p. 19-42.

¹¹¹ GALLI DE' PARATESI, N. *Lingua toscana in bocca ambrosiana; tendenze verso l'italiano standard: un'inchiesta sociolinguistica*. Bologna: il Mulino, 1984, p. 41-56.

¹¹² SABATINI, F. L'italiano dell'uso medio: una realtà tra le varietà linguistiche italiane. In: HOLTUS, G. e RADTKE, E. (Org.). *Gesprochenes Italienisch*. Cidade: editora, 1985, p. 154-184.

¹¹³ COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980, p. 87.

O plano histórico¹¹⁴ é o plano dos significados, das funções da língua, da *língua funcional* (língua que funciona diretamente nos *discursos* ou textos). Para especificar tais funções, é necessário estabelecer as distinções entre: conhecimento da língua e conhecimento das *coisas*; linguagem e metalinguagem; sincronia e diacronia; técnica livre e *discurso repetido*; *arquitetura* da língua (língua histórica) e *estrutura* da língua (língua funcional).

O plano do saber histórico¹¹⁵ contém fatos lingüísticos e também outras tradições relacionadas com o mundo extralingüístico. O saber idiomático ou lingüístico é a descrição da língua como tal, enquanto que o conhecimento das *coisas* inclui as idéias e opiniões sobre essas mesmas *coisas*, que justificam provérbios, modos de dizer, expressões, linguagens técnicas e assim por diante. Tais idéias e opiniões constituem tradições que, de um modo geral, não coincidem com as associações lingüísticas, pois podem apresentar limites mais amplos ou mais estreitos do que os de uma determinada comunidade lingüística.

Uma importante distinção no plano do saber lingüístico é a que existe entre *linguagem* e *metalinguagem*. A *linguagem* ou *linguagem primária* é a linguagem cujo objeto não é por sua vez uma linguagem. Já a *metalinguagem* é uma linguagem cujo objeto também é uma linguagem, como o falar das palavras e das frases. Esta pertence ao domínio lingüístico do falar quando representa certo uso de linguagem. O seu léxico é virtual, ilimitado e não estruturado, pois as palavras surgem no próprio momento da sua realização.

Quando se fala em descrição da língua, fala-se em linguagem primária, visto que a metalinguagem não apresenta estrutura e nem pode se estruturar no nível do saber idiomático.

Uma distinção essencial na linguagem primária e que também pode se estender à metalinguagem é a diferença entre *sincronia* e *diacronia*¹¹⁶, ou seja, entre a língua num dado momento histórico (e considerada no seu funcionamento no falar) e a *língua através do*

¹¹⁴ *Ibid.* p. 102.

¹¹⁵ *Ibid.* p. 103.

¹¹⁶ *Ibid.* p. 106.

tempo. Cabe lembrar que a descrição de uma língua é sincrônica, no sentido de que a língua é considerada no seu funcionamento e não na sua trajetória histórica.

No estado *sincrônico* da língua, torna-se necessário distinguir a tradição da *técnica livre* do discurso e a tradição do *discurso repetido*. Na técnica livre, tem-se os elementos da língua e suas regras atuais referentes à sua modificação e combinação. No discurso repetido, encontra-se tudo o que se repete tal e qual sistematicamente no falar de uma comunidade. O discurso repetido é composto por diversas formas, como: citações, provérbios, locuções fixas, modos de dizer, formas tradicionais de comparação, entre outras. Todas estas formas lingüísticas não são estruturadas, porque são fixas, não podem ser substituídas e não entram em oposições funcionais atuais. Outras formas de discurso repetido correspondem a sintagmas, a *perífrases lexicais*, que correspondem a uma só palavra da técnica livre e a morfemas.

A língua, enquanto técnica sincrônica do discurso, é o objeto por excelência da descrição estrutural. A *língua histórica*, aquela “constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas”¹¹⁷, apresenta sempre variedade interna. Essas diferenças pertencem a três grupos: diferenças *diatópicas* (do espaço geográfico), diferenças *diastráticas* (entre os estratos socioculturais da comunidade lingüística) e diferenças *diafásicas* (entre os diversos estilos ou modalidades expressivas).

É no nível da língua popular ou dialetal que as diferenças diatópicas são geralmente muito notadas, pois aí elas aparecem com mais evidência. As diferenças diastráticas são mais acentuadas nas comunidades em que existem grandes variedades culturais entre os diversos estratos sociais. De acordo com as comunidades, as diferenças diafásicas podem ser percebidas entre língua falada e língua escrita, entre língua usual e língua literária, entre o

¹¹⁷ *Ibid.* p. 110.

modo de falar familiar e um modo público, entre linguagem corrente e linguagem cerimoniosa, etc.

Para Coseriu¹¹⁸, a estes três tipos de diferenças correspondem, em sentido oposto, três tipos de unidades de sistemas lingüísticos mais ou menos uniformes, mas não homogêneos, pertencentes à língua histórica: unidades *sintópicas* ou *dialetos* (unidades consideradas em um só ponto do espaço ou que quase não apresentam diversidade espacial), unidades *sinstráticas* ou *níveis de língua* (os dialetos sociais) e unidades *sinfásicas* ou *estilos de língua* (unidades de modalidade expressiva, sem diferenças diafásicas). Pode-se então dizer que uma língua histórica é “um *diassistema*, um conjunto mais ou menos complexo de *dialetos*, *níveis* e *estilos de língua*”.¹¹⁹ Assim, uma língua histórica não pode ser descrita estrutural e funcionalmente como um sistema lingüístico ou como uma estrutura unitária e homogênea.

A circunstância de uma língua histórica abarcar várias línguas funcionais, algumas coincidentes, outras diferentes, representa a sua *arquitetura* ou *estrutura externa*¹²⁰, enquanto a circunstância de, entre os elementos de uma mesma língua funcional, existirem determinadas relações, constitui a *estrutura interna* desta língua.

A língua funcional é o objeto da descrição lingüística estrutural e funcional. Ela é uma técnica lingüística determinada, unitária e homogênea. É uma língua *sintópica*, *sinstrática* e *sinfásica*, ou seja, um só dialeto, em um só nível e num só estilo de língua. É uma língua funcional porque só ela entra efetivamente nos discursos, que individualmente podem apresentar mais de uma língua funcional.

¹¹⁸ *Ibid.* p. 112.

¹¹⁹ *Ibid.* p. 112.

¹²⁰ *Ibid.* p. 120.

CAPÍTULO III

Metodologia

3.1 A escolha da comunidade

A escolha da comunidade de Galópolis deveu-se a dois fatores. Primeiramente, esta localidade apresenta uma realidade lingüística riquíssima e complexa, mas pouco explorada cientificamente. Em Galópolis, que se saiba, não foram realizadas pesquisas de caráter semelhante. Em segundo lugar, a pesquisadora já mantém contato com alguns de seus moradores há vários anos. Logo, os informantes não são de todo desconhecidos, o que colaborou grandemente para a interação entre pesquisadora e entrevistado.

3.2 O histórico dos sujeitos

A pesquisa de campo quantitativa por amostragem foi realizada na Sede de Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antão na Terceira Léguas (zona rural). Nela os sujeitos (cf. Quadro 01) foram divididos em dois gêneros - masculino e feminino -, e em três faixas etárias ou gerações - dos 15 aos 25 anos, dos 30 aos 45 anos e com mais de 50 anos.

Dos vinte e quatro sujeitos entrevistados, doze são moradores da zona urbana e doze residem na zona rural. Foram entrevistados dois sujeitos de cada gênero em cada faixa etária.

Do total dos sujeitos, apenas dois não possuem origem italiana, mas ambos casaram-se com descendentes de italianos e residem desde o casamento na zona rural de Galópolis.

Apenas três sujeitos do gênero feminino, dos vinte e quatro entrevistados, não são naturais da localidade. Uma nasceu em Giruá, outra em Bom Jesus e a terceira, em Nova Bréscia.

Quanto à naturalidade dos pais, avós paternos e avós maternos, os sujeitos que descendem de italianos citaram as seguintes localidades: Terceira Légua, Quarta Légua, Quinta Légua, Sexta Légua, Comunidade de São Romédio (atualmente, pertence à Paróquia Santos Apóstolos em Caxias do Sul), Comunidade de Santo Homobom (hoje, faz parte do Bairro Ana Rech em Caxias do Sul), Santa Lúcia do Piaí, Forqueta (atualmente, bairro de Caxias do Sul), Nossa Senhora de Loreto e Menino Deus (capelas de Forqueta), Comunidade de Nossa Senhora das Graças (hoje, faz parte do Bairro Cruzeiro em Caxias do Sul), Farroupilha, Jacarezinho (atualmente, pertence a Encantado), Linha Argola (hoje, pertence a Relvado), Vila Nova Sardenha (atualmente, é um bairro de Farroupilha), Nova Bréscia, Minas Gerais e Itália. Dos quatro sujeitos que citaram a Itália como país natal de seus antepassados, apenas um deles citou a região do Vêneto e a província de Cremona, região da Lombardia, como possíveis locais do nascimento dos avós.

Quanto à naturalidade dos pais, avós paternos e avós maternos, as duas pessoas entrevistadas que não possuem origem italiana, citaram as seguintes localidades: Santa Catarina, Bom Jesus, Giruá e Três de Maio.

O nível de instrução escolar dos sujeitos apresenta variação significativa: cinco deles possuem o que equivale atualmente ao ensino fundamental incompleto; três possuem o ensino fundamental completo; três possuem o ensino médio incompleto; sete, o ensino médio completo; uma cursa o quarto ano do curso normal e cinco possuem curso superior incompleto.

Profissionalmente, há as seguintes ocorrências: uma pessoa entrevistada é agente de aeroporto, cinco são estudantes, um é secretário paroquial e uma é secretária, três são comerciantes, um é industrial, dois são agricultores, duas são agricultoras, cinco são donas de casa e três estão aposentados.

Os sistemas lingüísticos utilizados pelos sujeitos na comunicação são a Língua Portuguesa e os dialetos italianos. Dos vinte e quatro sujeitos, onze utilizam alternadamente os dois sistemas lingüísticos citados, dependendo do interlocutor, do local e da situação comunicativa. Geralmente, com os familiares, parentes, amigos e com pessoas da localidade é usado o dialeto italiano. Na presença de pessoas estranhas e/ou que desconheçam o dialeto italiano e fora da localidade, é utilizada a Língua Portuguesa.

É importante salientar que, dos treze sujeitos que só utilizam a Língua Portuguesa como sistema lingüístico, onze são bilíngües passivos, pois entendem o que é dito pelas outras pessoas em dialeto italiano, mas só conseguem formular respostas em Língua Portuguesa. Apenas duas pessoas entrevistadas declararam não compreender nada verbalizado em dialeto italiano. Trata-se de mãe e filha. A mãe é de origem brasileira, casou-se com um descendente de imigrantes italianos e, como possuía a Língua Portuguesa como língua materna, transmitiu essa mesma língua à sua filha. Observa-se, por parte de ambas, certo indiferentismo em relação à fala dialetal italiana presente na comunidade.

Na zona urbana, dos doze sujeitos, sete utilizam apenas a Língua Portuguesa como sistema lingüístico e cinco utilizam a Língua Portuguesa e os dialetos italianos. Já na zona rural, dos doze sujeitos, seis utilizam apenas a Língua portuguesa como sistema lingüístico e os outros seis utilizam a Língua Portuguesa e os dialetos italianos em sua comunicação.

Todos os depoimentos aconteceram entre 1º de fevereiro e 02 de abril do ano de 2006.

O Quadro 01 apresenta um resumo do perfil sociocultural dos vinte e quatro sujeitos das pesquisas quantitativa e qualitativa, que foram propositalmente codificados para preservar a identidade de cada um.

QUADRO 01
Quadro-resumo do perfil sociocultural dos sujeitos

Sujeito	Gênero	Idade	Estado civil	Local de nascimento	Escolaridade	Profissão	Sistemas linguísticos usados na comunicação
S01	F	76	V	3ª Légua	EF incompleto	agricultora	LP e DI
S02	M	18	S	3ª Légua	EM	estudante	LP
S03	F	42	C	Giruí	EF incompleto	agricultora	LP
S04	M	45	C	3ª Légua	EF	agricultor	LP e DI
S05	M	17	S	3ª Légua	EM	estudante	LP
S06	F	39	C	Nova Bréscia	EM	comerciante	LP
S07	M	41	C	Galópolis	EF	comerciante	LP e DI
S08	F	51	C	Bom Jesus	EM	dona de casa	LP
S09	M	57	C	3ª Légua	EF incompleto	comerciante	LP e DI
S10	M	23	S	Galópolis	EM	secretário paroquial	LP
S11	M	44	C	Galópolis	ES incompleto	industrial	LP e DI
S12	F	21	S	3ª Légua	EM	secretária	LP
S13	F	25	S	3ª Légua	ES incompleto	estudante	LP e DI
S14	M	37	C	3ª Légua	EF	agricultor	LP e DI
S15	F	68	C	5ª Légua	EF incompleto	dona de casa	LP e DI
S16	F	17	S	Galópolis	EM Normal	estudante	LP e DI
S17	M	78	C	Galópolis	EM incompleto	aposentado	LP
S18	F	73	C	Galópolis	EF incompleto	dona de casa	LP e DI
S19	F	24	S	Galópolis	ES incompleto	agente de aeroporto	LP
S20	M	22	S	Galópolis	ES incompleto	estudante	LP
S21	M	55	C	Galópolis	EM incompleto	aposentado	LP
S22	F	41	C	Galópolis	EM	dona de casa	LP
S23	F	40	C	Galópolis	ES incompleto	dona de casa	LP
S24	M	69	C	3ª Légua	EM incompleto	aposentado	LP e DI

F: feminino
M: masculino
S: solteiro
C: casado
V: viúvo

EF: Ensino fundamental
EM: Ensino médio
ES: Ensino superior
LP: Língua Portuguesa
DI: Dialeto italiano

3.2.1 As variáveis

Esta pesquisa apresenta como variáveis o gênero, a faixa etária e a zona em que os sujeitos da amostra residem.

A pesquisa trata das atitudes transgeracionais, pois o estudo foi além de uma geração. Envolveu dois sujeitos do gênero feminino e dois sujeitos do gênero masculino de cada geração na zona urbana e na zona rural. Foram três as gerações pesquisadas, portanto, houve

informantes de três faixas etárias distintas: dos 15 aos 25 anos, dos 30 aos 45 anos e informantes com mais de 50 anos.

3.3 As hipóteses

As hipóteses desta pesquisa são:

- a) Os sujeitos das três gerações apresentam preconceito ou estigmatização quanto ao uso da fala dialetal italiana e prestigiam o português padrão;
- b) Os sujeitos das três gerações apresentam preconceito ou estigmatização quanto ao uso da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano e prestigiam a fala de língua portuguesa dos telejornais;
- c) Os sujeitos das três gerações do gênero feminino prestigiam mais a variedade de português padrão do que os sujeitos do gênero masculino.

As hipóteses acima apresentam os seguintes desdobramentos:

- 1º) Os sujeitos das três gerações do gênero feminino apresentam preconceito ou estigmatização quanto ao uso da fala dialetal italiana e prestigiam o português;
- 2º) Os sujeitos das três gerações do gênero masculino apresentam preconceito ou estigma quanto ao uso da fala dialetal italiana e prestigiam o português padrão;
- 3º) Os sujeitos das três gerações do gênero feminino apresentam preconceito ou estigma quanto ao uso da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano e prestigiam a fala de língua portuguesa dos telejornais;
- 4º) Os sujeitos das três gerações do gênero masculino apresentam preconceito ou estigma quanto ao uso da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano e prestigiam a fala de língua portuguesa dos telejornais;
- 5º) Os sujeitos das três gerações do gênero masculino prestigiam mais a variedade de português padrão do que os sujeitos do gênero feminino.

3.4 A pesquisa quantitativa

A pesquisa de campo, por amostragem, de caráter quantitativo, realizada no município de Caxias do Sul - RS -, mais precisamente, na Sede de Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léguas (zona rural), aconteceu entre os dias 1º de fevereiro e 2 de abril de 2006.

No caso específico deste trabalho, foram levadas em conta as atitudes relativas às variedades lingüísticas a serem estudadas: português padrão (PP), dialeto italiano (DI) e português com interferências do dialeto italiano (PIDI).

3.4.1 O instrumento da pesquisa quantitativa

O instrumento utilizado na pesquisa quantitativa foi criado a partir dos indicadores socioculturais (cf. Quadro 01 e Anexo I) levantados entre os sujeitos da pesquisa e baseou-se em parte do instrumento já usado no Projeto ESTIGMA, cuja coordenação é de responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Vitalina Maria Frosi. O instrumento em questão é especialmente o que se refere às reações subjetivas dos sujeitos, elegendo a técnica dos Falsos Pares criada por Lambert e o modelo mentalista de análise. O mesmo é composto de um texto em três versões (português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano), que contém elementos indicativos de preconceito ou estigma e de uma lista com dezenove afirmações (cf. Anexos II, III, IV e V).

A partir da audição das três versões do texto gravado, os sujeitos da pesquisa respondem a uma lista composta de dezenove questões estruturadas, através de uma das seguintes alternativas: concordo plenamente (CP), concordo (C), nem concordo nem discordo (NC/ND), discordo (D) ou discordo totalmente (DT). Há ainda a possibilidade do sujeito não responder (NR) à frase proposta.

As frases que compõem o questionário são divididas como positivas – doze frases – ou negativas – sete frases. As frases positivas são descritas e analisadas da Tabela 1 até a Tabela 12. Da Tabela 13 à Tabela 24, tem-se a descrição e análise das frases negativas.

As frases positivas são assim denominadas, pois atribuem prestígio aos falantes nas gravações das três variedades lingüísticas pesquisadas. Nas frases, encontram-se palavras que conferem aos falantes qualidades como, por exemplo, as de serem pessoas de confiança, inteligentes, trabalhadoras e estudadas.

Já as frases negativas menosprezam estes mesmos falantes, atribuindo-lhes características depreciativas, que marcam o preconceito ou estigma, como, por exemplo, as de enganarem os outros, serem feios, rudes e atrasados.

3.4.2 A aplicação do instrumento

Para a obtenção dos dados, os sujeitos da localidade foram contatados pela pesquisadora. Os primeiros sujeitos eram pessoas da comunidade já conhecidas da pesquisadora e estas foram indicando outras pessoas que poderiam colaborar com o trabalho.

O convite era feito e, havendo resposta afirmativa, o encontro era marcado previamente. As entrevistas foram realizadas nas residências ou nos locais de trabalho dos sujeitos, dependendo da disponibilidade de cada um.

Antes do início da entrevista e para situar os sujeitos, foi-lhes informado que a pesquisa era um estudo sobre a fala na localidade, porém, foi omitida a intenção de atribuir juízos de valor lingüístico às respostas dadas a fim de evitar uma possível postura defensiva dos entrevistados.

Todos os sujeitos ouviram as três versões do texto, passando a seguir a responder às dezenove afirmações presentes no instrumento de pesquisa. Os sujeitos mais idosos, devido a

problemas motores ou visuais, tiveram ajuda, quando solicitada, apenas no preenchimento da alternativa escolhida.

Por uma questão de ética, os nomes dos sujeitos da pesquisa não serão publicados, sendo os mesmos identificados através dos códigos S01 a S24 (cf. Lista de Abreviaturas e Quadro 01).

3.5 A pesquisa qualitativa

A pesquisa de campo, por amostragem, de caráter qualitativo foi realizada no município de Caxias do Sul - RS -, mais precisamente, na Sede de Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léguas (zona rural) e aconteceu entre os dias 1º de fevereiro e 2 de abril de 2006.

Para a realização da pesquisa de campo qualitativa, foram entrevistados os mesmos vinte e quatro informantes da pesquisa quantitativa. A amostra utilizada é reduzida, porém, o questionário utilizado na pesquisa é bastante extenso e, segundo Trask¹²¹,

uma abordagem qualitativa enfoca tipicamente o estudo de pequenas quantidades de falantes ou textos, porque a abundância de dados e os estudos estatísticos são considerados menos importantes do que revelar os significados sociais que as pessoas atribuem a suas atividades lingüísticas, quando falam ou escrevem.

Os sujeitos foram codificados de S01 a S24 para preservar a identidade de cada um. e responderam às trinta perguntas do questionário, que foi elaborado com o objetivo de observar aspectos relativos ao preconceito e estigma presentes nas respostas dos informantes.

¹²¹ TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 16 e 17.

3.5.1 O instrumento da pesquisa qualitativa

O instrumento da pesquisa qualitativa trata-se de um questionário formado por trinta questões semi-estruturadas com características livres, pois o sujeito da amostra ouve a pergunta feita e passa a falar livremente (cf. Anexo VI).

O questionário utilizado faz parte dos instrumentos elaborados pelo Projeto ESTIGMA e foi usado neste trabalho com a intenção de colaborar, mesmo que de forma muito modesta, na ampliação da área já pesquisada por este projeto.

3.5.2 A aplicação do instrumento

Os sujeitos da amostra, primeiramente, ouviram as três versões do texto e responderam à lista de afirmações, que integra o instrumento da pesquisa quantitativa. Após, foi aplicado o instrumento da pesquisa qualitativa, um questionário composto de trinta perguntas.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos sujeitos. A transcrição das mesmas foi realizada para que o levantamento dos dados coletados fosse possível.

CAPÍTULO IV

Descrição e Análise dos Dados Obtidos na Pesquisa Quantitativa

4 Os Dados Levantados na Pesquisa Quantitativa

Os dados apresentados na pesquisa quantitativa foram agrupados de acordo com o gênero, a faixa etária e a zona em que residem os sujeitos da amostra.

4.1 Frases positivas

Primeiramente, foram analisadas as respostas dadas pelos sujeitos às frases positivas, assim denominadas por atribuírem prestígio aos falantes nas gravações das três variedades lingüísticas pesquisadas.

4.1.1 Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana

Tabela 01
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

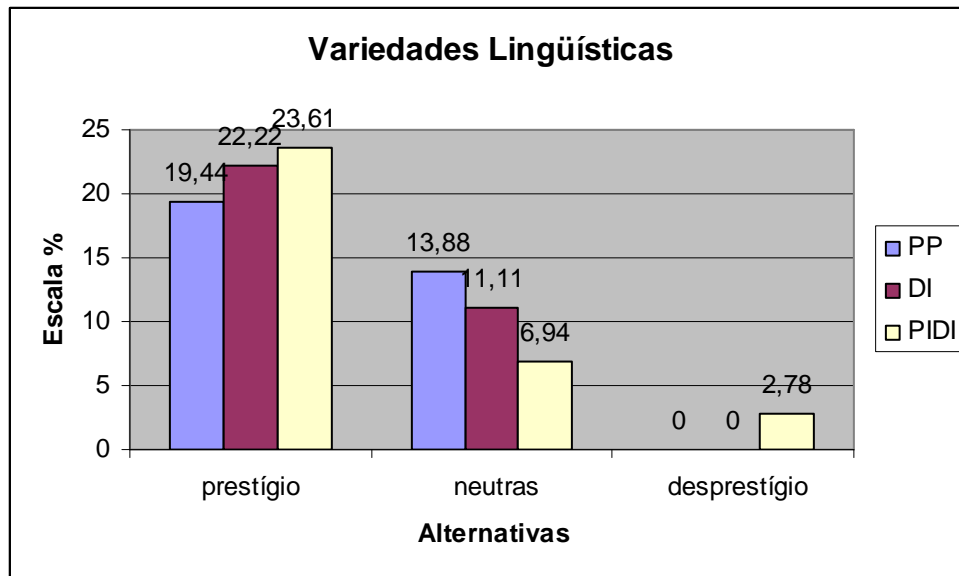
Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	19,44	19,44	13,88	0	13,88	0	0	0
DI	2,78	19,44	22,22	11,11	0	11,11	0	0	0
PIDI	11,11	12,50	23,61	6,94	0	6,94	2,78	0	2,78

PP = português padrão
DI = dialeto italiano
PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente
C = concordo
NC/ND = não concordo nem discordo
NR = não respondeu
D = discordo
DT = discordo totalmente

Pode-se observar que há, na zona urbana, nesse gênero e faixa etária, significativa aceitação de PP, DI e PIDI. O maior índice percentual para ocorrências de prestígio é para a variedade lingüística de PIDI. Ao observar o Gráfico 01, obtém-se uma visão de conjunto da posição das três variedades lingüísticas.

Gráfico 01



4.1.2 Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana

Tabela 02

RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	1,39	13,88	15,27	18,05	0	18,05	0	0	0
DI	1,39	22,22	23,61	6,94	0	6,94	1,39	1,39	2,78
PIDI	0	29,16	29,16	4,17	0	4,17	0	0	0

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

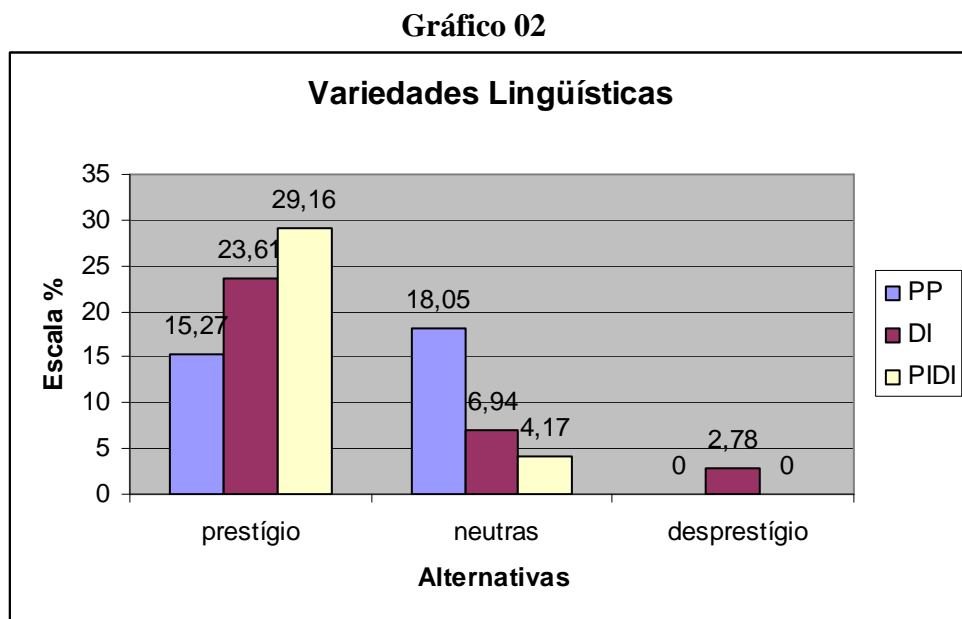
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Verifica-se que há predomínio das alternativas de prestígio em PP, DI e PIDI, sendo que a variedade de PIDI recebe o maior índice. Nota-se também um índice significativo de respostas indicando neutralidade no PP.

Em uma visão de conjunto, no Gráfico 02, percebe-se a posição ocupada pelas três variedades lingüísticas pesquisadas.



4.1.3 Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural

Tabela 03
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	5,55	20,83	26,38	4,17	0	4,17	1,39	1,39	2,78
DI	6,94	19,44	26,38	4,17	0	4,17	1,39	1,39	2,78
PIDI	2,78	19,44	22,22	4,17	0	4,17	0	6,94	6,94

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

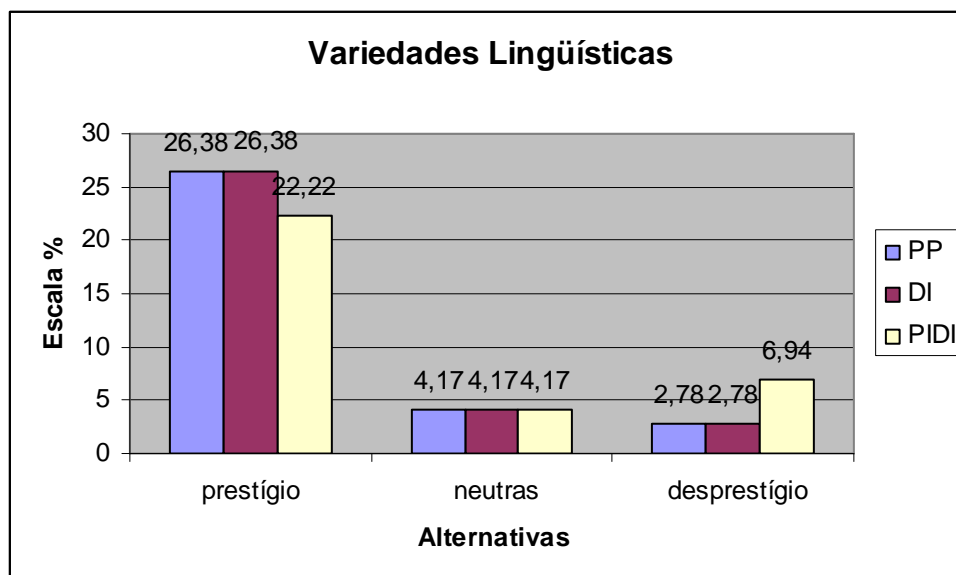
D = discordo

DT = discordo totalmente

Também na zona rural acontece significativa aceitação das três variedades lingüísticas, demonstrada pelos percentuais alcançados nas ocorrências das alternativas de prestígio. Percebe-se que há igual índice percentual de prestígio para PP e DI. Nas três variedades lingüísticas, ocorre o mesmo percentual para as respostas que indicam neutralidade.

As variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano estão representadas conjuntamente, no Gráfico 03, mostrando a posição que ocupam.

Gráfico 03



4.1.4 Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural

Tabela 04
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	1,39	9,72	11,11	20,83	0	20,83	1,39	0	1,39
DI	0	18,05	18,05	13,88	0	13,88	0	1,39	1,39
PIDI	1,39	19,44	20,83	6,94	0	6,94	2,78	2,78	5,56

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

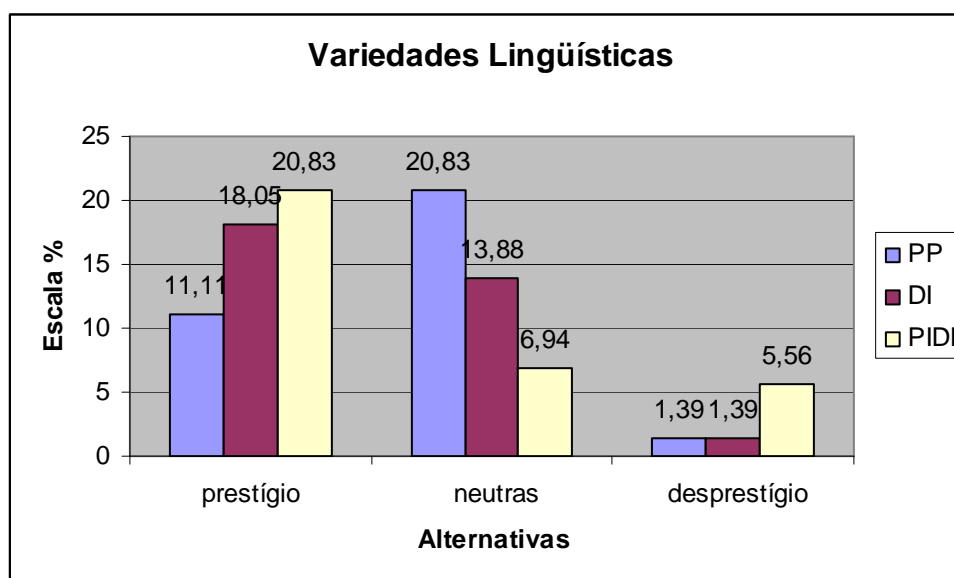
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Existe, na ocorrência da variedade lingüística do PP, o predomínio da neutralidade. Já para o DI, a ocorrência maior é das alternativas de prestígio seguida de perto também pelas alternativas neutras. O destaque é a ocorrência de PIDI que recebe, entre as alternativas de prestígio das três variedades lingüísticas, o maior percentual. O Gráfico 04, em uma visão de conjunto, mostra a posição ocupada pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Gráfico 04



Surpreendentemente e de um modo geral, há significativas ocorrências de prestígio para o português com interferências do dialeto italiano (PIDI) e para o dialeto italiano (DI), tanto na zona urbana quanto na rural. Observa-se também que, entre os sujeitos do gênero masculino, além das ocorrências de prestígio para PIDI e DI, ocorre uma tendência ao predomínio da neutralidade em relação ao português padrão (PP), isso tanto na zona urbana quanto na zona rural. Possivelmente, tenha-se aqui uma tentativa de valorização das origens, manifestada pelos jovens através da influência recebida dos movimentos étnico-culturais de volta às origens. Pois, foram muitas as manifestações culturais que aconteceram a partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, tendo como objetivo o ressurgimento das tradições trazidas e aqui cultivadas pelos primeiros imigrantes.

É exemplo dessas manifestações o surgimento de grupos de teatro (*Sociedade Cultural Miseri Coloni*), corais, grupos musicais (*Voices da Terra, Sul Paion*), cantores e até mesmo dos nomes dados a estabelecimentos comerciais como: *Sorella* Calçados, *Massaiola*, *Lapiu Bella* (=La più bella) Padaria e Confeitaria, *Bella Città* (= Bella Città) Paisagismo e Floricultura. Essas denominações de estabelecimentos comerciais, não poucas vezes, são escritas de forma errônea, vale dizer, nem estão de acordo com a ortografia da língua italiana *standard*, nem seguem um sistema ortográfico definido para a representação dialetal e tão pouco orientam-se por aquele de língua portuguesa. Há, em alguns casos, uma mescla de língua ou dialetos italianos com o português. Serve de exemplo a denominação *Rubinettos Torneiras Italianas* para um estabelecimento comercial que vende metais sanitários. A palavra *Rubinettos* é um léxico italiano, porém com o sufixo flexional de número da língua portuguesa. O nome *Rubinettos* é seguido por seu correspondente em português *Torneiras*, produzindo-se assim uma repetição viciosa da mesma palavra. Denominações lingüísticas híbridas tornaram-se freqüentes nos centros urbanos, particularmente, em Caxias do Sul. Muitas delas pertencem às últimas décadas do século passado e início deste. Tais

denominações podem ser interpretadas como uma manifestação do sentimento de italianidade que, se analisadas na sua expressão formal, denunciam um quadro de interinfluências lingüísticas com marcas significativas da língua portuguesa. Poder-se-ia ver nesse fato uma tentativa de retorno à origem étnico-lingüística, ainda que em época tardia.

Além disso, houve, a partir de 1975, uma grande procura pela dupla cidadania, fazendo com que os jovens mostrassem interesse não apenas pelas origens italianas, mas, principalmente, pela possibilidade de um futuro melhor, morando e trabalhando em um país de Primeiro Mundo no Continente Europeu.

Portanto, prestigiar o dialeto italiano e/ou o português com interferências do dialeto italiano, equiparando-os ao português padrão, tornou-se, para os jovens, uma oportunidade de acesso a uma condição socioeconômica melhor, até então alcançada, unicamente, pelo domínio da norma culta. Porém, ao mesmo tempo em que é atribuído prestígio ao dialeto italiano, observa-se a existência de certa discordância em relação às atitudes e ao uso desta fala dialetal. Como bem coloca Frosi¹²²: “Em termos de uso, o dialeto, como língua regional de um grupo, está morrendo. Observado o comportamento lingüístico de grupos isolados de falantes, parece que a sua atitude afetiva de identificação lingüística cresce em relação ao dialeto na proporção em que o seu uso se extingue”.

¹²² FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário. (Coord.), *Nós, os ítalo-guaíchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p. 166.

4.1.5 Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana

Tabela 05
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	27,78	27,78	4,17	0	4,17	1,39	0	1,39
DI	1,39	29,16	30,55	1,39	0	1,39	0	1,39	1,39
PIDI	4,17	22,22	26,39	5,55	0	5,55	1,39	0	1,39

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

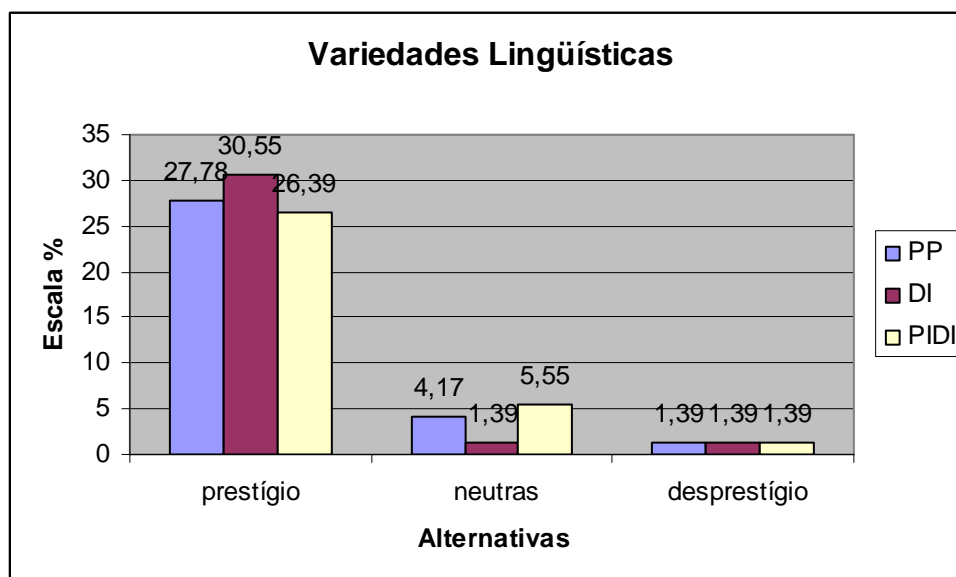
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Percebe-se a existência de uma grande percentagem de prestígio nas ocorrências das três variedades lingüísticas. Verifica-se também que a variedade com maior índice é a de DI. A visão de conjunto da posição ocupada pelas três variedades lingüísticas pode ser observada no Gráfico 05.

Gráfico 05



4.1.6 Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana

Tabela 06
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	29,16	29,16	4,17	0	4,17	0	0	0
DI	5,55	20,83	26,38	4,17	1,39	5,56	1,39	0	1,39
PIDI	6,94	19,44	26,38	4,17	0	4,17	2,78	0	2,78

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

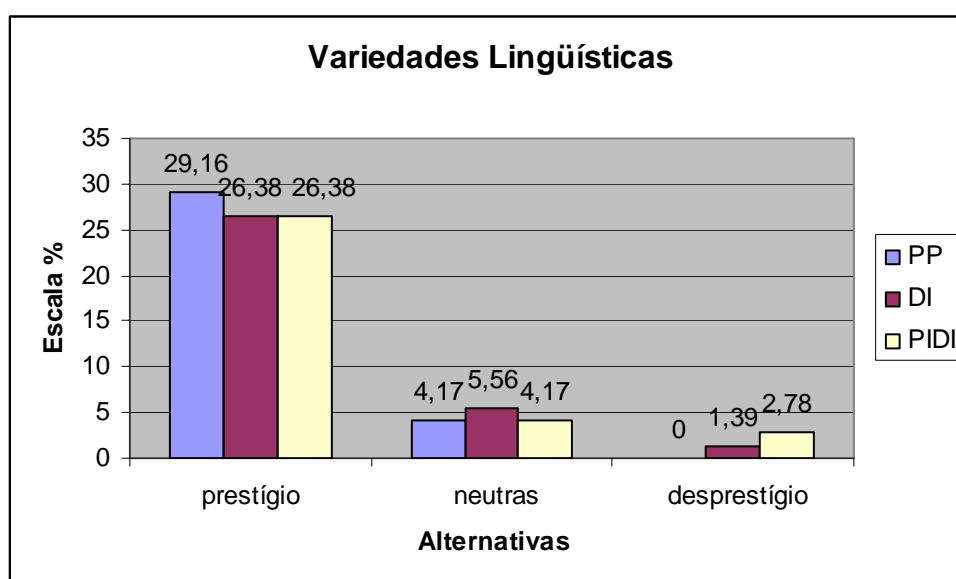
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Verifica-se o mesmo que foi anteriormente observado: a manutenção do prestígio atribuído às três variedades lingüísticas. Aqui, porém, o maior índice é dado ao PP. Percebe-se a posição das variedades de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano, conjuntamente, no Gráfico 06.

Gráfico 06



4.1.7 Sujeitos do gênero feminino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural

Tabela 07
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	12,50	6,94	19,44	12,50	0	12,50	0	1,39	1,39
DI	8,33	12,50	20,83	11,11	0	11,11	1,39	0	1,39
PIDI	13,88	9,72	23,60	5,55	0	5,55	2,78	1,39	4,17

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

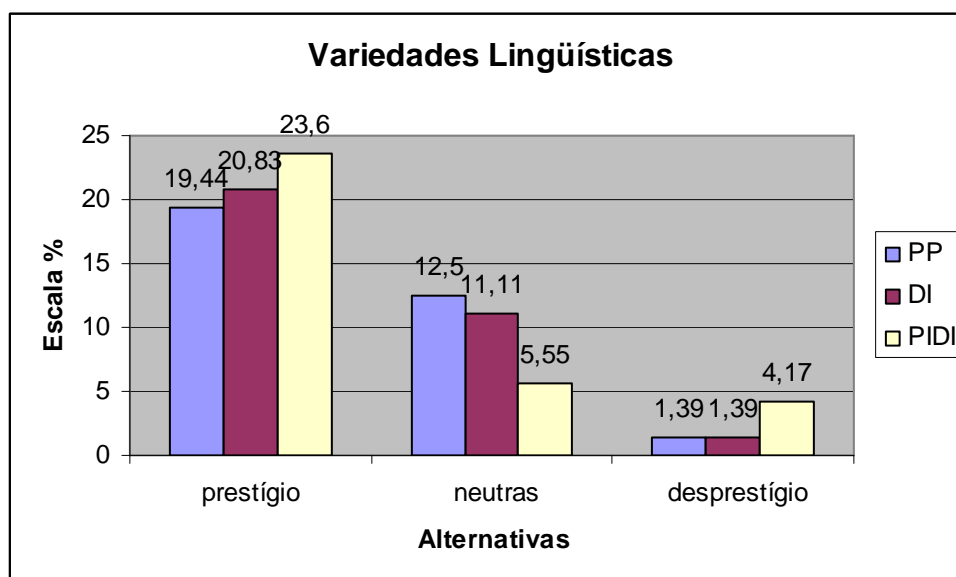
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

O prestígio das três variedades continua acontecendo. Observa-se um aumento percentual das respostas que indicam neutralidade, principalmente, nas ocorrências de PP e DI. No Gráfico 07, tem-se a visão de conjunto da posição ocupada pelas três variedades lingüísticas pesquisadas.

Gráfico 07



4.1.8 Sujeitos do gênero masculino da faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural

Tabela 08
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	8,33	18,05	26,38	6,94	0	6,94	0	0	0
DI	8,33	16,66	24,99	2,78	2,78	5,56	2,78	0	2,78
PIDI	11,11	12,50	23,61	4,17	0	4,17	1,39	4,17	5,56

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

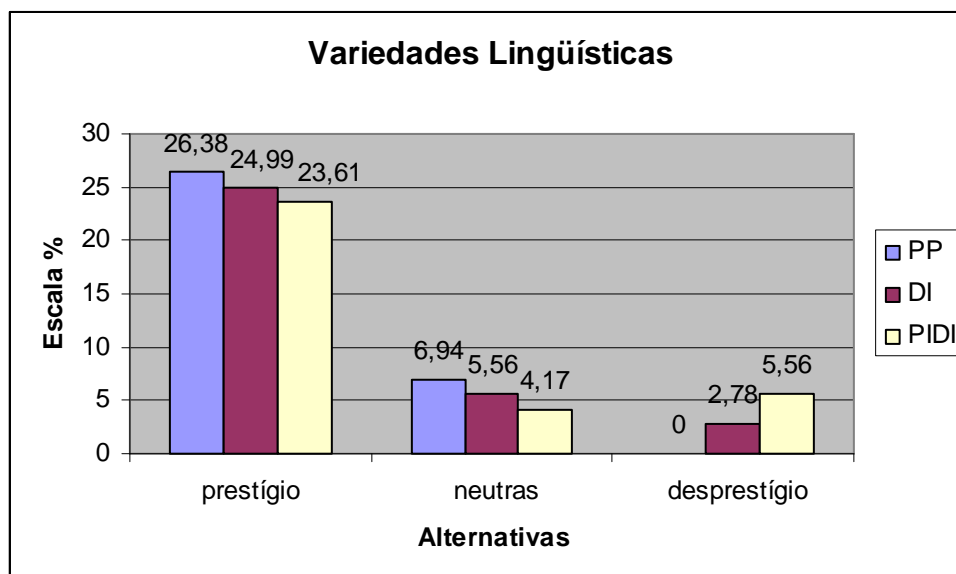
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Novamente, o prestígio se mantém nas três variedades lingüísticas. Verifica-se uma pequena oscilação entre os percentuais de prestígio, onde o PP lidera, seguido do DI e do PIDI. A posição ocupada, conjuntamente, pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano pode ser observada no Gráfico 08.

Gráfico 08



É oportuno salientar que, em todas as ocorrências, dentro dessa faixa etária, em zona urbana e rural, sempre ocorre o maior índice percentual nas respostas às alternativas de prestígio das três variedades lingüísticas. A neutralidade só é mais significativa nas ocorrências de PP e DI entre os sujeitos da zona rural. Estes resultados podem revelar dois aspectos importantes: o apego à tradição, às origens e a necessidade de adequar-se lingüisticamente às exigências atuais da sociedade.

Prestigiar o DI ou o PIDI é identificar-se com estas formas de linguagem oral. Pois, conforme Jürgen Heye¹²³, a função mais importante dos dialetos está na comunicação oral, já que não são rigidamente codificados como o são as variedades padrão. Vários sujeitos ainda utilizam essas formas lingüísticas, assim como seus antepassados as utilizavam, nas conversas informais entre familiares, parentes, amigos, vizinhos e conhecidos. Para os falantes, manter esta prática lingüística é manter a tradição viva.

Em contrapartida, no momento de conversar com estranhos, deslocar-se para Caxias ou para outro centro urbano maior e realizar transações comerciais, freqüentemente, torna-se necessário o uso da variedade padrão.

De acordo com Gaetano Berruto e Mônica Berretta¹²⁴, a língua fornece modos de dizer a mesma coisa, adequados às situações vividas. As situações de uso da língua determinam uma diversidade da língua na variedade: o falante é levado à variedade lingüística através das situações. Assim, o falante prestigia as três variedades lingüísticas, pois sabe que pode precisar ou desejar usá-las de acordo com o contexto em que está inserido.

¹²³ HEYE, Jürgen. Sociolingüística. In: PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 205-207.

¹²⁴ BERRUTO, Gaetano e BERRETTA, Monica. *Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata*. Napoli: Liguori, 1977, p. 50.

4.1.9 Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana

Tabela 09
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	8,33	16,66	24,99	6,94	1,39	8,33	0	0	0
DI	8,33	22,22	30,55	2,78	0	2,78	0	0	0
PIDI	11,11	15,28	26,39	4,17	0	4,17	1,39	1,39	2,78

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

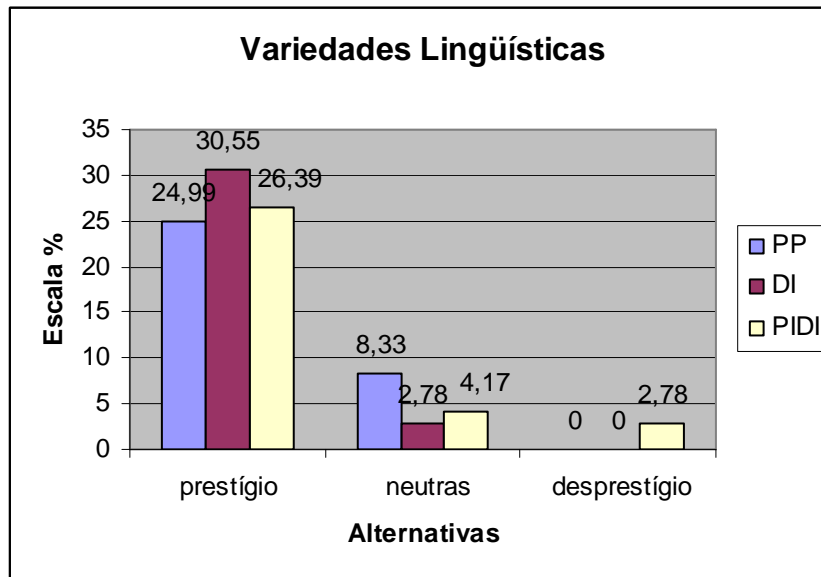
D = discordo

DT = discordo totalmente

Nota-se que, nas ocorrências do PP, DI e PIDI, há a predominância de respostas que indicam prestígio, de igual modo para as três variedades lingüísticas, com vantagem para a variedade dialetal italiana, seguindo-se a variedade de português com interferências do dialeto italiano e, por fim, a variedade de português padrão.

O Gráfico 09, em uma visão de conjunto, mostra a posição ocupada pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Gráfico 09



4.1.10 Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana

Tabela 10
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	5,55	27,78	33,33	0	0	0	0	0	0
DI	9,72	16,66	26,38	5,55	0	5,55	1,39	0	1,39
PIDI	13,88	15,28	29,16	1,39	0	1,39	2,78	0	2,78

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

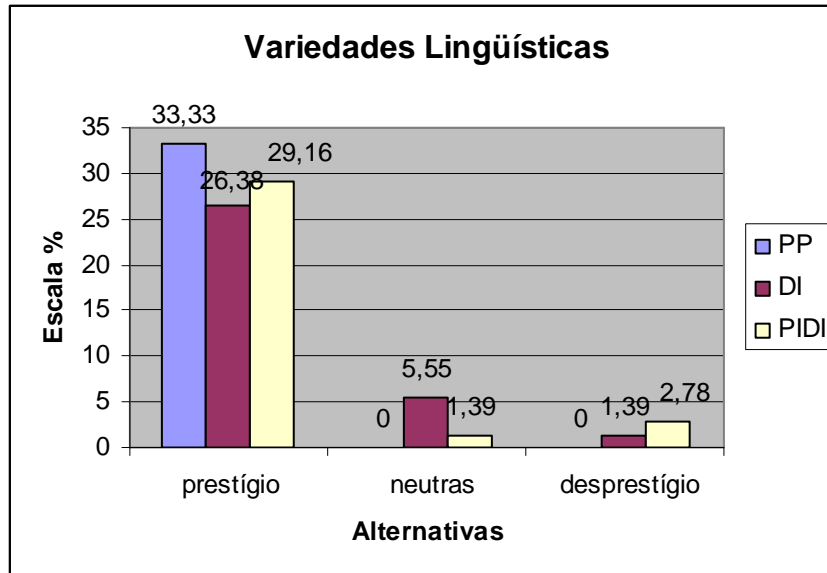
D = discordo

DT = discordo totalmente

Nas ocorrências de PP, DI e PIDI, persiste o predomínio das respostas de prestígio nas três variedades lingüísticas. O português padrão é a variedade que apresenta o maior índice percentual nas respostas dadas às alternativas de prestígio.

As variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano estão representadas conjuntamente, no Gráfico 10, mostrando a posição que ocupam.

Gráfico 10



4.1.11 Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural

Tabela 11
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	15,28	12,50	27,78	2,78	0	2,78	1,39	1,39	2,78
DI	16,66	13,88	30,54	1,39	0	1,39	1,39	0	1,39
PIDI	18,05	13,88	31,93	0	0	0	1,39	0	1,39

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

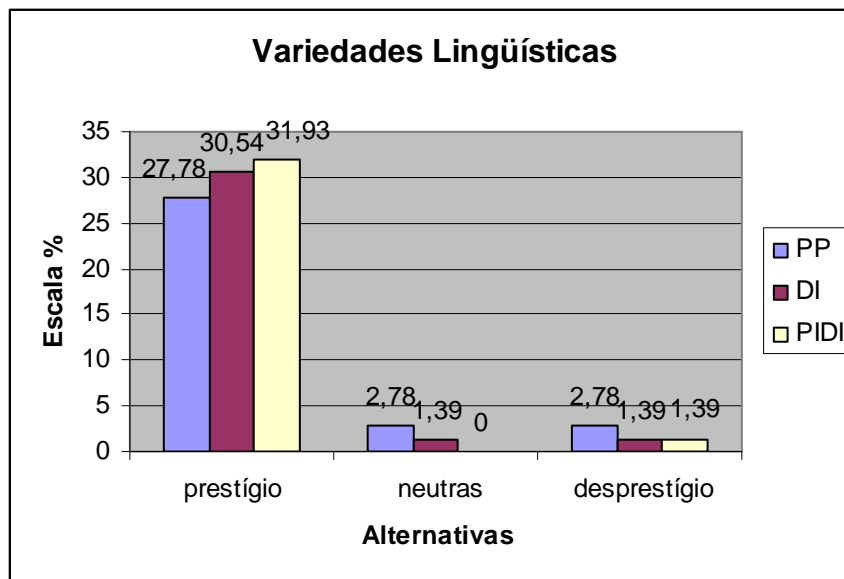
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Observa-se que o predomínio das respostas indicando prestígio, no PP, DI e PIDI, ocorre também entre os sujeitos da zona rural. A fala dialetal italiana apresenta o maior índice de respostas de prestígio, seguida pelo português com interferências do dialeto italiano e pelo português padrão. Em uma visão de conjunto, no Gráfico 11, percebe-se a posição ocupada pelas três variedades lingüísticas.

Gráfico 11



4.1.12 Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural

Tabela 12
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES POSITIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	prestígio			neutralidade			desprestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	6,94	20,83	27,77	4,17	0	4,17	1,39	0	1,39
DI	9,72	20,83	30,55	1,39	0	1,39	1,39	0	1,39
PIDI	9,72	16,66	26,38	2,78	0	2,78	4,17	0	4,17

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

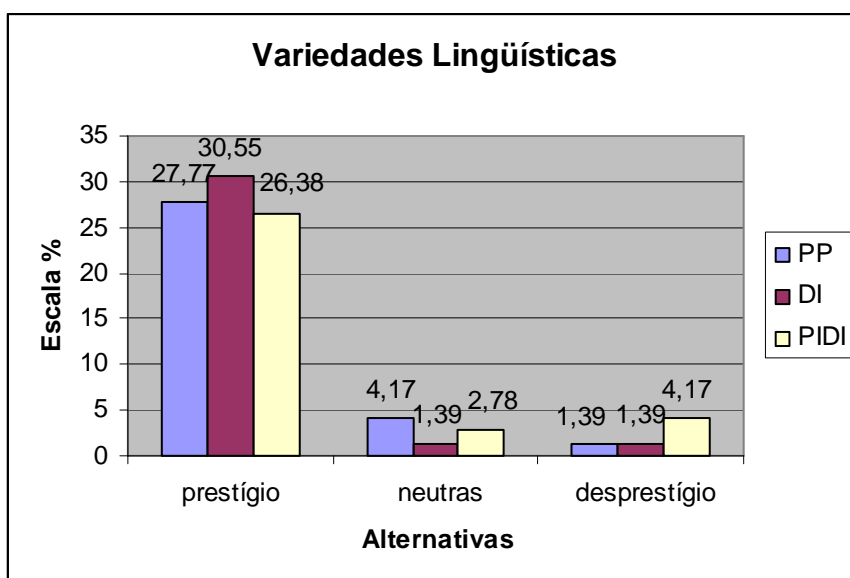
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Novamente, aparecem resultados que mantêm o prestígio das três variedades lingüísticas. Observa-se que o maior índice de prestígio acontece nas ocorrências da variedade dialetal italiana. A posição das variedades de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano pode ser vista, conjuntamente, no Gráfico 12.

Gráfico 12



A partir dos dados descritos, pode-se concluir que as respostas indicando prestígio obtêm os maiores índices percentuais nas três variedades lingüísticas tanto na zona urbana quanto na rural. Os índices variam de 24,99% a 31,93%. As respostas indicando desprestígio têm índices muito inferiores, que oscilam entre 0% e 4,17%.

É provável que estes resultados traduzam uma tentativa dos sujeitos em valorizar suas origens, pois há uma anulação paulatina da fala e da cultura italiana. Os falantes, consciente ou inconscientemente, tentam reagir no sentido de salvaguardar algo que lhes é muito caro,

uma vez que a fala dialetal italiana é ou foi para eles a língua da família, das relações afetivas. Segundo Berruto e Berretta¹²⁵, o dialeto é, em muitas situações, o único instrumento capaz de responder às exigências comunicativas dentro do grupo em que os falantes estão inseridos.

Porém, é interessante avaliar se essa tentativa não é passageira e/ou artificial, visto que a pesquisa de campo foi realizada em um período próximo ao da realização da Festa de Uva 2006 (fevereiro a abril), e sabe-se que, de modo geral, há grande envolvimento da comunidade durante a realização do maior evento turístico do município de Caxias do Sul, pois é uma festa comunitária.

Além da festa, a Prefeitura de Caxias do Sul, através da Secretaria de Turismo, oferece seis roteiros turísticos. Um deles é o roteiro *Estrada do Imigrante*, que percorre comunidades da 3ª Léguas, em Galópolis. Com sua arquitetura e belas paisagens, o trajeto resgata a história do caminho percorrido pelos primeiros imigrantes quando chegaram à Serra Gaúcha, no século XIX. A Casa do Imigrante e Museu Zinani, a Vinícola Grutinha, a Igreja de Pedra *Sacro Cuore di Gesù e Maria*, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e as Casas Bonnet são os pontos turísticos que integram esse roteiro. Entre os serviços oferecidos aos turistas estão: visitação, café colonial, missa, turismo de aventura, *trekking*, apresentações artísticas e passeio de carretão.

No período da Festa da Uva, além do envolvimento com toda a programação desenvolvida, há também o aspecto emocional, que faz com que os membros da comunidade queiram, de alguma forma, trazer para o presente aspectos tradicionais e significativos da cultura italiana, que marcaram o dia-a-dia de seus antepassados. Esta situação pode criar um clima de nostalgia e de saudosismo, mas não necessariamente de real prestígio do dialeto italiano e do português com interferências do dialeto italiano.

¹²⁵ BERRUTO, Gaetano e BERRETTA, Monica. *Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata*. Napoli: Liguori, 1977, p. 89 e 90.

4.2 Frases negativas

Após a análise das respostas dadas às frases positivas, foram analisadas as respostas fornecidas pelos sujeitos da amostra às frases negativas. Estas frases menosprezam os falantes, nas gravações das três variedades lingüísticas, atribuindo-lhes características depreciativas, que marcam o preconceito ou estigma, como, por exemplo, as de enganarem os outros, serem feios, rudes e atrasados.

4.2.1 Sujeitos do gênero feminino na faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana

Tabela 13
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	0	0	7,14	0	7,14	21,43	4,76	26,19
DI	0	0	0	11,90	0	11,90	19,04	2,38	21,42
PIDI	4,76	7,14	11,90	7,14	0	7,14	7,14	7,14	14,28

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

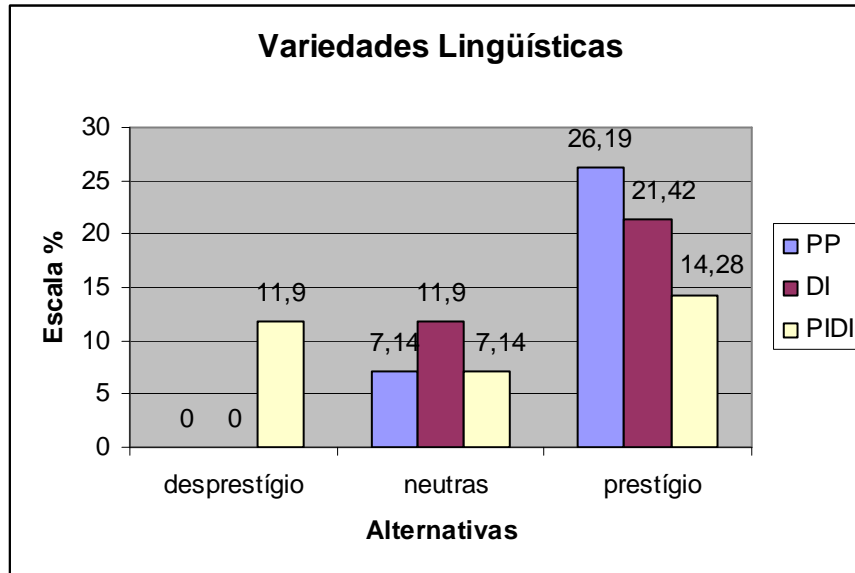
D = discordo

DT = discordo totalmente

Nas ocorrências de português padrão e dialeto italiano, nota-se o predomínio das alternativas de prestígio. Apenas na variedade de português com interferências do dialeto italiano é que o resultado das alternativas de desprestígio aproxima-se consideravelmente do resultado das alternativas de prestígio. A diferença apresentada é de somente 2,38 pontos percentuais em favor das respostas indicando prestígio.

Para uma visão de conjunto da posição das variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano, pode-se observar o Gráfico 13.

Gráfico 13



4.2.2 Sujeitos do gênero masculino na faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona urbana

Tabela 14
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	0	0	9,52	0	9,52	21,43	2,38	23,81
DI	0	7,14	7,14	7,14	0	7,14	19,04	0	19,04
PIDI	0	9,52	9,52	9,52	0	9,52	14,29	0	14,29

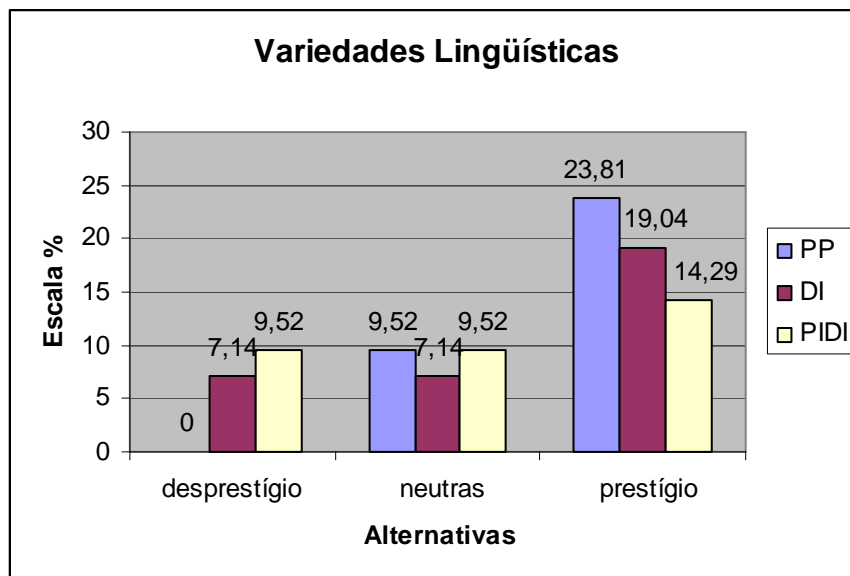
PP = português padrão
 DI = dialeto italiano
 PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente
 C = concordo
 NC/ND = não concordo nem discordo
 NR = não respondeu
 D = discordo
 DT = discordo totalmente

Na variedade lingüística de português padrão, percebe-se o predomínio das alternativas de prestígio. Para as ocorrências de fala dialetal italiana e de português com interferências do dialeto italiano, as alternativas de prestígio continuam predominando. Porém, são seguidas pelas alternativas neutras e de desprestígio. No caso da variedade de dialeto italiano, observam-se os mesmos índices percentuais de 7,14 para as respostas indicativas de neutralidade e de desprestígio, enquanto, na variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano, estas mesmas ocorrências apresentam índices percentuais iguais de 9,52.

O Gráfico 14 dá uma visão conjunta da posição das três variedades lingüísticas pesquisadas.

Gráfico 14



4.2.3 Sujeitos do gênero feminino na faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural

Tabela 15
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	4,76	4,76	9,52	4,76	0	4,76	14,29	4,76	19,05
DI	0	4,76	4,76	9,52	0	9,52	11,90	7,14	19,04
PIDI	2,38	4,76	7,14	7,14	0	7,14	14,29	4,76	19,05

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

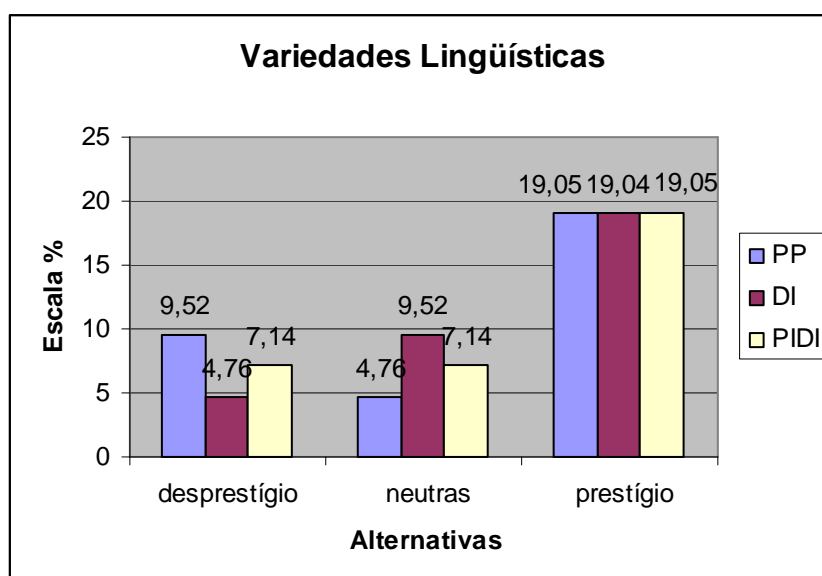
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Através dos dados apresentados na Tabela 15, confirma-se a manutenção das ocorrências de prestígio anteriormente apresentadas nas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. No Gráfico 15, as três variedades lingüísticas são apresentadas, possibilitando uma visão de conjunto das posições por elas ocupadas.

Gráfico 15



4.2.4 Sujeitos do gênero masculino na faixa etária dos 15 aos 25 anos na zona rural

Tabela 16
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 25 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	2,38	2,38	19,04	0	19,04	7,14	4,76	11,90
DI	4,76	0	4,76	14,29	0	14,29	11,90	2,38	14,28
PIDI	4,76	2,38	7,14	16,67	0	16,67	9,52	0	9,52

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

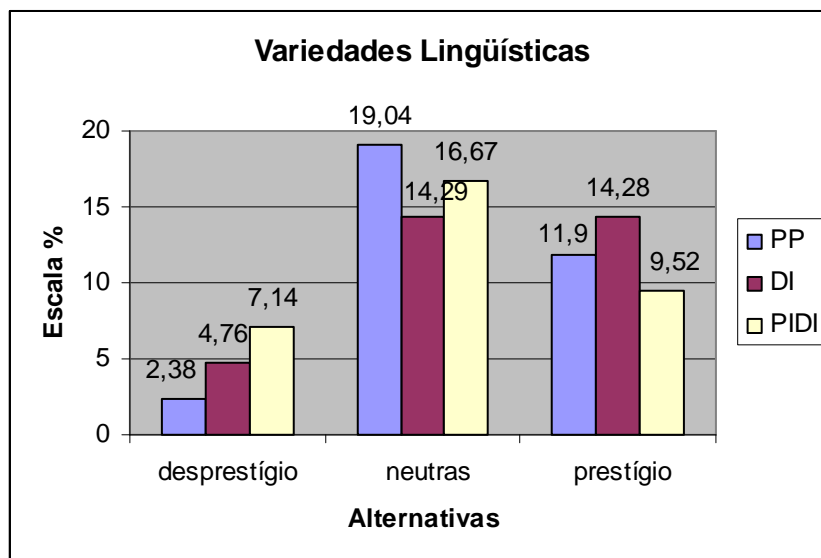
D = discordo

DT = discordo totalmente

Observa-se, através da Tabela 16, a primeira ocorrência em que as alternativas que indicam neutralidade alcançam, nas três variedades lingüísticas, os maiores índices percentuais. Na variedade de português padrão, ocorre o maior índice percentual, que é de 19,04. A fala dialetal italiana apresenta índice percentual de 14,29 e a variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano apresenta índice de 16,67 pontos percentuais.

A posição das variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano é apresentada, em conjunto, no Gráfico 16.

Gráfico 16



De um modo geral, o prestígio continua acontecendo também nas ocorrências envolvendo as frases negativas nas três variedades lingüísticas pesquisadas.

Porém, nesta faixa etária e entre sujeitos do gênero feminino residentes na zona urbana, nota-se a ocorrência de um índice significativo de 11,90 pontos percentuais, relativo ao desprestígio da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano que se aproxima do índice percentual de prestígio, que é de 14,28 pontos percentuais. É provável que tenhamos uma demonstração de que ainda exista certo preconceito em relação ao modo de falar nessa variedade lingüística. Parece que as jovens não estão tão indiferentes assim à fala utilizada pelos membros da comunidade urbana em que estão inseridas, opondo-se à variedade de português com interferências do dialeto italiano, provavelmente por ser considerada pelas mesmas, uma forma lingüística pouco ou não prestigiada socialmente.

Tem-se em Fischer (1958), no estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas*, a primeira referência estabelecida entre a variação lingüística e o fator

gênero. O estudo, citado por Maria da Conceição de Paiva¹²⁶, comprova o predomínio da forma de prestígio na fala feminina e da sensibilidade feminina a uma norma de linguagem.

Diversos estudos sociovariacionistas realizados acabaram por corroborar a constatação de Fischer, mostrando que a variável gênero pode ser significativa em processos de níveis diferentes (fonológico, morfossintático, semântico) e que existe uma ocorrência bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas socialmente prestigiadas nas comunidades de fala ocidentais.

Outro aspecto significativo a ser considerado neste contexto é o índice de neutralidade observado para a variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano (cf. Tabela 14, Gráfico 14) para os sujeitos do gênero masculino, entre 15 e 25 anos, na zona urbana, fator que volta a ocorrer, com índices ainda mais elevados nas três variedades lingüísticas (cf. Tabela 16, Gráfico 16) com os sujeitos do mesmo gênero e faixa etária, mas residentes na zona rural.

A questão da mobilidade social, que permite aos sujeitos participarem de vários grupos, talvez possa explicar esta aparente omissão e os altos índices de neutralidade atribuídos às três variedades lingüísticas por parte dos sujeitos do gênero masculino.

Para os sujeitos da pesquisa, as três variedades lingüísticas são importantes, pois possuem, cada uma em determinada situação comunicativa, a função de garantir a identidade do falante no grupo social em que está inserido. Desta forma, o indivíduo que “deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo”¹²⁷.

Assim, é através das respostas indicadoras de neutralidade que os sujeitos mostram a necessidade de não atribuir maior ou menor valor a uma ou outra variedade lingüística, já que

¹²⁶ PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. cap. 4. p. 33-35.

¹²⁷ *Ibid.* p. 40.

todas lhes são úteis: quer na interação com familiares, amigos e vizinhos; quer fazendo negócios em um centro maior; quer recebendo caracteristicamente os turistas ou contando uma boa anedota.

A partir do que foi observado, verifica-se que não ocorre, neste contexto, uma situação de diglossia, pois as variedades lingüísticas de português padrão e de dialeto italiano não são utilizadas de acordo com a função que desempenham. No caso da localidade de Galópolis, não se observa uma divisão nítida das situações e funções em que o falante emprega uma ou outra das variedades lingüísticas. Em situações diglóssicas, geralmente estão envolvidas duas variedades lingüísticas e cada variedade é usada unicamente naquelas funções para as quais é designada ou adequada.

A especialização da função para a variedade alta e baixa é muito previsível nas comunidades que apresentam diglossia, o que não acontece em Galópolis. Nas comunidades diglóssicas, observa-se que a variedade alta (ou H, do inglês *high*) é usada nas publicações, na mídia, na literatura séria, nas conferências universitárias e nas atividades religiosas. A variedade baixa (ou L, do inglês *low*) é raramente escrita, sendo utilizada na conversação corrente e nos entretenimentos populares.

Pelo convívio da pesquisadora com a comunidade, o que parece configurar-se é a existência de um bilingüismo instável que, por estar perdendo espaço para o português, apresenta a tendência de resolver-se em monolingüismo. Esta capacidade dos sujeitos em falarem duas línguas vem acompanhada da alternância de código (*code switching*), manifestada pelo uso alternado de duas ou mais línguas ou variedades lingüísticas na mesma situação de comunicação.

4.2.5 Sujeitos do gênero feminino na faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana

Tabela 17
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	2,38	0	2,38	4,76	0	4,76	21,43	4,76	26,19
DI	0	0	0	2,38	0	2,38	21,43	9,52	30,95
PIDI	0	4,76	4,76	11,90	0	11,90	11,90	4,76	16,66

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

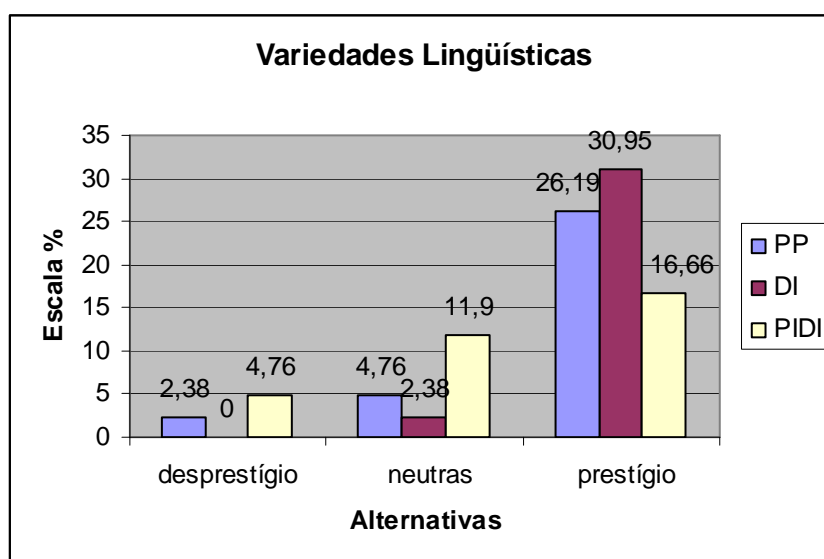
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Nas ocorrências envolvendo as variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano, verifica-se o predomínio das respostas que indicam prestígio. No gráfico 17, tem-se uma visão de conjunto da posição ocupada pelas três variedades lingüísticas pesquisadas.

Gráfico 17



4.2.6 Sujeitos do gênero masculino na faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona urbana

Tabela 18
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	0	0	4,76	0	4,76	23,80	4,76	28,56
DI	2,38	2,38	4,76	4,76	0	4,76	14,29	9,52	23,81
PIDI	0	2,38	2,38	7,14	0	7,14	19,05	4,76	23,81

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

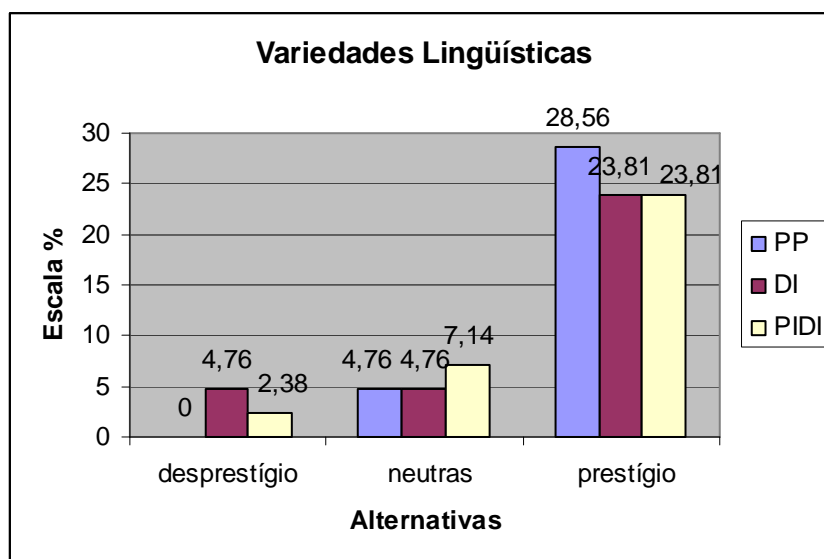
D = discordo

DT = discordo totalmente

A Tabela 18 apresenta os percentuais indicativos da manutenção das ocorrências de prestígio já verificadas anteriormente (cf. Tabela 17). O maior índice acontece na variedade lingüística de português padrão, seguida pelas variedades de dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano, que apresentam índices percentuais iguais.

Uma visão conjunta da posição ocupada pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano pode ser observada no Gráfico 18.

Gráfico 18



4.2.7 Sujeitos do gênero feminino na faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural

Tabela 19
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	2,38	0	2,38	16,67	0	16,67	9,52	4,76	14,28
DI	0	2,38	2,38	9,52	0	9,52	14,29	7,14	21,43
PIDI	2,38	4,76	7,14	7,14	0	7,14	16,67	2,38	19,05

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

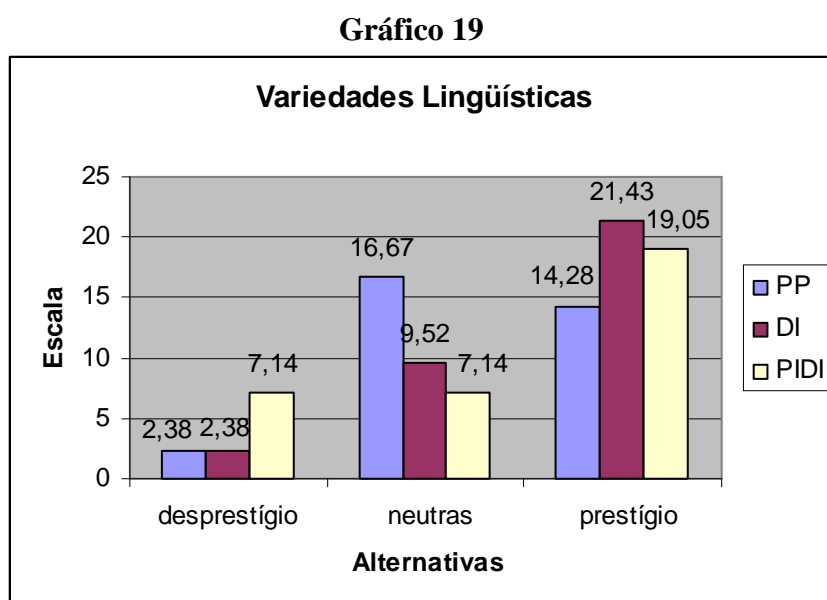
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Pela Tabela 19, nota-se que as alternativas indicando neutralidade ultrapassam, em 2,39 pontos percentuais, as alternativas de prestígio na variedade lingüística de português padrão. Nas variedades lingüísticas de dialeto italiano e português com interferências do

dialeto italiano, as ocorrências de prestígio voltam a ter os maiores índices percentuais, de 21,34 e 19,05 respectivamente, quando comparadas às ocorrências neutras e de desprestígio. A posição das três variedades lingüísticas pesquisadas pode ser observada, em conjunto, no Gráfico 19.



4.2.8 Sujeitos do gênero masculino na faixa etária dos 30 aos 45 anos na zona rural

Tabela 20
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA DOS 30 AOS 45 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	4,76	4,76	4,76	0	4,76	11,90	11,90	23,80
DI	0	2,38	2,38	7,14	0	7,14	11,90	11,90	23,80
PIDI	0	4,76	4,76	2,38	0	2,38	16,67	9,52	26,19

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

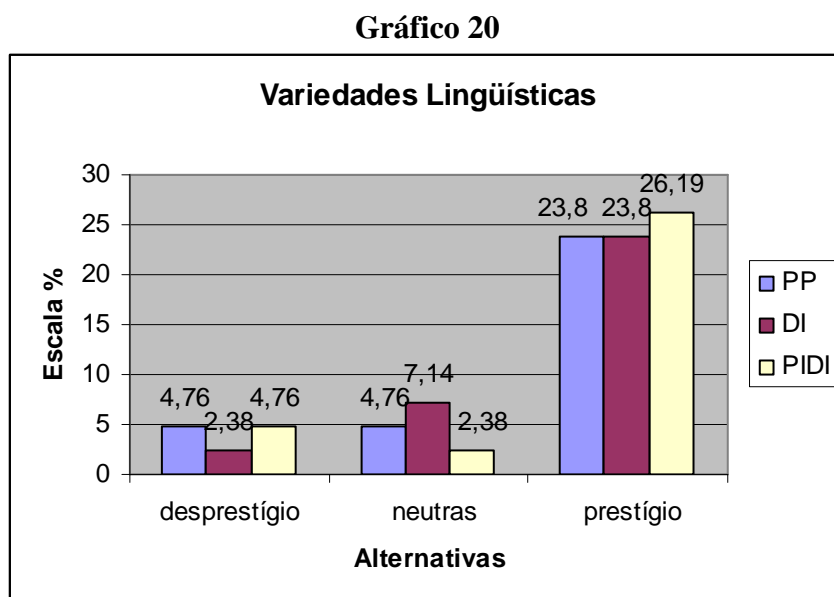
NR = não respondeu

D = discordo

DT = discordo totalmente

Novamente, as variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano apresentam, nas alternativas de prestígio, os maiores índices percentuais.

O Gráfico 20 apresenta, no conjunto, a posição ocupada pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.



O predomínio das ocorrências de prestígio, nos dados levantados, é recorrente. Tem-se, de modo geral, nesta faixa etária, com os sujeitos do gênero feminino e masculino, tanto na zona urbana quanto na rural, a predominância sistemática de respostas que prestigiam as variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Como, além da variedade lingüística de português padrão, há a valorização também da fala dialetal italiana e da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano, essas ocorrências podem remeter ao desejo do grupo em determinar seu espaço, sua identidade étnico-lingüística, seu perfil de comunidade, de grupo social.

Conforme Berruto e Berretta¹²⁸, “do ponto de vista social, uma variedade regional (dialeto) está relacionada a valores simbólicos, pois um falante de uma variedade lingüística reflete as características da comunidade social que a fala”.

Da mesma forma, a lealdade e a fidelidade lingüísticas estão diretamente ligadas às atitudes do bilíngüe em relação às línguas utilizadas, pois ele, por ser capaz de utilizar duas línguas, possui competências nessas duas línguas e também manifesta atitudes pessoais com relação a elas e a suas possibilidades de uso. Essas atitudes resultam, por um lado, de sua vida pessoal, que, por exemplo, pode tê-lo levado a transformar uma das duas línguas em sua língua principal e, em parte também por razões extralingüísticas, relacionadas ao papel social que pretende ocupar na sociedade da qual faz parte ou do sistema de valores que rege sua conduta.

Weinreich, na sua obra pioneira sobre línguas em contato, introduz a denominação *lealdade lingüística*¹²⁹ para designar a atitude positiva em relação a uma língua. Para Weinreich, a lealdade lingüística tem um duplo sentido: mostra a preocupação em manter a língua livre de interferências por influência da língua próxima a ela e também o esforço em utilizá-la em todas as situações possíveis. Mesmo que, em muitos casos, ambas as posturas coincidam, trata-se de atitudes distintas.

A atitude de utilizar, sempre que possível, a língua que o bilíngüe considera própria tem da mesma forma conotações sociais de outro tipo. No caso de uma língua que, em situação de diglossia, ocupar lugares inferiores e é por isso socialmente mais fraca, a persistência em seu uso pode ser uma forma de conservadorismo.

Se a persistência de uma língua se apóia na resistência à mudança por parte dos elementos mais conservadores da sociedade, seu desaparecimento, a curto ou longo prazo,

¹²⁸BERRUTO, Gaetano e BERRETTA, Monica. *Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata*. Napoli: Liguori, 1977, p. 64.

¹²⁹WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Boringhieri, 1974, p. 144.

parece inevitável. Porém, se seus falantes, ou parte deles, assumem atitudes positivas em relação à língua no sentido de procurar prestigiar e estender seu uso, é essa atitude a que merece o nome de *fidelidade lingüística*¹³⁰ e a que freqüentemente se combina com a fidelidade à norma lingüística.

4.2.9 Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona urbana

Tabela 21
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	4,76	0	4,76	7,14	4,76	11,90	7,14	9,52	16,66
DI	0	7,14	7,14	9,52	2,38	11,90	7,14	7,14	14,28
PIDI	2,38	9,52	11,90	2,38	2,38	4,76	4,76	11,90	16,66

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

D = discordo

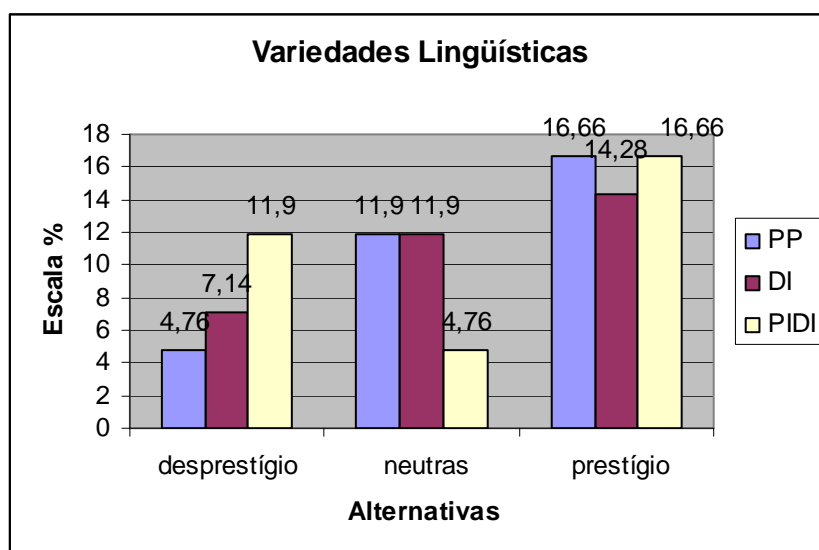
DT = discordo totalmente

Nas três variedades lingüísticas, os maiores índices são verificados nas ocorrências de prestígio. Na variedade de português padrão, observa-se que as alternativas de prestígio são seguidas pelas alternativas indicativas de neutralidade. O mesmo acontece com a fala dialetal italiana. Com a variedade lingüística do português com interferências do dialeto italiano, nota-se que as alternativas de prestígio são seguidas pelas alternativas de desprestígio.

No Gráfico 21, obtém-se a posição ocupada, em conjunto, pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

¹³⁰ SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001, p. 164.

Gráfico 21



4.2.10 Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona urbana

Tabela 22

RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA URBANA – GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	0	0	4,76	0	4,76	21,43	7,14	28,57
DI	0	2,38	2,38	4,76	0	4,76	21,43	4,76	26,19
PIDI	0	9,52	9,52	2,38	0	2,38	19,05	2,38	21,43

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

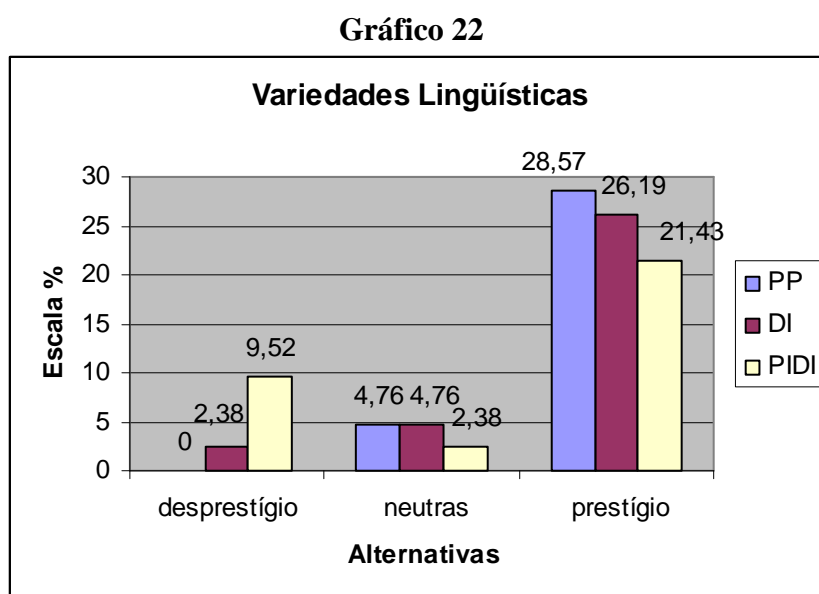
D = discordo

DT = discordo totalmente

As alternativas de prestígio continuam apresentando os índices percentuais mais elevados. Na variedade lingüística de português padrão, o índice é de 28,57 pontos percentuais. O índice percentual de 26,19 ocorre na variedade de dialeto italiano. Na

variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano, o índice percentual é de 21,43.

A posição conjunta, que as três variedades lingüísticas pesquisadas ocupam, pode ser observada no Gráfico 22.



4.2.11 Sujeitos do gênero feminino com mais de 50 anos na zona rural

Tabela 23
RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	2,38	0	2,38	4,76	0	4,76	19,05	7,14	26,19
DI	2,38	0	2,38	0	0	0	19,05	11,90	30,95
PIDI	2,38	0	2,38	2,38	0	2,38	14,29	14,29	28,58

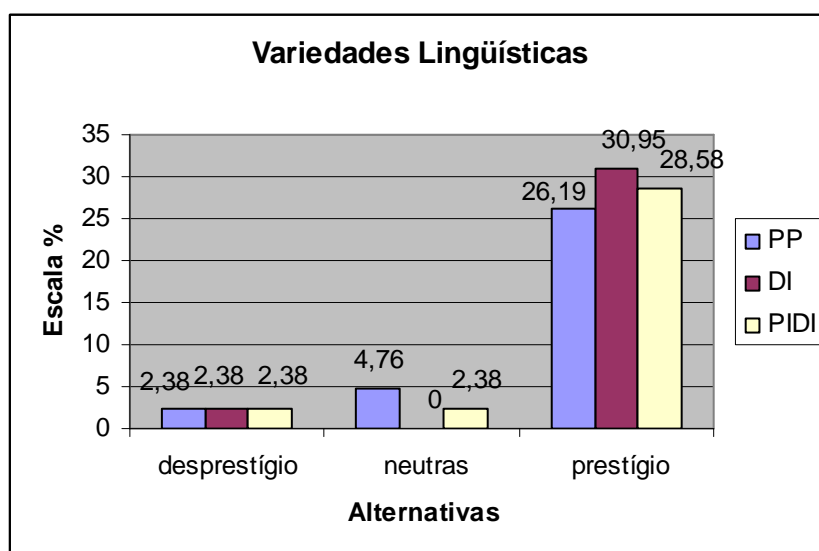
PP = português padrão
DI = dialeto italiano
PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente
C = concordo
NC/ND = não concordo nem discordo
NR = não respondeu
D = discordo
DT = discordo totalmente

Novamente o prestígio se mantém tanto na variedade lingüística de português padrão, quanto nas variedades lingüísticas de dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. Verifica-se também que o maior índice percentual ocorre nas alternativas de prestígio relacionadas à fala dialetal italiana.

No Gráfico 23, é possível observar, conjuntamente, a posição ocupada pelas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Gráfico 23



4.2.12 Sujeitos do gênero masculino com mais de 50 anos na zona rural

Tabela 24

RESPOSTAS DADAS ÀS FRASES NEGATIVAS
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO – FAIXA ETÁRIA COM MAIS DE 50 ANOS

Variedades lingüísticas	Respostas dos entrevistados (em %)								
	desprestígio			neutralidade			prestígio		
	CP	C	%	NC/ND	NR	%	D	DT	%
PP	0	7,14	7,14	0	0	0	14,29	11,90	26,19
DI	0	2,38	2,38	2,38	0	2,38	16,67	11,90	28,57
PIDI	2,38	2,38	4,76	0	0	0	16,67	11,90	28,57

PP = português padrão

DI = dialeto italiano

PIDI = português com interferências do dialeto italiano

CP = concordo plenamente

C = concordo

NC/ND = não concordo nem discordo

NR = não respondeu

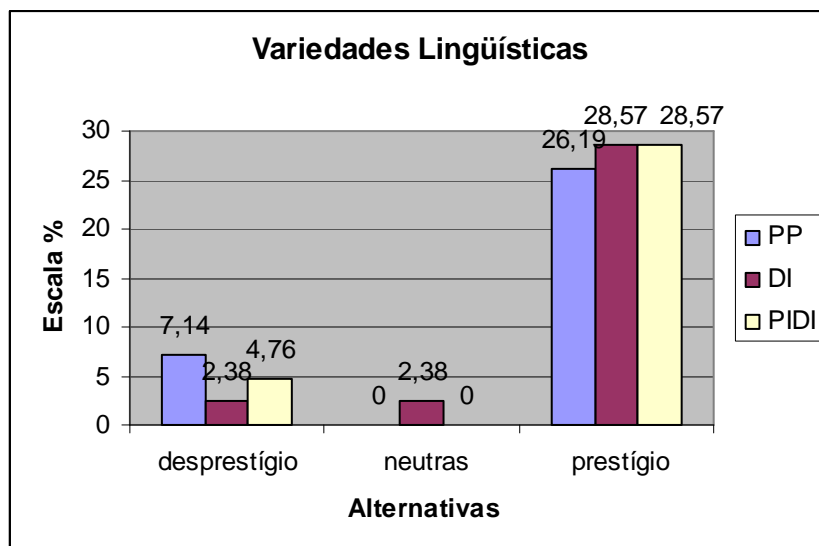
D = discordo

DT = discordo totalmente

As respostas dadas pelos sujeitos continuam prestigiando as variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

A posição ocupada pelas três variedades lingüísticas pesquisadas pode ser observada, em conjunto, no Gráfico 24.

Gráfico 24



As ocorrências de prestígio tornam-se recorrentes nas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. Novamente, os sujeitos prestigiaram as três variedades lingüísticas pesquisadas.

Na zona urbana, observam-se índices percentuais ligeiramente superiores para a variedade de português padrão entre os sujeitos do gênero masculino.

Na zona rural, tanto para os sujeitos do gênero feminino quanto para os do gênero masculino, verifica-se que os índices percentuais são levemente maiores para a fala dialetal italiana e o português com interferências do dialeto italiano.

Neste contexto, tornam-se muito significativas as colocações de Fishman¹³¹ a respeito de comunidade lingüística. Para o autor, em cada comunidade lingüística onde coexistem duas línguas em contato mais ou menos estável, cada uma deve ser ligada a um subconjunto específico de valores complementares.

Esta ocorrência pode ser verificada na pesquisa, pois os valores que ligam o sujeito ao português padrão são diversos daqueles que o ligam à fala dialetal italiana e ao português com interferências do dialeto italiano. Na zona urbana e rural da Região Administrativa de Galópolis, as variedades lingüísticas são utilizadas pelas comunidades lingüísticas de acordo com os valores envolvidos em cada situação comunicativa.

Gumperz define *comunidade lingüística* como sendo “qualquer agregação humana caracterizada pela integração regular e freqüente por meio de um conjunto comum de signos verbais e distinta de agregações parecidas por diferenças significativas no uso da língua”¹³².

A definição apresentada mostra que a comunicação social estabelece uma relação regular entre a estrutura social e o uso da língua. Isto significa que, antes de se avaliar a informação social de um enunciado ou a intenção do falante, deve-se ter informações a respeito das normas sociais que determinam a adequação ou não de variantes lingüísticas para tipos individuais de falantes. Essas normas variam de acordo com as relações econômicas e ideológicas entre os grupos e o ambiente social.

Além das observações feitas em relação às comunidades lingüísticas, é importante abordar, de acordo com Fishman, a questão da etnicidade e de suas três dimensões.

¹³¹ Apud PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986, p. 213 e 214.

¹³² *Ibid.* p. 204.

Para se falar de etnicidade, segundo Fishman,¹³³ deve-se observar três dimensões diferentes. A dimensão mais importante é a da *paternidade*, que diz respeito a tudo o que é herdado, transmitido pelos avós aos pais e destes aos filhos sucessivamente. Nessa dimensão, a etnicidade está ligada ao sentimento de continuidade. A segunda dimensão é a do *patrimônio*, isto é, do legado da coletividade: perspectivas e comportamentos (modelos pedagógicos, música, roupa, comportamento sexual, ocupações específicas...), que, de algum modo, são passados pelas gerações anteriores. A terceira dimensão é a da *fenomenologia* e se refere ao significado que é atribuído à paternidade e ao legado étnico, às atitudes subjetivas dos indivíduos por pertencerem a um grupo étnico potencial.

4.3 As profissões indicadas pelos sujeitos no instrumento

No instrumento utilizado na pesquisa de campo de caráter quantitativo, o vigésimo item questionava o sujeito sobre a profissão que a pessoa ouvida por ele poderia exercer.

Como a questão era aberta, surgiram, como respostas, 19 possibilidades de profissões para um universo de 72 respostas, pois foram entrevistados 24 sujeitos em relação a três variedades lingüísticas (português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano).

As profissões que apresentaram apenas uma ocorrência foram as de industrial, empresário, advogado, narrador, carpinteiro, pesquisador, funcionário, colono, administrador e padre. Com duas ocorrências, têm-se as profissões de locutor e repórter. As profissões que apresentaram três ocorrências foram as de tradutor e jornalista. Com quatro ocorrências, apareceram as profissões de comerciante, historiador e radialista. Aquelas com as maiores

¹³³ APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996, p. 25.

ocorrências foram, na ordem crescente, as de professor, com 18 ocorrências, e de agricultor, que apresentou 22 ocorrências.

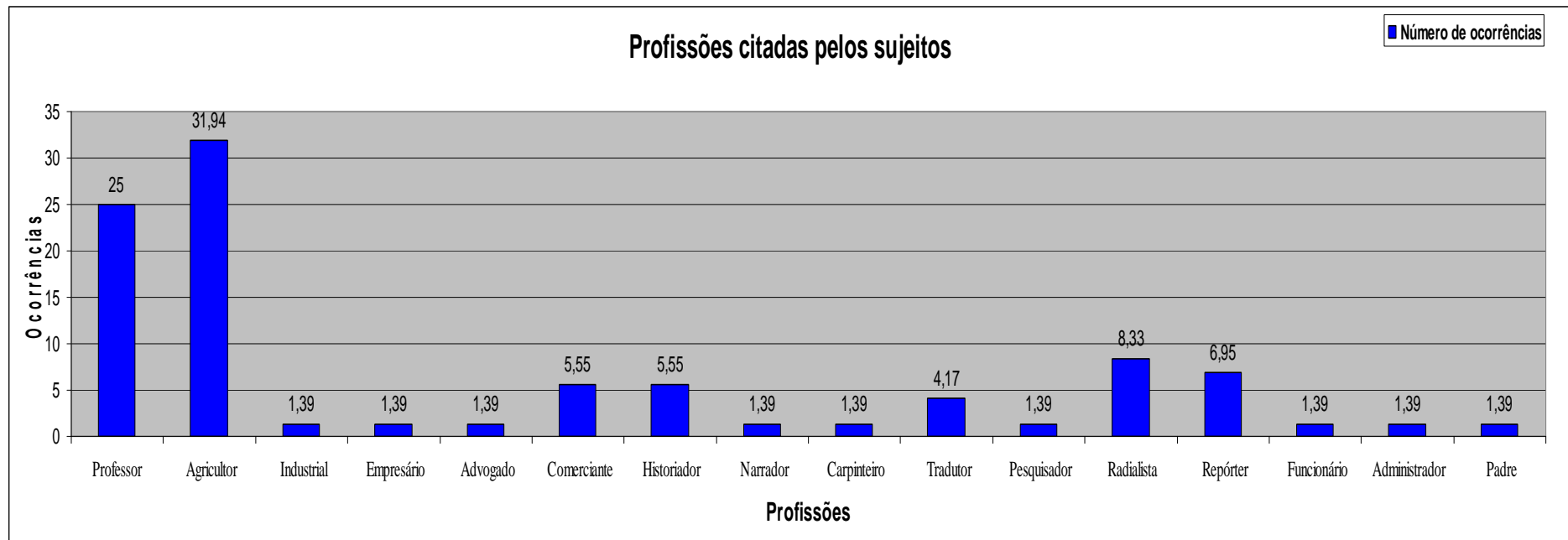
Na tentativa de simplificar o grande número de profissões apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, no Quadro 02, seis profissões foram agrupadas pelo critério da similaridade. São elas: a profissão de colono (com apenas uma ocorrência) foi agrupada à profissão de agricultor (com 22 ocorrências); a profissão de locutor (com duas ocorrências) foi agrupada à de radialista (com quatro ocorrências) e a profissão de jornalista (com três ocorrências) foi agrupada à de repórter (com duas ocorrências).

A partir do Quadro 02, é possível ter uma visão global das ocorrências em relação às profissões apontadas pelos sujeitos das três faixas etárias, na zona urbana e rural para as gravações de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

QUADRO 02
Profissões citadas pelos sujeitos

Faixa Etária	Gênero	Zona	Var. Ling.	professor	agricultor	industrial	empresário	advogado	comerciante	historiador	narrador	carpinteiro	tradutor	pesquisador	radialista	repórter	funcionário	administrador	padre	TOTAL GERAL	
15-25	Fem.	Urbana	PP	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			DI	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
30-45	Fem.	Urbana	PP	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			DI	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
+50	Fem.	Urbana	PP	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			DI	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
15-25	Fem.	Rural	PP	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0		
			DI	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0		
			PIDI	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0		
30-45	Fem.	Rural	PP	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0		
			DI	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0		
			PIDI	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0		
+50	Fem.	Rural	PP	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			DI	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
15-25	Masc.	Urbana	PP	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0		
			DI	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
30-45	Masc.	Urbana	PP	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			DI	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
+50	Masc.	Urbana	PP	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0		
			DI	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
15-25	Masc.	Rural	PP	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0		
			DI	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0		
			PIDI	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0		
30-45	Masc.	Rural	PP	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0		
			DI	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
+50	Masc.	Rural	PP	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0		
			DI	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
			PIDI	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
TOTAL PARCIAL				18	23	1	1	1	4	4	1	1	3	1	6	5	1	1	1	72	
TOTAL PARCIAL %				25	31,94	1,39	1,39	1,39	5,55	5,55	1,39	1,39	4,17	1,39	8,33	6,95	1,39	1,39	1,39	100%	

Gráfico 25



Através da observação dos Gráficos 26, 27, 28 e 29, torna-se possível verificar as ocorrências da profissão de agricultor, a mais citada pelos sujeitos, de acordo com a faixa etária nas três variedades linguísticas pesquisadas.

Gráfico 26
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO

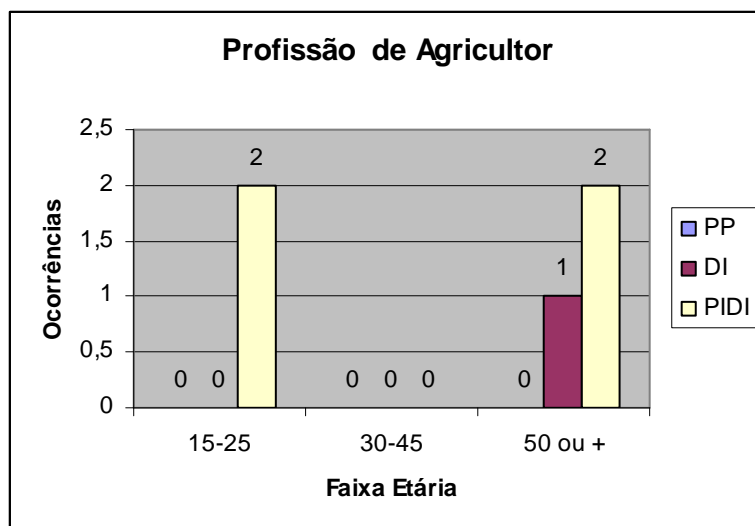


Gráfico 27
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO

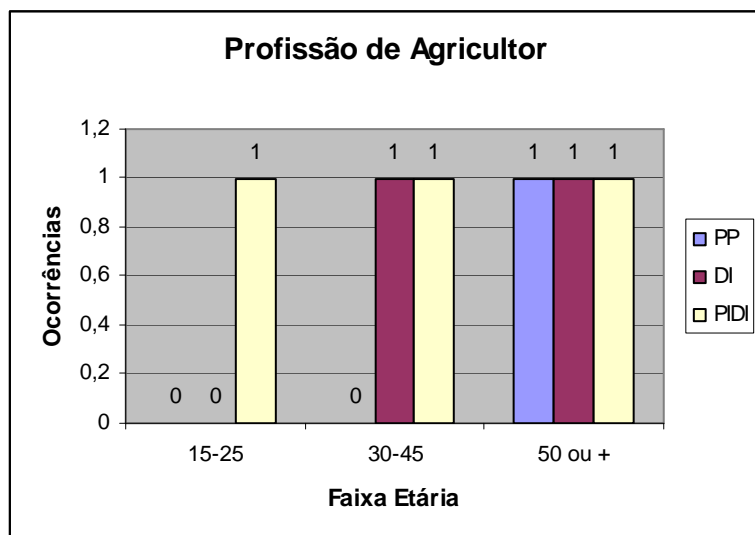


Gráfico 28
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO

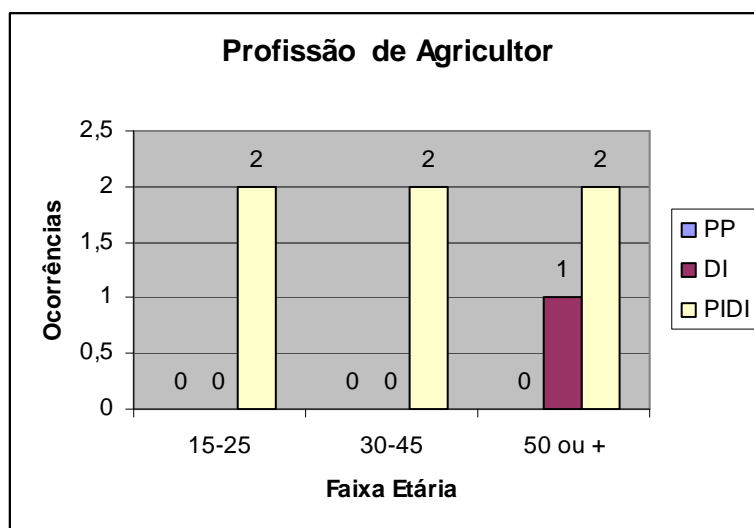
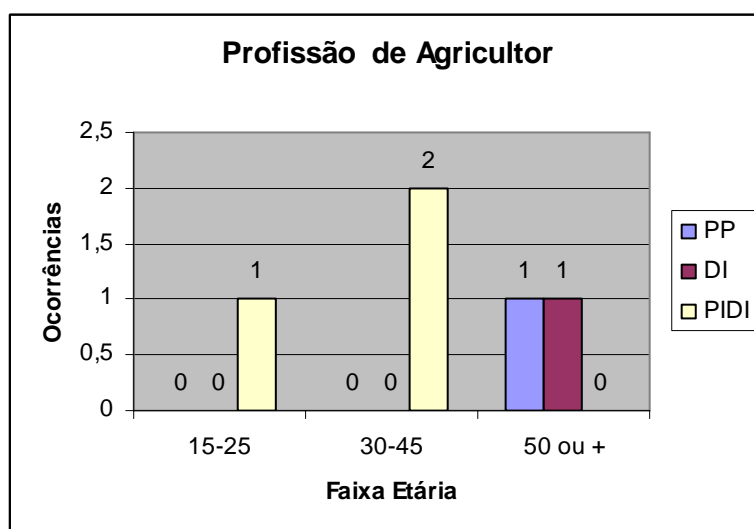


Gráfico 29
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO



As ocorrências da segunda profissão mais citada, a de professor, podem ser visualizadas nos Gráficos 30, 31, 32 e 33, nas três faixas etárias, na zona urbana e rural em relação às variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Gráfico 30
ZONA URBANA - GÊNERO FEMININO

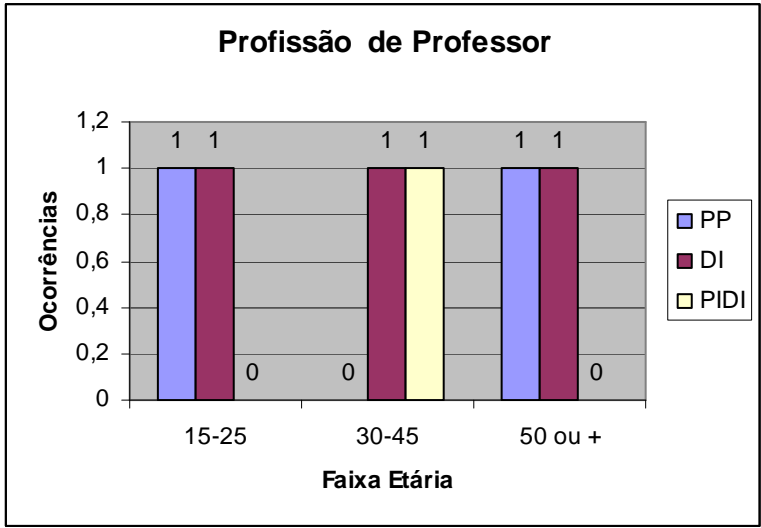


Gráfico 31
ZONA RURAL - GÊNERO FEMININO

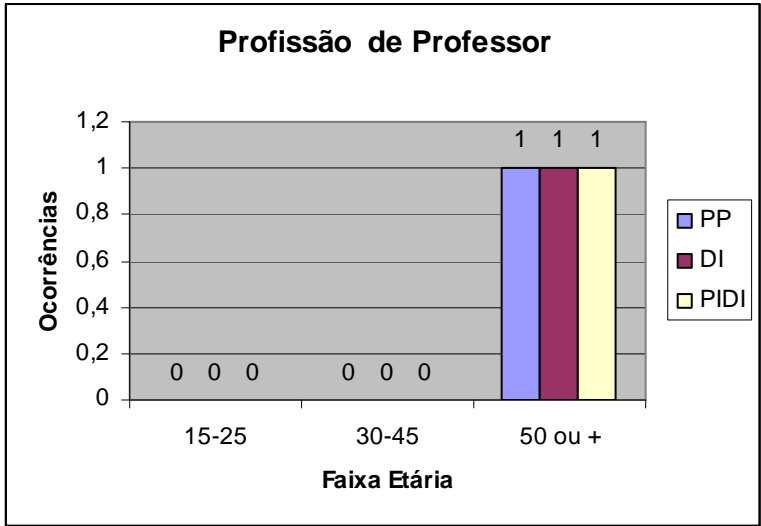


Gráfico 32
ZONA URBANA - GÊNERO MASCULINO

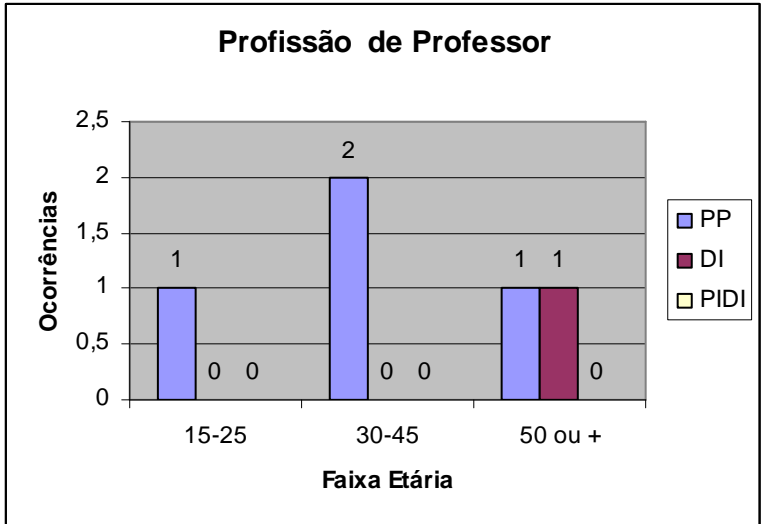
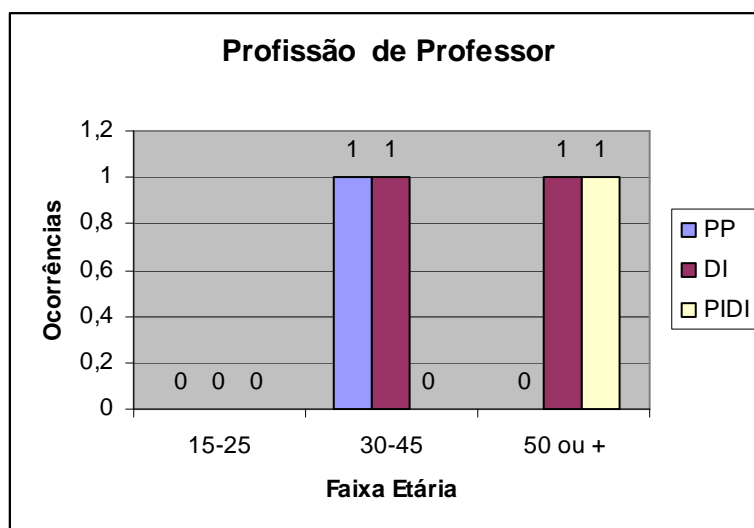


Gráfico 33
ZONA RURAL - GÊNERO MASCULINO



Pelos Gráficos 26, 27, 28 e 29, pode-se observar que as ocorrências envolvendo a profissão de agricultor, a mais citada pelos sujeitos da pesquisa, estão relacionadas às gravações das variedades lingüísticas de dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Logo, percebe-se que os sujeitos, de modo geral, acreditam serem agricultores as pessoas por eles ouvidas nas gravações representativas destas duas variedades lingüísticas. O que não gera surpresa, pois os imigrantes que aqui chegaram e se estabeleceram e também muitos de seus descendentes possuíram e ainda possuem tradição na agricultura. Primeiramente, com a agricultura de subsistência, após, na atividade agrícola voltada à viticultura e, atualmente, na produção de hortifrutigranjeiros.

Nas ocorrências que envolvem a profissão de professor (cf. Gráficos 30, 31, 32 e 33), a segunda profissão mais indicada pelos sujeitos, a situação é diversa. Os sujeitos apontaram, nas gravações ouvidas, o falante de português padrão, por oito vezes, como sendo naturalmente um professor, pois apresentou na fala a norma culta. Porém, houve também ocorrências da indicação da profissão de professor na variedade lingüística de dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Em relação às sete ocorrências relativas às gravações ouvidas em dialeto italiano, é provável que os sujeitos tenham relacionado erroneamente a fala em dialeto italiano à fala do italiano gramatical, considerando o falante ouvido como sendo um professor deste idioma.

Para as três ocorrências da profissão de professor nas gravações ouvidas na variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano, é possível que tenha havido uma valorização da origem étnica e da fala dos sujeitos, através da menção desta variedade lingüística. Nesta situação apresentada, torna-se oportuno questionar o estereotipo que determina que quem se expressa deste modo não deve exercer certos cargos como, por exemplo, o de professor.

4.4 Síntese dos resultados da pesquisa quantitativa

Ao final da descrição e análise dos resultados da pesquisa de campo quantitativa, em relação às respostas dadas pelos sujeitos para as frases positivas, concluiu-se que houve predominância das ocorrências de prestígio. Este resultado foi verificado nas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano, com os sujeitos do gênero feminino e masculino das três faixas etárias (15 a 25 anos, 30 a 45 anos e mais de 50 anos), na zona urbana e rural.

A partir da descrição e análise dos dados levantados na pesquisa de campo quantitativa, em relação às frases negativas, concluiu-se que houve, novamente, o predomínio das alternativas de prestígio nas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. As respostas foram fornecidas pelos sujeitos do gênero feminino e masculino, das três faixas etárias (15 a 25 anos, 30 a 45 anos e com mais de 50 anos), na zona urbana e rural.

CAPÍTULO V

Descrição e Análise dos Dados Obtidos na Pesquisa Qualitativa

5 Os Dados Levantados na Pesquisa Qualitativa

Os dados apresentados na pesquisa qualitativa foram agrupados de acordo com as temáticas levantadas pelos sujeitos durante a entrevista, a saber: a relação entre os moradores da cidade e da colônia; a relação entre pais e filhos; a transformação da colônia; o turismo rural; o orgulho pela origem étnica e condição sociocultural e a fala do português com interferências do dialeto italiano.

5.1 Tempo presente e tempo passado

A partir da análise das respostas dadas pelos sujeitos, parece existir uma possível relação entre preconceito lingüístico ou estigma e tempo passado e entre prestígio lingüístico e tempo presente.

Em se tratando de preconceito lingüístico ou estigma, são vários os relatos que remetem a experiências negativas vividas por parte dos sujeitos da entrevista em relação à fala dialetal italiana ou à fala de português com interferências do dialeto italiano e à condição de morador da colônia. Esses relatos, na sua maioria, ao serem narrados, apresentam o tempo passado, mostrando que a ocorrência de preconceito ou estigma pode ter sido maior e mais intensa há tempos atrás. Os depoimentos mais enfáticos são os dos sujeitos com idades a partir dos 30 anos, pessoas maduras e idosas que vivenciaram durante um período maior esta situação lingüística.

A segunda possível relação, verificada a partir dos dados levantados na pesquisa de campo qualitativa, envolve prestígio lingüístico e tempo presente.

As situações observadas que remetem a esta relação são: (a) a atitude das pessoas da colônia quando vão à cidade ou quando falam com as pessoas da cidade; (b) o sentimento dos filhos quando os pais falam português com interferências do dialeto italiano; (c) a transformação da colônia, que a torna cada vez mais parecida com a cidade; (d) o surgimento e a exploração do turismo rural; (e) o desejo de mostrar o orgulho pela origem étnica e condição sociocultural, com o aumento da auto-estima e (f) a fala do português com interferências vista como uma variação lingüística comum a todas as regiões do país, inclusive à RCI.

5.1.1 O tempo passado e a relação entre os moradores da cidade e da colônia

Em relação à situação em que as pessoas da colônia iam à cidade ou tinham que falar com as pessoas da cidade, em depoimento, o sujeito S01 diz: “... *antigamente ia por exemplo uma pessoa da colônia eles notavam que era colono e chamavam de colono burro*”. De acordo com Frosi¹³⁴,

o termo colono significa campesino, mas este vocábulo tem sempre recebido na RCI um significado negativo. Dizer *colono* significava – além de trabalhador da terra – a pessoa que se deixava enganar, o indivíduo ingênuo e honesto, mas ignorante, grosseiro e de condição econômica, social e cultural inferior.

Ainda, conforme o mesmo sujeito, as pessoas da colônia “... *sentiam um pouco de vergonha, principalmente naquela época que se tu ia na cidade, tu falava o dialeto e (...) chamavam já de taliano burro*”.

Para o sujeito S07, a vergonha “*por ser colono de repente, por ser do interior sim*”, era também uma questão social (ser morador do interior, da colônia, não dava *status*) e não somente lingüística. A mesma questão aparece em “*eu acho que se era que nem na cidade, eu acho que sim. Dependendo da onde eles estavam*” (S03), em “*Eu acho que bem no interior*

¹³⁴ FROSI, Vitalina. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, Giovanni Meo (Org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Stampa Multigraf, 1987, p. 234.

sim, (...) quando chegasse na cidade sim” (S15) e em “... se sentiam mais humilhados, né, eu penso. (...) A gente morava aqui no interior e pensava que era mais burro” (S04).

Segundo S03, as pessoas da colônia “*antigamente, sim*” tinham vergonha de falar com as pessoas da cidade. Esse sentimento, para o sujeito S19, é abrandado em: “*Acho que aí sim, acho que elas sentiam um pouquinho de vergonha*”, porém, não é de forma alguma inexistente.

O sujeito S24 confirma o constrangimento sentido pelas pessoas da colônia ao terem que se comunicar com as pessoas da cidade: “*Acho que elas ficavam, eu sentia que ficavam um pouco constrangidas, não não se sentiam à vontade, mas tinham que falar era o que eles sabiam (...), tinha certeza de que elas não se sentiam bem*”.

Para S11, as pessoas do interior “*... tinham certa vergonha (...), assim um receio de que tava falando mal,...*” Os termos vergonha e receio aparecem novamente em outros depoimentos, como na entrevista do sujeito S14: “*Antigamente tinha, tinha um pouco de vergonha, de receio de falar com uma pessoa mais...*”, pois, de acordo com S18, “*Elas eram meio encabulada porque não sabiam português*”. O que o sujeito S06 confirma “*... e aí sentiam vergonha porque falavam mais italiano menos português, misturava muito,...*”. Isso, muitas vezes, provocava atitudes extremas como, por exemplo, a expressa pelo sujeito S21: “*Se desse pra gente se esconder a gente se escondia...*” das pessoas da cidade. E também de S11, pois “*... naquela época, eles (no colégio) davam risada de mim porque eu tinha esse sotaque que não pronunciava as palavras corretamente (...) então pra mim me marcou bastante porque a partir daí eu troquei totalmente a minha fala*”.

Segundo S06, as pessoas da colônia sentiam vergonha ao falar com as pessoas da cidade porque “*... as pessoas da cidade já sabiam falar correto né, tinham mais estudo, elas falavam melhor né, (...)*”. O que é confirmado por S11: “*... e as pessoas da cidade sabiam falar melhor,...*”.

5.1.2 O tempo passado e a relação entre pais e filhos

Em relação à situação em que os pais falavam português com interferências do dialeto italiano, observa-se o preconceito e a vergonha sentida pelos filhos.

Para S19, a vergonha existia: *“Ah, acho que um pouco, às vezes tinham algumas palavras que dava um pouco de vergonha, sim”*. Conforme S06, os filhos: *“Sentiam, a gente sentia vergonha sim. Era um sotaque horrível (...) e a gente tinha vergonha (...) quando vinham pessoas de fora...”*.

Nos relatos acima transcritos, observa-se o uso de termos e expressões como: *humilhados, mais burro, no interior, falando mal, vergonha, receio, encabulada, não sabiam português, misturava muito, taliano burro, a gente se escondia, sotaque horrível, não pronunciava as palavras corretamente*; além da expressão *colono burro*. Todos esses termos e expressões citados remetem à existência de preconceito sociolinguístico ou estigma em relação aos sujeitos, tanto na sua condição de falantes quanto na de moradores da colônia. Estas ocorrências revelam que, na memória, os sujeitos ainda mantêm lembranças de atitudes negativas sofridas por eles ou por seus familiares, ocasionadas por questões linguísticas e sociais.

5.1.3 O tempo presente e a relação entre os moradores da cidade e da colônia

Em relação à possível vergonha sentida pelas pessoas da colônia ao falarem com as pessoas da cidade, o sujeito S22 afirma: *“Talvez elas não tenham tanta defesa, mas vergonha acho que não, porque elas acabam freqüentando, mas eles não têm tanta defesa que nem o pessoas da cidade que estuda né”*. Já S02 acrescenta: *“Agora não, agora eles (os moradores da colônia) não têm mais vergonha (...) porque o pessoal da cidade já se acostumô também com o jeito de falá das pessoas”*. De acordo com S11: *“Não hoje (...) a vergonha e aquele receio (de tempos atrás) não existe mais...”*. O que é confirmado por S24: *“Hoje acho que*

não, acho que perderam...” O sujeito S21 complementa: *“... mas hoje (vergonha) de falar (com as pessoas da cidade) porque a gente fala errado, não”*. E S06 vai além; *“... as pessoas da colônia hoje são bem mais instruídas né, são pessoas que têm bem mais estudo né, então elas já falam muito bem o português...”*.

A interação dos moradores da colônia com as pessoas que trabalham no comércio de Caxias do Sul é colocada pelo sujeito S23: *“... eu conheço lojas que as moças atendem os clientes, se eles notam que a gente é da colônia atendem falando o dialeto e são bem recebidos né, e falam com prazer, não é mais aquela coisa que tu diz da vergonha né, tem gosto de atender assim e tal”*.

5.1.4 O tempo presente e a relação entre pais e filhos

Quanto ao aspecto relacionado ao sentimento dos filhos quando os pais falam português com interferências do dialeto italiano, parece que também neste ponto o preconceito ou o estigma de anos passados estão perdendo força e dando lugar a uma postura moderada, voltada mais ao entendimento e à ajuda. O sujeito S01 explica: *“Acho que eles (os filhos) não sentem vergonha porque já são acostumados (...), não é uma vergonha”*. E S23 complementa: *“Não, eu acho que não, eu acho que eles (os filhos) têm mais orgulho já, do que vergonha, dá a impressão de que as pessoas cultivaram um pouquinho, dá a idéia de que isso não é vergonha, é cultura...”* Os próprios filhos e netos, ao serem questionados sobre o assunto, afirmam não terem vergonha, pelo contrário, dizem que a intenção é de compreender os pais; *“Porque eu não entendo o que ela (a mãe) fala”*, pois, conforme S03: *“Às vezes eu falo coisas sabe, nem bem uma coisa, nem bem outra”*. Ou ainda: *“... nós aqui é acostumado a ouvir a nona falá desse jeito mas se ela vai em outro lugar, assim às vezes, aqui a pessoa pode não entendê o que ela fala, então é uma tentativa de ajudá ela”*. Esta situação é bastante

recorrente quando o falante utiliza termos em português, intercalando-os com termos da fala dialetal italiana.

Os falantes mais jovens sentem este tipo de dificuldade. Eles realmente não compreendem o que os pais e/ou avós querem dizer: “*Nem entendem o que eles (os pais) falam (...), os filhos de hoje nem entendem*” (S18); “... *porque tem os meus netos que eles até procuram entender o que eu falo com eles,...*” (S24), porque o dialeto, que é a língua da família, dos amigos, da afetividade, não tem sido passado às novas gerações. Logo, é cada vez menor o número de falantes que utilizam o dialeto italiano na região, caminhando-se assim para o domínio do monolingüismo de língua portuguesa.

5.1.5 O tempo passado e a transformação da colônia nos dias atuais

A colônia sofreu muitas transformações com o grande desenvolvimento econômico e cultural da região, iniciado na década de 1950 e intensificado a partir de 1975. Hoje, quem mora na zona rural de Galópolis conta com luz elétrica, telefone, vias de acesso em boas condições de conservação, sendo algumas até asfaltadas, escola e transporte público.

Praticamente tudo o que a cidade é capaz de proporcionar aos seus moradores, a colônia também é capaz de proporcionar aos seus, como mostra o sujeito S02 quando diz: “*Agora ninguém mais dá bola porque agora é tudo igual (...), todo mundo tem as mesmas coisas que na cidade*”. Essa situação é confirmada por S09: “*Hoje em dia a colônia (...) já chega numa posição mais parelha, numa disputa de igual pra igual (em relação à cidade), né*”.

Um fator importante, e que deve ser considerado, é a proximidade entre Galópolis e Caxias do Sul. Apenas dez quilômetros de estradas asfaltadas separam as duas localidades, o que possibilita aos seus moradores uma grande mobilidade geográfica e social.

5.1.6 O tempo presente e o turismo rural

A colônia sofreu grandes mudanças e com elas surgiu o turismo rural, uma forma a mais para o morador do interior ali permanecer e aumentar seus rendimentos, comercializando seus produtos e mostrando as tradições trazidas pelos antepassados e passadas de geração a geração.

A localidade da Terceira Légua faz parte do roteiro turístico denominado Estrada do Imigrante, oferecido pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, através da Secretaria de Turismo. Logo, não podem faltar atrações típicas da RCI, nas quais a linguagem utilizada é a fala dialetal italiana. O dialeto aparece, nestas ocasiões, de maneira reduzida, apenas como uma tentativa artificial de resgatar a identidade cultural local. O que pode ser comprovado no depoimento de S04: “... tá rendendo a coisa. O dialeto porque aqui o turismo é rural né, então eles querem mantê as raízes, vem gente da Itália, vem diretos ali, então se não sabe falá fica ruim né”. O sujeito S01 complementa: “Até uma vez ali fora, o ano passado foi, tinha Festa do Colono e eu tive que rezá a Ave Maria em italiano né...”.

5.1.7 O tempo presente, o orgulho da origem étnica e condição sociocultural

A partir das informações dadas pelos sujeitos nas entrevistas, é possível verificar o desejo dos moradores de Galópolis em mostrar o orgulho sentido pela origem étnica: “*Todo mundo tem uma origem*” (S09). O que é confirmado por S13: “... porque isso aí é uma língua tua, é uma realidade que tu vai ter que mostrar pro povo, pra todo mundo, o que tu é realmente, a tua origem”.

Este sentimento é manifestado não apenas em relação à descendência italiana, mas também em relação ao local de moradia, no caso, a zona rural. O que pode ser observado no depoimento de S03: “..., só que agora que nem na idade do (meu filho), eles sabem muito mais do que da cidade, porque ele sabe todas coisas da colônia e mais as da cidade que ele

ouviu. Eles tão até mais sabido que os da cidade. Eles sabem tudo o que a gente faz aqui, produz aqui e ele sabe o que os da cidade fazem lá”.

5.1.8 O tempo presente e a fala do português com interferências do dialeto italiano

A última situação observada remete à compreensão por parte dos sujeitos da ocorrência da fala do português com interferências como sendo uma manifestação da variação lingüística muito comum e encontrada em qualquer idioma. Segundo eles, não há por que o sotaque sofrer preconceito ou estigmatização se a sua ocorrência é nacional, apenas diferindo de região para região. Esta é a percepção dos entrevistados, que pode ser verificada através dos depoimentos de S07: *“Vou te dizer uma coisa, nós ficamos lá em Brasília, aí tu vê o sotaque (...), o de lá é bem diferente. Então aí que tu começa a analisá o próprio sotaque da gente”*; de S14 *“... e aqui o italiano também tem um estilo próprio digamos né...”*; de S23: *“... porque tu sai do Rio Grande do Sul, eles notam só pelo jeito de falar, ah tu é gaúcho, então automaticamente é o teu jeito, tu não tem como mudar muito isso né”*; de S10: *“Ah, eu vejo isso no sotaque, o sotaque meu da região aqui de Caxias com a questão de Londrina, com a questão de Curitiba, tem uma boa diferença ali...”* e complementa: *“... aqui ninguém fica prestando tanta atenção, aqui é carroça ou é caroça, então o pessoal não olha muito,...”*.

O ponto de vista dos entrevistados é confirmado por Trask¹³⁵, para quem o sotaque é:

Um modo particular de pronunciar uma língua. Em qualquer língua que não seja falada por um punhado de falantes, há fortes diferenças sociais, regionais e individuais no modo como a língua é pronunciada por diferentes pessoas; às vezes, essas diferenças são impressionantes. Cada tipo distinto de pronúncia é chamado de sotaque. (...) É importante ter consciência de que todo mundo tem um sotaque: é impossível falar uma língua sem usar um ou outro.

¹³⁵ TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 281.

5.2 Síntese dos resultados da pesquisa qualitativa

Em relação aos resultados obtidos a partir da análise das entrevistas realizadas na pesquisa de campo de caráter qualitativo, pode-se observar que o preconceito ou o estigma são encontrados, porém, nos depoimentos que remetem ao tempo passado.

Os falantes possuem na memória a lembrança vivida ou ouvida dos pais e avós de um período marcado socialmente pelo estigma. Conforme Pesavento¹³⁶, na década de 1930, o presidente Getúlio Vargas determinou a realização de uma campanha de “*brasilianização*” e, alguns anos depois, a proibição de falar em qualquer língua que não fosse a portuguesa. Através da campanha, que buscava a afirmação do nacionalismo, a língua portuguesa ganhou o *status* de língua nacional e, com a proibição da fala em outros idiomas, fatalmente o dialeto italiano não foi mais transmitido às novas gerações como língua materna.

J. P. Coelho de Souza, Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, cumprindo as determinações do presidente, iniciou, em 1937, uma campanha para a criação de escolas na zona colonial, nacionalizando os estabelecimentos particulares, com a intenção de integrar os colonos à comunidade brasileira. Neste período, foram fechadas as escolas privadas estrangeiras que não quiseram aceitar a brasilianização.

Em contrapartida, os depoimentos marcados pelo tempo presente mostram uma situação lingüística diversa, onde o preconceito lingüístico ou o estigma tem evoluído na direção de um posicionamento bem mais flexível por parte dos entrevistados no que se refere à fala dialetal, cada vez menos utilizada, e ao português com interferências do dialeto italiano.

Esta postura dos sujeitos da pesquisa baseia-se na evolução positiva das situações e relações envolvendo: moradores da colônia e da cidade; pais e filhos; a transformação da colônia; o turismo rural; a fala do português com interferências do dialeto italiano e o orgulho pela origem étnica e pela condição sociocultural.

¹³⁶ PESAVENTO, Sandra J. O imigrante na política Rio-grandense. In: DACANAL, José H. (Org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 191 e 192.

O Quadro 03, que segue, exemplifica o que foi verificado nos depoimentos: as relações existentes entre preconceito lingüístico ou estigma e tempo passado e entre prestígio lingüístico e tempo presente. Os termos e expressões indicativos de tempo encontram-se propositalmente destacados em negrito.

QUADRO 03
AS RELAÇÕES ENTRE TEMPO, PRECONCEITO OU ESTIGMA E PRESTÍGIO

CÓDIGO DO INFORMANTE	TERMOS INDICATIVOS DA RELAÇÃO ENTRE PRECONCEITO OU ESTIGMA E PASSADO	TERMOS INDICATIVOS DA RELAÇÃO ENTRE PRESTÍGIO E PRESENTE
S01	<p>“... foi uma época que era proibido falá italiano”.</p> <p>“Sentiam um poco de vergonha, principalmente naquela época...”</p> <p>“... antigamente ia por exemplo uma pessoa da colônia eles notavam que era colono e chamavam de colono burro”.</p>	<p>“Acho que eles não sentem vergonha porque já são acostumados (...), não é vergonha”.</p> <p>“... eles aceitam mais o dialeto italiano”.</p>
S02		<p>“Agora não, agora eles não têm mais vergonha...”</p>
S03	<p>“Eu acho que se era que nem na cidade, eu acho que sim. Dependendo da onde eles estavam.”</p> <p>“Antigamente, sim.”</p>	<p>“... só que agora (...), eles sabem muito mais do que da cidade, porque ele sabe todas coisas...”</p>
S04	<p>“Se sentiam mais humilhados, né...”</p>	<p>“... tá rendendo a coisa, o dialeto porque aqui o turismo é rural né,...”</p>
S06	<p>“Sentiam, a gente sentia vergonha sim.”</p> <p>“... e aí sentiam vergonha porque falavam mais italiano menos português, misturava muito...”</p> <p>“... as pessoas da cidade já sabiam falá correto né, tinham mais estudo, elas falavam melhor né,...”</p>	<p>“... as pessoas da colônia hoje são bem mais instruídas né, são pessoas que têm bem mais estudo né, então elas já falam muito bem o português”.</p>
S07		<p>“Então aí tu começa analisá o próprio sotaque da gente.”</p>
S09	<p>“Tinha uma época que diz que era proibido falá a língua italiana né...”</p> <p>“Eu me lembro que a professora não deixava as criança falá o italiano...”</p>	<p>“Hoje em dia a colônia (...) já chega numa posição mais parelha,...”</p> <p>“Todo mundo tem uma origem...”</p>
S10		<p>“... aqui ninguém fica prestando tanta atenção, aqui é carroça ou é caroça, então o pessoal não olha muito...”</p> <p>“Ah, eu vejo isso no sotaque (...), tem uma boa diferença ali...”</p>

S11	<p>“... então pra mim me marcou bastante porque a partir daí eu troquei totalmente a minha fala”.</p> <p>“... naquela época, eles davam risada de mim...”</p> <p>“... eles tinham certa vergonha (...), assim um receio de que tava falando mal...”</p> <p>“... e as pessoas da cidade sabiam falar melhor,...”</p>	<p>“Não hoje (...) a vergonha e aquele receio não existe mais,...”</p>
S13		<p>“... porque isso aí é uma língua tua, é uma realidade que tu vai ter que mostrar pro povo,...”</p>
S14	<p>“Antigamente tinha, tinha um pouco de vergonha,...”</p>	<p>“... e aqui o italiano também tem um estilo próprio digamos né...”</p>
S18	<p>“Elas eram meio encabulada porque não sabiam português”.</p>	<p>“Não, acho que não.”</p> <p>“Nem entendem o que eles falam (...), os filhos de hoje nem entendem.”</p>
S19	<p>“... às vezes tinham algumas palavras que dava um pouco de vergonha sim”.</p> <p>“... elas sentiam um pouquinho de vergonha”.</p>	
S20	<p>“As pessoas da colônia tinham vergonha de falar...”</p>	
S21	<p>“Se desse pra gente se esconder a gente se escondia...”</p>	<p>“... mas hoje, de falar porque a gente fala errado, não”.</p>
S22		<p>“Talvez elas não tenham tanta defesa, mas vergonha acho que não, porque elas acabam frequentando,...”</p>
S23		<p>“Não, eu acho que não, eu acho que eles têm mais orgulho já, do que vergonha, dá a impressão...”</p> <p>“... eu conheço lojas que as moças atendem os clientes, se eles notam que a gente é da colônia atendem falando o dialeto e são bem recebidos né, e falam com prazer,...”</p>
S24	<p>“Acho que elas ficavam, eu sentia que ficavam um pouco constrangidas, não não se sentiam à vontade, mas tinham que falar era o que eles sabiam (...), tinha certeza de que elas não se sentiam bem.”</p>	<p>“Sendo que, eu como avô, eu converso em italiano para eles terem sempre uma pequena lembrança da origem.”</p> <p>“Hoje acho que não (...), eu por exemplo falo do jeito que eu quero, me sinto bem falar o dialeto em qualquer canto,...”</p> <p>“Não, acho que não, porque tem os meus netos que eles até procuram entender, eu falo com eles,...”</p>

CONCLUSÃO

Na pesquisa de campo de caráter quantitativo, tanto nas respostas dadas pelos sujeitos às frases positivas quanto nas respostas dadas para as frases negativas, houve o predomínio das ocorrências de prestígio. O resultado obtido foi verificado nas variedades lingüísticas de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano com os sujeitos do gênero feminino e masculino das três faixas etárias (15 a 25 anos, 30 a 45 anos e mais de 50 anos) na zona urbana e rural.

O predomínio das respostas indicativas de prestígio também pôde ser verificado na análise dos resultados da pesquisa de campo com caráter qualitativo. As respostas que indicavam prestígio apresentaram frequência equivalente tanto nas respostas dos sujeitos do gênero feminino quanto nas dos sujeitos do gênero masculino. O mesmo ocorrendo em relação às três faixas etárias e à zona urbana e rural.

Além das informações já citadas acima, o diferencial observado, a partir da análise da pesquisa qualitativa, foi a verificação de duas possíveis relações entre desprestígio e prestígio e os tempos verbais do passado e presente.

De todos os aspectos levantados, o mais importante, sem dúvida, é a marca temporal encontrada nas respostas dadas pelos sujeitos. O tempo verbal utilizado pelos falantes acaba por revelar a presença ou não de prestígio ou desprestígio lingüístico nos depoimentos.

Como pode ser visto no Quadro 03, é surpreendente a distinção entre o preconceito lingüístico ou o estigma ocorrido no tempo passado e a flexibilidade apresentada em relação aos mesmos nos depoimentos dos entrevistados que remetem ao tempo presente.

À medida que a análise avançava, tornou-se marcante o posicionamento dos entrevistados. Para os mesmos, as situações envolvendo preconceito lingüístico ou estigma fazem parte das muitas lembranças do passado que o sujeito vivenciou ou ouviu dos familiares. São relatos que remetem a um período marcado por dificuldades diversas. O

trabalho era exaustivo e o ganho, pouco. As crianças precisavam ajudar no sustento da família, por isso, o tempo para ir à escola e estudar era escasso. Quando conseguiam estudar, não raras vezes, defrontavam-se com barreiras idiomáticas, como a ocorrida durante a Campanha de Nacionalização do Ensino, através da qual todos eram obrigados a falar português. Até os deslocamentos entre as localidades eram difíceis e demorados devido à precariedade das estradas e aos rudimentares meios de transportes.

Hoje, porém, a realidade desses sujeitos parece ter se modificado. No tempo presente, os entrevistados mostram uma postura mais flexível e positiva, que aponta para o prestígio como forma de valorizar a evolução da sociedade e, por extensão, também o ser humano enquanto falante.

Atualmente, muitas facilidades cercam os moradores de Galópolis: luz elétrica, telefone, escolas, banco, correio, comércio, posto de saúde, laboratório, transporte rápido e vias de acesso em boas condições de conservação. Tudo isso colabora para que haja maior integração entre as nove pequenas comunidades que compõem a Região Administrativa de Galópolis e, possivelmente, a integração existente não seja apenas geográfica.

A transformação física dessa região administrativa parece ter desencadeado também uma evolução social e lingüística, já que foram observados resultados que revelam atitudes positivas quanto às três variedades lingüísticas utilizadas e aos papéis sociais do falante na comunidade.

No contexto específico de Galópolis, percebe-se que as variedades de dialeto italiano e de português com interferências do dialeto italiano são tão prestigiadas pelos sujeitos da pesquisa quanto o é a variedade de português padrão. Este fato é observável entre os sujeitos do gênero feminino e masculino das três faixas etárias na zona urbana e rural.

Segundo Fischer¹³⁷, “o que fundamenta o fator prestígio varia de acordo com os indivíduos e as sociedades”. Deste modo, as duas variedades que, no passado, eram tidas como desprestigiadas passam, atualmente, a gozar de prestígio lingüístico através das atitudes positivas demonstradas por seus falantes.

Para Fishman¹³⁸, o prestígio lingüístico não é um traço único ou uma etiqueta que identifica uma língua em qualquer circunstância. Pelo contrário, “o prestígio das línguas pode variar notavelmente de um contexto a outro para os mesmos interlocutores, assim como de uma rede lingüística a outra na mesma comunidade lingüística”.

Os resultados obtidos nas análises confrontam-se com duas das três hipóteses levantadas. A saber, as hipóteses desta pesquisa são: (a) os sujeitos das três gerações apresentam preconceito ou estigmatização quanto ao uso da fala dialetal italiana e prestigiam o português padrão; (b) os sujeitos das três gerações apresentam preconceito ou estigmatização quanto ao uso da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano e prestigiam a fala de língua portuguesa dos telejornais; (c) os sujeitos das três gerações do gênero feminino prestigiam mais a variedade de português padrão do que os sujeitos de gênero masculino.

As hipóteses (a) e (b) não foram confirmadas, já que os resultados das pesquisas de campo quantitativa e qualitativa apontam para o prestígio relativamente semelhante das três variedades lingüísticas nas três gerações ou faixas etárias com sujeitos do gênero feminino e masculino na zona urbana e rural.

Através dos dados levantados (cf. Quadro-Resumo 04), nas respostas dadas às frases positivas e negativas da pesquisa de campo de caráter quantitativo, verifica-se que a hipótese (c) foi apenas parcialmente confirmada. Os sujeitos do gênero feminino que prestigiam mais a

¹³⁷ FISCHER, John L. Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas. In: FONSECA, Maria Stella e NEVES, Moema. (Orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 97.

¹³⁸ FISHMAN, Joshua. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 159.

variedade de português padrão são os que pertencem à faixa etária dos 15 aos 25 anos, residentes na zona urbana e rural. Na faixa etária dos 30 aos 45 anos, tanto na zona urbana quanto na rural, são os sujeitos do gênero masculino que prestigiam mais a variedade de português padrão. Entre os sujeitos do gênero feminino e masculino, com mais de 50 anos, há uma ocorrência igual em relação à variedade prestigiada de português padrão.

O Quadro-Resumo 04, composto a partir dos percentuais anteriormente apresentados nas Tabelas 01 a 24, confirma os resultados acima descritos que apontam para a possibilidade de realização de novos estudos.

QUADRO 04

Quadro-resumo da ocorrência da variedade de português padrão

Faixa etária	Gênero	Zona	Frases positivas (em %)	Frases negativas (em %)
15-25	F	Urbana	19,44	26,19
	M		15,27	23,81
	F	Rural	26,38	19,05
	M		11,11	11,90
30-45	F	Urbana	27,78	26,19
	M		29,16	28,56
	F	Rural	19,44	14,28
	M		26,38	23,80
+50	F	Urbana	24,99	16,66
	M		33,33	28,57
	F	Rural	27,78	26,19
	M		27,77	26,19

F: feminino

M: masculino

O estudo desenvolvido e ora apresentado revela, por pequena e modesta que seja, uma contribuição a ser somada aos resultados de outros trabalhos já desenvolvidos. Logo, é importante registrar aqui que estudos e pesquisas anteriormente realizados na RCI já abordaram este tema e muito colaboraram com uma mudança de postura por parte da sociedade.

O Projeto da pesquisa *Variação lingüística e bilingüismo: a fala na Serra Gaúcha*¹³⁹ tem como objetivo estudar a língua falada em uma das regiões do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, através da realização de entrevistas sociolingüísticas e sua análise.

Paviani¹⁴⁰ estuda a atuação do professor de Língua Portuguesa em situações de bilingüismo. Esse tema ainda é pouco investigado numa perspectiva pedagógica e requer que se identifiquem as situações de bilingüismo que constituem a “realidade” com a qual o professor lida. No estudo *Estigma social da pronúncia no ensino do português*, Paviani¹⁴¹ trata, como sugere o título, do preconceito que o professor tem em relação à pronúncia do português com sotaque da fala dialetal italiana por alunos, desconhecendo tratar-se de um traço característico da variedade falada na região das antigas colônias italianas, situadas no nordeste do Rio Grande do Sul.

Nesse estudo, Frosi¹⁴² apresenta de forma sintética a história lingüística da região colonial italiana do sul do Brasil, destacando os períodos fundamentais do fenômeno lingüístico-dialetológico em correlação com a evolução socioeconômica. Em outro estudo,

¹³⁹ FROSI, Vitalina. Estudos da linguagem: dialetos italianos, variedade do português regional, prestígio e estigmatização. In: *Revista história: debates e tendências*. Passo Fundo: Editora UPF, V. 5, n. 1, 2004, p. 131-145.

¹⁴⁰ PAVIANI, Neires. *Atuação do professor de português em situações de bilingüismo*. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 1997.

¹⁴¹ PAVIANI, Neires. Estigma social da pronúncia no ensino do Português. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes e ZILLES, Urbano (Orgs.). *Filosofia: diálogos de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS e Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 627-643.

¹⁴² FROSI, Vitalina. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS. 1998. p. 158-167.

Frosi¹⁴³ trata da estigmatização sociolingüística na fala da região colonial italiana. Os resultados da pesquisa, relativos ao período compreendido entre 1975 e os dias atuais, apresentam prestígio e uso dominante da língua portuguesa e atribuem um valor neutro à fala dialetal italiana, com uso restrito e, de modo geral, passivo.

O trabalho de Santos¹⁴⁴ investiga a inter-relação entre a fala do personagem *Radicci*, criação do cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique Iotti, e a fala proveniente do contato do imigrante italiano com o novo meio, na região de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, tanto no meio urbano, quanto no rural.

Esta experiência de pesquisa fez compreender que todas as diferentes etapas do processo são muito importantes. Na verdade, a pesquisa é concluída apenas em termos, para fins de dissertação. O processo continua e reclama por novos estudos. Os resultados obtidos poderão ser retomados para o prosseguimento do estudo em dimensões mais amplas, nas quais sejam contemplados todos os aspectos implicados na totalidade do fenômeno lingüístico.

A função maior de todo trabalho de caráter científico é fazer com que o conhecimento reverta em benefício da sociedade, e o objetivo desta pesquisa não poderia ser outro.

No caso da Galópolis, as variedades lingüísticas faladas pelos seus moradores estão sendo aceitas como um bem cultural e não como uma herança negativa. A valorização da fala característica da comunidade não deve ficar só a nível de festas, propagandas e atrações turísticas. Deve fazer parte da vida dos sujeitos como algo a mais, como forma de preservar a própria cultura e o saber dos imigrantes, ambos marcados pela valorização do trabalho e pela superação das dificuldades.

¹⁴³ FROSI, Vitalina. L'italiano standard e i dialetti italiani in Brasile. In: MARCATO, Gianna (a cura di). *I confini del dialetto*. Padova, 2001, p. 253-264.

¹⁴⁴ SANTOS, Salete dos. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. Mestrado interinstitucional UFRGS/UCS, 2001.

Na escola, alguns dos resultados deste trabalho podem ser inseridos no estudo da língua portuguesa e também da sociologia, pois o fato de o sujeito não se envergonhar da própria realidade, pelo contrário, orgulhar-se da origem étnica, da condição sociocultural e encontrar um contexto escolar em que isto pode ser vivenciado, é extremamente benéfico para a formação plena dos educandos também como falantes e cidadãos. A escola deve priorizar o respeito às diferenças e à bagagem cultural que o educando traz consigo ao ingressar na instituição. Só assim o ambiente escolar será realmente um espaço que respeita e promove a dignidade humana.

A experiência vivenciada durante a pesquisa, além de muito enriquecer minha atividade aí compreendida, proporcionou vivências e contato humano de valor inestimável. A pesquisa foi bastante reveladora e o material levantado, por ser muito rico, poderá facilmente ser utilizado em outros trabalhos. Assim, suscitado pelo próprio processo da pesquisa e pelos resultados obtidos, é meu desejo continuar o trabalho aqui iniciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996.

BACILA, Carlos Roberto. *Estigmas: um estudo sobre os preconceitos*. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 2005.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2. ed. 1999.

_____. *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001.

BERRUTO, Gaetano e BERRETTA, Monica. *Lezioni di sociolinguistica e linguistica applicata*. Napoli: Liguori, 1977.

BLOM, Jan-Petter e GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2. ed. 2002.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

BRITTO, L. P. L. *A sombra do caos: ensino de língua vs. tradição gramatical*. Campinas: Mercado de Letras/ ALB, 1997.

CANEPARI, Luciano. *Italiano Standard e pronunce region ali*. Padova: CLEUP, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

DISTÂNCIAS RODOVIÁRIAS. Disponível em:

<<http://www.farroupilha.rs.gov.br/imagens/mapa.jpg>>. Acesso em: 08 ago. 2006.

DUBOIS, et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1991.

EPSTEIN, Arnold. L. *L'identità etnica: tre studi sull'etnicità*. Torino: Lescher, 1983.

ERVIN, S. e OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism, suplemento da revista *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 49, 1954.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. 'Região': desenhando os fundamentos de um conceito superestrutural. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (Org.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

FERGUSON, C. A. *Diglossia*, *Word*, 15, 1959.

FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed., 2004.

FISCHER, John L. Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas. In: FONSECA, Maria Stella e NEVES, Moema. (Orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FISHMAN, Joshua A. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995.

FROSI, Vitalina M. e MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, Vitalina M. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, Giovanni Meo (Org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Stampa Multigraf, 1987.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário. (Coord.), *Nós, os ítalo-guaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. L'italiano standard e i dialetti italiani in Brasile. In: MARCATO, Gianna (a cura di). *I confini del dialetto*. Padova, 2001.

_____. Estudos da linguagem: dialetos italianos, variedade do português regional, prestígio e estigmatização. In: *Revista história: debates e tendências*. Passo Fundo: Editora UPF, V. 5, n. 1, 2004.

GALLI DE' PARATESI, Nora. *Lingua toscana in bocca ambrosiana; tendenze verso l'italiano standard: un'inchiesta sociolinguistica*. Bologna: il Mulino, 1984.

_____. Mutamenti sociali e norma linguistica. In: LO CASCIO, Vincenzo (Org.). *L'Italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987.

GIRON, Loraine S. e BERGAMASCHI, Heloisa E. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada*. Trad. Márcia Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 4. ed. 1988.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

HERÉDIA, Vania B. M. *Processo de industrialização na zona colonial italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1997.

_____. *Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor*. Porto Alegre: EST, 1. ed. 2003.

HEYE, Jürgen. Sociolinguística. In: PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em:

<<http://www.socioambiental.org/esp/indiosemitares/xenofobia.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

LABOV, William. *Sociolinguistique*. Présentation de Pierre Encrevé. Traduit de l'anglais par Alain Kihn. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004.

MACKEY, William. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. *Leading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague, Monton, 1972.

MATTHEWS, Peter. *Oxford concise dictionary of Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1997.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Global, 1986.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAVIANI, Neires. *Atuação do professor de português em situações de bilingüismo*. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 1997.

_____. Estigma social da pronúncia no ensino do Português. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes e ZILLES, Urbano (Orgs.). *Filosofia: diálogos de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS e Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PESAVENTO, Sandra J. O imigrante na política Rio-grandense. In: DACANAL, José H. (Org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. *Coordenadoria Distrital*. Disponível em:

<http://www.caxias.rs.gov.br/distrital/distrital_galopolis.php4>. Acesso em: 27 mar. 2005.

SABATINI, F. L'italiano dell'uso medio: una realtà tra le varietà linguistiche italiane. In: HOLTUS, G. e RADTKE, E. (Org.). *Gesprochenes Italienisch*. Cidade: editora, 1985.

SANTOS, Salete dos. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. Mestrado interinstitucional UFRGS/UCS, 2001.

SIGUAN, Miquel S. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

VERONA, Antonio Folquito. *Itália & Brasil – Galópolis (Caxias do Sul)*. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/~folquito/galopolis.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2005.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Boringhieri, 1974.

WIKIPÉDIA. *A enciclopédia livre*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:RioGrandedoSul_Municip_CaxiasdoSul.svg>. Acesso em: 08 ago. 2006.

ANEXO I – Ficha para a elaboração do histórico do sujeito

FICHA PARA A ELABORAÇÃO DO HISTÓRICO DO SUJEITO

Nome civil	
Nome por que é conhecido (apelido)	
Sexo	
Idade	
Estado civil	
Local do nascimento	
Naturalidade da mãe	
Naturalidade do pai	
Naturalidade do avô paterno	
Naturalidade da avó paterna	
Naturalidade do avô materno	
Naturalidade da avó materna	
Profissão	
Nível de instrução escolar	
Sistemas lingüísticos utilizados na comunicação	
Local de registro da entrevista	
Data do registro	

ANEXO II – Texto utilizado na audição da variedade lingüística do português padrão

A chegada dos primeiros imigrantes

Os primeiros imigrantes italianos chegaram em Nova Milano no ano de 1875. Eles chegaram mesmo no lugar chamado Fundos de Nova Palmira que, naquela época, pertencia a Caxias do Sul. Ali eles ficaram num barracão até conseguirem construir as suas casas.

Não havia estradas, não havia quase nada. Para comer, eles tiveram que derrubar o mato, fazer as roças, plantar para depois colher. Bem no início, havia muitos bichos, alguns eram ferozes, outros não. Os imigrantes se alimentavam com a caça e comiam pinhões. Cada família recebeu um lote de terra para trabalhar e morar.

A Região de Colonização Italiana era grande e foi dividida em Travessões ou Linhas e em lotes. Os italianos acreditavam na religião católica, em Deus, em Nossa Senhora e nos santos e assim pensaram em construir logo as igrejas para juntos rezarem. Eles se ajudavam e se davam como irmãos.

Vieram embora da Itália porque lá a miséria era grande, não tinham nem pão para dar aos filhos. A Itália não era rica como hoje. A riqueza existia, mas estava nas mãos de poucos.

A viagem para cá foi difícil, alguns morreram durante a viagem, mas os outros aqui chegaram, tornaram-se proprietários de um lote de terra, viveram, construíram cidades e foram felizes.

L'arivo dei primi imigranti italiani

I primi imigranti italiani i zê rivái a Nova Milano nel mila otosento e setanta sinque. Lori i zê rivái próprio in tel posto che se chiamava "Fundos de Nova Palmira" e che, in quela epoca, fêa parte de Cassia do Sul. Lì, i zê restái in un baracõn fin che i ga podesto construir le sue case.

No ghe géra strade, no ghe géra quase gnente. Par magnar, lori i ga bio de taiar zô 'l bosco, far le piantassiõn, par podêr cóglie. Próprio al inizio, ghe géra molte bestie, qualchedúne anca feroci, altre nó. I migránti italiáni i magnáva ozéi e pignôni. Ogni famêia la ciapêa un loto de tera par laorar e viver.

La Región de Colonizassiõn italiána la géra gránda e la zê stada dividida in Travessõni o Linee e in loti. I taliani i credêa in te la religiõn catolica, in Dio, in te la Madona e in tei sánti e cossíta i ga pensá di construir súito le ciêse par pregar tuti insieme. L'òri i se iutáva e i se voléa ben come fradéi.

I zê vegnêsti via della Itália parchê là la miséria la géra gránda. No ghê géra gnánca pan par darghe ai fiòi. L'Italia no la era rica come ancò. La riqueza la ghe géra, però la iéra in man de póchi.

Il viáio per végnere quá è státo difíssil; alcuni i zê mórti duránte il viáio, ma i álti i zê rivái quá, i zê diventái proprietári de un lóto de tera, i ga vivésto, i ga costruío citá e i zê stai fortunái.

ANEXO IV – Texto utilizado na audição da variedade lingüística de português com interferências do dialeto italiano

A **segáda** dos **primero** imigránte

Os **primero** imigránte italiáno **segárom** em Nova Miláno no **áno** de mila oitossento e **setênta** e **sinco**. Eles **segárom** mesmo no lugar **samádo** Fundos de Nova Palmira que, naquela época, pertencia a **Cassias do Sul**. Ali eles **ficárom** num **baracôm** até que **consequírom** **costruí** as suas casa.

Nôn **tinha** strada, **nôn** **tinha** quase nada. **Prá** comê, eles **tivérom** que **derubá** o mato, **fazê** as **róça**, **plantá** **prá** depois **colhê**. Bem no início, **tinha** muitos **bíссо**, alguns **érom** **ferrózes**, outros **nôn**. **Oz** imigránte se **alimentávõ** com a caça e **comiõ** **pinhõ**. Cada família **recebeu** um pedaço de **tera** **prá** **trabalhá** e **morá**.

A **Regiõn** de **Colonizaçõn** **Italiána** era **gránde** e foi dividida em **Travessõn** ou **Líneas** e em **lotes**. Os italiáno **acreditávom** na **religiõn** católica, em **Deus**, em **Nossa Senhórra** e nos **sánto** e assim **pensárõ** de **costruí** logo **az** **igrêza** **prá** **rezá** **zúntos**. Eles se **azudávom** e se **dávom** como **irmõn**.

Viérom embora da **Itália** porque lá a **miséria** **erra** **gránde**, **nôn** **tínhom** nem **põ** **prá** dá **prôs** **filho**. A **Itália** **nôn** era **rica** como **oze**. A **riquêza** existia, ma **táva** nas **mõ** de **põco**.

A **viáze** **prá** cá foi difícil, alguns **morêrõn** **duránte** a **viáze**, ma **oz** **ôtro** aqui **segárõn**, se **tornárõn** **proprietário** de um **lote** de **tera**, **vivêrõn** , **costruírõn** **cidade** e **fôrõn** **felizes**.

ANEXO V – Instrumento utilizado na pesquisa quantitativa

Atitudes lingüísticas

Questões	concordo plenamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente
1. Esta pessoa que você ouviu é inteligente.					
2. Esta pessoa que você ouviu é feia.					
3. Esta pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim.					
4. Esta pessoa que você ouviu é estudada.					
5. Esta pessoa que você ouviu sofre preconceito social.					
6. Esta pessoa que você ouviu sente orgulho de falar assim.					
7. Esta pessoa que você ouviu é atrasada.					
8. Esta pessoa que você ouviu é grossa.					
9. Esta pessoa que você ouviu é trabalhadora.					
10. Esta pessoa que você ouviu é um típico morador da colônia.					
11. Esta pessoa que você ouviu vive na cidade.					
12. Esta pessoa que você ouviu segue a igreja católica, é praticante e temente a Deus.					
13. Esta pessoa que você ouviu tem respeito à família, aos pais e irmãos mais velhos.					
14. Esta pessoa que você ouviu foi orientada a trabalhar.					
15. Esta pessoa que você ouviu dá importância ao trabalho como forma de vencer na vida.					
16. Esta pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam.					
17. Esta pessoa que você ouviu engana os outros.					
18. Esta pessoa que você ouviu dá valor aos ensinamentos dos pais.					
19. Esta pessoa que você ouviu é de confiança.					
20. Esta pessoa que você ouviu exerce a profissão de					

Nome do entrevistado:.....

ANEXO VI – Instrumento utilizado na pesquisa qualitativa

Tópicos para a entrevista qualitativa

1. Quando você era criança, seus pais falavam com você em dialeto italiano, em português ou em outra língua? Por quê?

2. Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

3. Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais ou avós?

4. Hoje, em que língua os pais falam com os filhos?

5. Hoje, em que língua os avós falam com os netos?

6. Em que língua os filhos, hoje, falam com seus pais?

7. Em que língua os netos, hoje, falam com os avós?

8. Em que língua as crianças aprendem a rezar, hoje em dia?

9. Você lembra de algum fato importante, relacionado com a fala, na época em que você freqüentava a escola primária?

10. Onde você transcorreu a sua juventude? Relate algum fato importante desta fase, vivenciado por você.

11. As pessoas da colônia sentiam vergonha de falar em dialeto italiano com as outras pessoas da localidade onde moravam? Se for o caso, por quê?

12. Se for o caso, hoje, em que situações e com quem você fala em dialeto italiano?

13. Quando os pais ou outras pessoas da família falavam em português com sotaque do dialeto italiano, os filhos sentiam vergonha pelo fato de os pais falarem o português com esse sotaque? Se for o caso, em que situações isso acontecia?

14. Hoje, os filhos sentem vergonha se os pais falam português com sotaque do dialeto italiano? Se for o caso, em que ocasiões isso acontece?

15. Se for o caso, a partir de que época (ano, década) você deixou de falar o dialeto italiano?

16. As pessoas da colônia sentiam vergonha de falar com as pessoas da cidade? Por quê?

17. Se for o caso, esse sentimento de vergonha que as pessoas da colônia sentiam, quando falavam com pessoas da cidade, ainda acontece hoje?

18. Você presenciou alguma briga na época em que você era jovem? Que expressões uma pessoa usava para ofender a outra, numa briga ou discussão?

19. Você lembra de algum fato histórico ou político que pudesse ter interferido no modo de falar das pessoas da RCI?

20. Você acredita que fatos históricos ainda hoje podem interferir na fala das pessoas?

21. Você ouviu alguém contar, ou você conhece alguma piada ou anedota que envolve o jeito de falar das pessoas da RCI? Conte algumas ou todas as piadas que você conhece sobre fatos ocorridos aqui em Caxias do Sul.

22. Em que língua eram contadas as piadas ou as anedotas?

23. Hoje, em que língua/s são contadas as piadas aqui em Caxias do Sul?

24. Você conhece ou ouviu alguém da sua família dizer algum provérbio em dialeto italiano? Por que diziam provérbios? Você poderia dizer os provérbios que você conhece?

25. Em que língua você aprendeu a rezar (Anjo da Guarda, catecismo, etc.)? Se for o caso, em que língua você reza hoje?

26. Como chamavam a mulher quando ela tria o marido?

27. Hoje, como chamam a mulher se ela trai o marido?

28. Como chamavam o homem quando era traído pela mulher?

29. Hoje, como é chamado o homem se ele é traído pela mulher?

30. Quando não havia televisão, os pais ou os avós contavam estórias para as crianças? Em que língua contavam as estórias?
